



**Renata Casemiro Cavour**

**Mulheres de Família: Papéis e Identidades  
da Prostituta no Contexto Familiar**

**Dissertação de Mestrado**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio.

Orientador: Prof. Bernardo Jablonski

Rio de Janeiro,  
fevereiro de 2011



**Renata Casemiro Cavour**

**Mulheres de Família: Papéis e Identidades da Prostituta  
no Contexto Familiar**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Prof. Bernardo Jablonski**

Orientador  
Departamento de Psicologia- PUC-Rio

**Prof. Terezinha Féres-Carneiro**

Departamento de Psicologia- PUC-Rio

**Prof. Maria Luiza Heilborn**

UERJ

**Prof. Andreia Seixas Magalhães**

Departamento de Psicologia- PUC-Rio

**Prof. Denise Berruezo Portinari**

Coordenador(a) Setorial de Pós-Graduação e Pesquisa  
do Centro de Teologia e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 17 de fevereiro de 2011

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e do orientador.

### **Renata Casemiro Cavour**

Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em agosto de 2008. Possui experiência na área clínica e na pesquisa com ênfase em casamento e família

#### Ficha Catalográfica

<p>Cavour, Renata Casemiro</p> <p>Mulheres de Família: Papéis e Identidades da Prostituta no Contexto Familiar. Autor: Renata Casemiro Cavour. Orientador: Bernardo Jablonski. Rio de Janeiro, 2011.</p> <p>148 f.; 30 cm</p> <p>Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia.</p> <p>Incluí referências bibliográficas.</p> <p>1. Psicologia – Teses. 2. Prostituição. 3. Família. 4. Profissionais do Sexo. I. Jablonski, Bernardo II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.</p>
--

CDD: 150

Dedico esta dissertação de mestrado à  
minha família e ao meu namorado, André.

## Agradecimentos

Acredito que escrever esta parte de agradecimentos é um dos momentos mais esperados por mim nessa dissertação de mestrado por dois motivos: primeiro porque isso é sinal que meu trabalho está chegando ao fim e segundo, como uma forma de me homenagear àqueles que me auxiliaram neste tempo.

Agradeço a Capes pelo financiamento, que me possibilitou realizar essa pesquisa e a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro por esta oportunidade de crescimento.

Ao professor e amigo Bernardo Jablonski, por sua orientação neste trabalho e por sua paciência comigo! Tenho muito orgulho de ter sido sua aluna esses anos todos! Obrigada por tudo!

Agradeço às professoras Maria Luiza Heilborn e Terezinha Féres-Carneiro por terem aceitado o convite de fazer parte desta banca. Fico muito honrada pela presença!

Agradeço aos professores do mestrado e todos os funcionários do Departamento de Psicologia por toda ajuda.

Agradeço, à minha família, que sempre me incentivou nesses anos todos de estudo, me estimulando dizendo que "tudo vai dar certo". À eles que, muitas vezes, me achavam obsessiva por comprar livros, taí o porquê disso tudo. À minha irmã que queria minha companhia e que escutava um "daqui a pouquinho". À minha vó que dizia que eu ia enlouquecer de tanto estudar, ela quase acertou...

Agradeço muito ao meu namorado André, que sempre esteve ao meu lado, na alegria, na tristeza, no desespero... Sempre me ajudou em tudo, tentando me mostrar o meu potencial. Pela paciência que teve comigo, bem como as diversas tardes de estudo que tivemos juntos, aí está o resultado, mais uma vitória nossa! Obrigada por estar meu lado em todas as direções que eu quis seguir e por querer continuar a fazer planos e realizar sonhos em conjunto.

Aos meus queridos amigos e amigas que tentaram entender as minhas ausências em aniversários e reuniões. Mil desculpas pelo telefonema que não foi dado, pelos meus relapsos... voltarei ao normal!!

Aos amigos da turma de mestrado, parabéns a todos! Sucesso!

À querida Reivani, que quase fez promessa para eu entrar no mestrado, aqui está o fruto de suas poderosas rezas!

À querida Helena, pela ajuda na dissertação e na vida pessoal, sempre presente em todos os momentos! Obrigada por tudo!

Ao professor Celso Aragão por sua ajuda e orientação. Ao Antônio, por todo apoio!! Thank You!

Agradeço à minha amiga Mônica pelo contato no ambulatório, sem isso teria sido muito mais complicado. Agradeço a enfermeira Vera e o ginecologista Moses pelo apoio dado enquanto eu realizava a pesquisa. À toda equipe do ambulatório, o meu muito obrigada!

A todos, com carinho, obrigada!

## Resumo

Cavour, Renata Casemiro; Jablonski, Bernardo. **Mulheres de Família: Papéis e Identidades da Prostituta no Contexto Familiar**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2011, 148p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta pesquisa teve como objetivo compreender e analisar a convivência da prostituta com sua família e seu meio social. A família é tratada por essas mulheres como um meio que deve ser vivido a parte da prostituição, um mundo de valores morais, no qual a mulher de família nada tem a ver com prostituta. Com a finalidade de investigar esse fenômeno, foram entrevistadas dez mulheres com filhos que trabalham na Vila Mimosa, zona de baixo meretrício da zona norte do Rio de Janeiro. As entrevistas foram analisadas através da metodologia qualitativa e foram elaboradas categorias com a finalidade de sistematizar e melhorar a compreensão dos objetivos colocados pela pesquisa. Revelaram-se nos resultados as relações sociais que estabeleceram na família, no trabalho e na comunidade; o cotidiano no meio prostitucional; as questões relacionadas à sua família de origem; e a dedicação com os filhos. A base teórica utilizada neste trabalho envolveu pesquisas e literaturas interdisciplinares que abordassem o tema, bem como autobiografia de mulheres que não exercem mais a profissão. Como base teórica foi feito um estudo sob o histórico da prostituição, a Vila Mimosa como exemplo de luta e perseverança do meio prostitucional, as identidades e os estereótipos vividos pela profissional do sexo, vivência com clientes e a ambiguidade entre a mulher da rua e a mulher de família.

## Palavras-chave

Prostituição; Família; Profissionais do Sexo

## **Abstract**

Cavour, Renata Casemiro; Jablonski, Bernardo (Advisor). **Family of Women: Roles and Identities in the Context of Family Whore.** Pontificia Universidade Catolica do Rio de Janeiro, 2011, 148p. MSc Dissertation - Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

This research aimed to understand and analyze the prostitute's relationship with her family and social setting. These women treat their families as a setting to be lived apart from prostitution, as a world of moral values in which the family woman bears no likeness to the prostitute. To investigate this phenomenon, interviews were conducted with ten women with children who work in Vila Mimosa, a lower-class meretricious zone. To analyze the interviews, the qualitative methodology was adopted and categories were elaborated to systematize and improve the understanding of the objectives set forth in the research. The results revealed the social relations established in the family, at the work environment and inside the community; the daily life of prostitution; the questions related to their families of origin; and the dedication extended to the children. The theoretical basis adopted in this study comprised interdisciplinary research and literature on the subject, as well as the autobiographies of women who are no longer engaged in prostitution. This research addressed prostitution from its beginnings to current times, Vila Mimosa as an example of its struggle and perseverance, the identities and stereotypes lived by the sex professional, their interaction with clients, and the ambiguity between the street woman and the family woman.

### **Key-words:**

Prostitution; Family; Professional of Sex.

## Sumário

1 - <i>Considerações iniciais – introdução</i> _____	11
2- <i>Breve histórico da prostituição no brasil</i> _____	15
3- <i>A prática do meretrício</i> _____	26
3.1- O programa _____	26
3.2- Locais de prostituição _____	28
4- <i>Vila Mimosa: um lugar de luta e prazer</i> _____	42
4.1- Vila Mimosa _____	43
4.2- Zona do Mangue _____	44
4.3- Vila Mimosa _____	49
4.4- A nova Vila Mimosa _____	55
5- <i>Atrás dos mimos: o cliente das prostitutas</i> _____	58
5.1- A busca por prostitutas _____	59
5.2- Quem são os clientes? _____	63
6- <i>Identidade, preconceito e papel social</i> _____	71
7- <i>Prostituta: mulher de família</i> _____	82
7.1 A família e mulher brasileira: os diferentes papéis ao longo do tempo _____	84
7.2 Prostitutas e sua família _____	95
8- <i>Estudo de campo</i> _____	108
9- <i>Análise e discussão dos resultados</i> _____	112
10- <i>Considerações finais</i> _____	129
11- <i>Referências bibliográficas</i> _____	137
12- <i>Anexos</i> _____	148

### **Hino da Prostituição**

*Sei que a prostituição carrega um estigma sem fim  
De qualquer modo o preconceito é ruim  
E perpassa a história do tempo  
É prostituta, é pervertida, é puta, é rameira  
É quem desperta o desejo, mas é companheira  
Na verdade é trabalho  
E não dá pra negar  
Sei que há muito tempo existe a prostituição  
Fora da lei, contraversão ou não  
Delírio pegando fogo  
Assim em troca de carinho se oferta prazer  
Como em qualquer profissão que vai exercer  
Pois a zona produz amor  
Realizando o desejo do povo  
E que uma coisa esteja certa, amor  
A zona vai estar sempre aberta, amor  
O cabaré vai dar uma festa, amor  
Na hora que você chegar  
E que uma coisa esteja certa, amor  
A zona vai estar sempre aberta, amor  
O cabaré vai dar uma festa, amor  
Na hora que você chegar*

*Faz, faz, faz, faz, faz, faz  
Faz carinho em mim  
Faz carinho em mim  
Faz carinho em mim  
Eu não posso transar sem a camisinha meu amor*

*(Anônimo)*

## 1 - CONSIDERAÇÕES INICIAIS – INTRODUÇÃO

*“Doente de amor procurei  
remédio na vida noturna  
Com a flor da noite  
em uma boate aqui na zona sul  
A dor do amor é com outro amo  
que a gente curar  
Vim curar a dor desse mal de amor  
na boate azul”  
Boate Azul (Bruno e Marrone)*

Em pleno século XXI, muitas pessoas ainda se surpreendem pela existência da prostituição. Considerada como a profissão mais antiga do mundo, a prostituição mantém sua posição na sociedade, ganhando diversos novos ramos e está muito distante de terminar.

Prostituir-se, portanto, segundo o dicionário Houaiss (2009), está relacionado à ação de se entregar ao ato sexual, especialmente por dinheiro ou outros presentes<sup>1</sup>.

A marginalidade da profissão está diretamente relacionada à representação social da mulher em relação à sexualidade. De acordo com essa representação, o sexo para o homem seria uma necessidade fisiológica e para a mulher estaria relacionado ao amor. Aquelas que se dedicavam a prostituição eram consideradas anomalias, fugiam da regra.

Entretanto, a prostituição é uma forma de trabalho, na qual o corpo é o instrumento utilizado para ganhar seu sustento. Nesse sentido, a prostituta deve ser vista como um sujeito com história, vontades e decisões próprias, e não somente como vítima de uma situação.

---

<sup>1</sup> Alguns sinônimos para meretriz são: alcouceira, andorinha, bagaço, bagageira, bagaxa, bandarria, bandida, barca, bebena, besta, biraia, bisca, biscaia, biscate, bocetinha, bofe, boi, bruaca, bucho, cação, cadela, cantoneira, caterina, catraia, china, clori, cocote, coirão, cortesã, courão, couro, cróia, croque, cuia, culatrão, dadeira, dama, decaída, égua, ervoeira, fadista, fêmea, findinga, frega, frete, frincha, fuampa, fusa, galdéria, galdrana, galdrapinha, ganapa, horizontal, jereba, loba, loureira, lúmia, madama, madame, marafa, marafaia, marafantona, marafona, marca, mariposa, menina, meretrice, messalina, michê, michela, miraia, moça, moça-dama, mulher-dama, mulher-solteira, mundana, murixaba, muruxaba, paloma, pécora, pega, perdida, perua, piranha, piranhuda, pistoleira, piturisca, prostituta, puta, quenga, rameira, rapariga, rascoa, rascoeira, reboque, rongó, solteira, tapada, tolerada, transviada, tronga, vadia, vaqueta, ventena, vigarista, vulgívaga, zabaneira, zoína, zorra; e as locuções: mulher à-toa, mulher da comédia, mulher da rótula, mulher da rua, mulher da vida, mulher da zona, mulher de amor, mulher de má nota, mulher de ponta de rua, mulher do fado, mulher do fandango, mulher do mundo, mulher do pala aberto, mulher errada, mulher perdida, mulher pública, mulher vadia etc.

Na prostituição, existem diversos atores, mas dois recebem mais destaque: a prostituta e o cliente. Este último está presente nos locais de prostituição para obter prazer e companhia e ela está lá para oferecer aquilo que procura através de um preço. Preço que é discutido minuciosamente, detalhando tudo o que vai fazer parte do pacote do serviço, cada item a mais, um acréscimo no orçamento.

Para isso, é necessário que a prostituta tenha ou adquira algumas habilidades de comerciante: ela deve saber vender seu produto sem que seja passada para trás. Ou seja, ela tem que ser capaz de negociar seus dotes, sabendo separar sexo de qualquer tipo de sentimento, sem que seja envolvida por promessas falsas ou clientes caloteiros.

A troca do sexo por dinheiro está diretamente relacionada às necessidades do mundo capitalista. Essas necessidades não estão apenas atreladas à sobrevivência, mas como também ao bem estar, ao status e à aceitação social. Na sociedade de hoje, na qual as pessoas valem aquilo que têm, o ter gera status e representa poder. No meio prostitucional isso não é diferente: meninas também se prostituem para conseguir aquilo que lhes dão status e clientes as procuram para comprar o objeto ambicionado.

Na troca do dinheiro por sexo, o poder se difunde em todos os contatos dos atores envolvidos. Ele está presente nas negociações, na barganha propriamente dita, no pagamento do serviço e, até mesmo, depois, na percepção que se tem do ato realizado. A prostituição, mesmo pensada como forma de troca, não elimina o aspecto do poder, ou dos micro-poderes, mas os incorpora como parte dos elementos que a compõem.

Os homens têm o poder da compra do corpo da mulher desejada através da posse do dinheiro, além da idéia de posse da mulher passiva, submissa e dominada. Já a mulher tem o poder da imposição de limites, na fixação das regras do jogo e na possibilidade de dar prazer através do trabalho exercido. Além disso, ambos têm o direito de não aceitar as propostas de programa estabelecidas, as recusando logo de início.

A partir disso, podemos nomear todas as mulheres que trocam sexo por algum benefício como prostituta? Nesse sentido, aquelas mulheres que casam em busca de melhoras financeiras seriam prostitutas? Ou ainda, aquelas que começam a namorar e passam a pedir presentes ao namorado ou sutilmente exigir que lhe pague algumas dívidas? Essas perguntas podem ter respostas

dúbias, pois apesar de não deixarem dúvidas quanto ao comportamento financeiro, não estão interligando somente sexo ao dinheiro.

A figura da prostituta tem uma série de estereótipos referidos, que são utilizados como uma forma de explicação para a sua condenação moral e rotulam seu ser em uma imagem pré-estabelecida. Ao tentar imaginar uma prostituta, portanto, a imagem associada é de uma mulher com pouca roupa, drogada e de baixo nível. Porém, essa imagem não se encaixa com os modelos das mulheres descritas nas perguntas acima ou até mesmo nas prostitutas de luxo que freqüentam universidades.

Ao fixarmos esse rótulo, é esquecido que essas mulheres prostitutas têm outros papéis na sua vida. Embora a prostituição seja o seu trabalho, sua forma de sustento e de ganhar dinheiro, fora dali, elas ocupam o papel de mãe, filha, esposa, ou seja, de pessoas comuns. A prostituição não faz parte da personalidade do sujeito, mas é uma parte da vida do sujeito. Assim como o psicólogo não nasceu profissionalizado e só realiza sua profissão no seu local de trabalho- empresas, clubes, escolas, consultórios, etc –, a prostituta não nasceu com essa característica e se desliga quando não está trabalhando.

O objetivo dessa pesquisa é conhecer um pouco sobre a família da prostituta e que tipo de relação essa mulher estabelece com seus pais, filhos e companheiros. Paralelamente, o estudo também abrange o conhecimento do contexto da prostituição com a finalidade de entender melhor o ambiente em que as entrevistadas estão inseridas.

No capítulo 2 será vista a história da prostituição no Brasil e os diferentes papéis sociais ocupados pelas profissionais do sexo ao longo do tempo.

No capítulo 3, o estudo se focará sobre as diferentes formas de meretrício. Cada segmento da prostituição tem estilos diferentes de mulheres, frequentadores, comportamentos e, para um estudo aprofundado no tema, é importante conhecer um pouco de todos esses segmentos.

No capítulo 4, história de um dos lugares ícones da luta das prostitutas no Brasil: a Vila Mimosa. As diversas mudanças, resistências e lutas vividas por uma zona de meretrício que luta por seus direitos.

No capítulo 5, os clientes recebem destaque, pois eles são peças fundamentais na prostituição.

No capítulo 6, o objetivo é demonstrar os diferentes papéis sociais da mulher prostituída. A importância de observar a prostituta não só como vítima

da situação, mas também como agente de suas escolhas, alguém que não foi induzida à estar ali e sim, ela mesma que procurou o meretrício. Além disso, o capítulo também visa estudar os preconceitos sofridos por essas mulheres, que, muitas vezes, é estendido aos seus parentes.

Já o capítulo 7 trata do tema principal deste trabalho: a família da prostituta. De início, há um breve histórico da família brasileira com a intenção de ilustrar as diversas transformações vividas por ela ao longo tempo. Como segunda parte do capítulo, são estudadas as relações da prostituta com seu ambiente familiar, com o objetivo de conhecer um pouco desse meio.

Nos capítulos que seguem são vistas a metodologia e a análise dos resultados da pesquisa. Trata-se de uma pesquisa de campo envolvendo um grupo de dez prostitutas, com filhos e trabalhadoras da Vila Mimosa. Foi utilizado o método qualitativo, por ser uma investigação que tem a intenção de analisar os significados que um indivíduo ou grupo oferece a um fenômeno. Foi utilizado neste trabalho a análise do conteúdo elaborada por Bardin (1977).

## 2- BREVE HISTÓRICO DA PROSTITUIÇÃO NO BRASIL

Durante o período de colonização do Brasil, os primeiros homens que aqui aportaram vieram sem suas famílias a fim de explorarem as terras. Como forma de satisfazerem seus anseios sexuais e, ao mesmo tempo, se aproximarem dos índios da terra, os colonos mantinham relações sexuais com as índias e, quando as engravidavam, viravam “parentes” dos índios, obtendo braços fortes para carregar o pau-brasil para suas naus (Ribeiro, 1995).

Porém, a Igreja Católica ficava preocupada moralmente com a rapidez em que os colonos portugueses engravidavam as indígenas e com a miscigenação que ocorria. Padre Manoel Nóbrega, responsável pelos jesuítas no Brasil, pediu ao Rei, em 1549, que mandasse vir mulheres brancas portuguesas para que pudessem se casar e se reproduzir com os colonizadores, com a finalidade de tornar a raça branca prevalente: “*Vossa Alteza mande muitas orphans e si não houver muitas venham de mistura dellas e quaesquer, porque são tão desejadas as mulheres brancas cá, que quaesquer farão cá muito bem a terra*” (Nobrega, M. *pág12*). Foi assim que foram enviadas pelo Rei meninas órfãs, ladras, prostitutas e assassinas, para que se casassem com os colonos e povoassem o Brasil.

O objetivo da vinda das mulheres do Reino que aportaram na colônia brasileira foi, dessa forma, o mesmo de outros homens que vieram com os nobres colonizadores: o de reproduzir os portugueses na Colônia.

Por volta de 1641, muitas escravas se prostituíam para sustentar seus senhores. Elas usavam trajes que chamavam atenção dos passantes, expondo boa parte de seu corpo. Esse fato chegou a preocupar o rei de Portugal que, em 1709, proibiu que elas usassem qualquer adorno que incitasse o pecado. As prostitutas brancas dessa época se vestiam bem e bonito, mas tinham comportamentos abusados, como entrar na Igreja. Tais comportamentos irritaram o governador da capitania de Minas Gerais, conde de Galveias, que por pouco não as expulsou de sua cidade (Araújo, 2009).

No século XVII, São Paulo enriqueceu, basicamente, devido à descoberta do ouro em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. São Paulo, em seus primórdios, era uma cidade isolada pela Serra do Mar e pela dificuldade de subir a serra por meio das matas e penhascos. Somente por alguma forte

necessidade é que justificava a ida até lá. Tornou-se, com isso, um excelente refúgio para fugitivos da Justiça (Fonseca, 1982).

Fonseca (1982) retrata que as primeiras casas de prostituição em São Paulo surgiram em meados do século XVIII com a descoberta de ouro em Cuiabá. São Paulo transformou-se em ponto de passagem obrigatório de forasteiros, indivíduos turbulentos, depravados, criminosos e prostitutas que se preparavam para exploração das minas, enchendo os lupanares, casas de jogos e tabernas. Durante o governo do capitão-geral Martim Lopes Lobo Saldanha (1775-1782), por exemplo, havia inúmeras casas em que se realizavam festas com a presença de prostitutas, principalmente na fazenda de São Caetano da Borda do Campo.

Entretanto, no próprio século XVIII, havia uma forma de punição àqueles que perturbavam a ordem: o isolamento da sociedade. Tal penalidade abrangia tanto prostitutas quanto adúlteras. Estas mulheres seriam, então, transformadas em elementos úteis, contribuindo para o povoamento de regiões desertas (Engel, 2004).

Após a chegada de Dom João VI ao Rio de Janeiro, segundo Abreu (1984), a prostituição foi enobrecida por outro tipo de mulheres, desta vez provenientes dos Açores e da França.

A cidade do Rio de Janeiro, na segunda metade do século XIX, apresentava uma população muito numerosa e tal situação reduzia bastante as oportunidades de emprego para os indivíduos livres e despossuídos (em 1890, por exemplo, o total da população era de 522.651; destes, 48.100 indivíduos não tinham profissão). A condição de sobrevivência feminina era ainda mais precária, pois existiam preconceitos que restringiam as ocupações das mulheres. A prostituição era a opção com maior expressividade de ganhos. O meretrício tinha um perfil econômico-social e cultural diversificado, pois era composto por escravas, libertas, mulheres livres brasileiras ou estrangeiras (Engel, 2004).

No Rio de Janeiro, em 1845, as meretrizes eram divididas em três classes: as aristocratas ou de sobrado, as de “sobradinho” ou de rótula, e as da escória. As primeiras ficavam instaladas em bonitas casas com espelhos e um piano, símbolo burguês do negócio. As cortesãs eram mantidas por ricos políticos e fazendeiros. A segunda classe trabalhava em hotéis ou nas casas de costureiras de Botafogo e do Jardim Botânico. Elas ficavam em praças,

mercados e ao longo das paredes das avenidas importantes à espera dos clientes. As meretrizes da escória eram moradoras de casebres ou mucambos, conhecidos como casas de passes, e em cortiços (Priore, 2005).

O bordel funcionava como uma fuga para uma sociedade que de dia trabalhava e tinha diversas limitações morais sexuais. Diferentes formas de lazer ou até mesmo acordos políticos eram feitos nas noites boêmias junto ao som de músicas animadas e mulheres liberadas sexualmente.

No final do século XIX e início do século XX, a prostituição ganhou espaço na sociedade brasileira. Grandes bordéis e zonas de meretrício foram construídos e frequentados por homens de várias classes sociais. Os lugares de prostituição, tais como cabarés, cafés-encontros, “pensões chiques” (cabarés de alto luxo), teatros e restaurante, estabeleceram uma grande rede de sociabilidade. E tal rede é mantida por uma série de personagens: artistas, músicos, coristas, dançarinas, boêmios, gigolôs, prostitutas de diversas nacionalidades, clientes, choferes, garçons, arrumadeiras, cozinheiras, manicures, costureiras, porteiros e “meninos de recados”. A zona do meretrício funciona com códigos, leis e práticas próprias que funcionam até hoje, transformando-a em um espaço de interação social (Rago, 2008).

**“Eu sou radical nessa de separar profissionalmente o que é freguês do que é meu homem. Nunca dormi com freguês. Mesmo que pague pela noite toda, não durmo, não gosto. Beijo na boca também não, beijo na boca só com namorado. (...) A zona da Boca do Lixo tem a sua linguagem, seus códigos próprios, como em toda zona. Os lugares são conhecidos pelo número.” (Leite, 1992)**

O ano de 1867 é considerado um marco na chegada de moças judias da Europa Oriental, conhecidas como polacas, ao Brasil.

**“Das 104 primeiras meretrizes estrangeiras, em sua totalidade polacas, que aportaram no Rio de Janeiro em 1867, 37 seguiram viagem com destino ao Prata, tendo desembarcado aqui apenas 67. Nos anos seguintes, essa importação aumentou em proporções acentuadas, decrescendo em 1893, devido provavelmente a revolta naval.” (Pires de Almeida, 1906, PP. 50-3)**

Nessa época, a América Latina era o destino favorito dessas mulheres, pois havia um desequilíbrio entre o número de homens e mulheres, já que a imigração trouxe inicialmente um volume crescente de homens solteiros ou

desacompanhados momentaneamente de suas famílias. Ademais, a cultura latina tolerava a prostituição e ocorria corrupção nos meios políticos e policiais, que permitiam tanto a entrada ilegal, como a ausência de repressão mais forte às atividades de cafetismo. E nessa época, as rotas de navegação incluíam os portos da região (Kushnir, 1996).

Kushnir (1996) afirma que do diversificado leque de nacionalidades que chegavam ao porto carioca com destino ao mercado da prostituição, francesas e polacas marcam fortemente presença, tornando-se sinônimos de prazer. Tal status circunscreve-se ao fenômeno da Belle Epoque vivido pelas principais cidades – Rio de Janeiro e São Paulo — e do continente como um todo. Dormir com uma francesa fazia os homens brasileiros se sentirem o mais legítimo dos franceses.

Durante a segunda metade do século XIX, a prostituição estava localizada nas mais diversas regiões da cidade do Rio de Janeiro. As ruas da Misericórdia, Dom Miguel, os Largos do Moura e do Rocio, as ruas Espírito Santo, do Lavradio, do Riachuelo, de São Jorge, do Regente, do Núncio, da Conceição e respectivas adjacências eram apontadas como zonas de baixo meretrício. Já as *pensions d'artistes* – hotéis e pensões destinados à prostituição de luxo — localizavam-se em regiões centrais como as ruas do Passeio, do Ouvidor e Gonçalves Dias, mas também nas áreas do Catete, de Botafogo e do Jardim Botânico. Os music-halls – como Moulin-Rouge, na Praça Tiradentes; o Velha Guarda, no sopé do Morro de Santo Antonio; o Alcázar Parque na Lapa; o Cassino e o Parque Fluminense no Largo do Machado —, as casas de chope, os cafés-concerto, eram lugares frequentados por prostitutas e sua presença era incentivada pelos donos dos estabelecimentos para atrair mais clientes. Nas confeitarias e teatros mais elegantes da cidade encontraríamos as chamadas prostitutas de luxo. A confeitaria Colombo, por exemplo, era frequentada das 14 às 17 horas por senhoras de família e a partir das 17:30, o público era de prostitutas (Engel, 2004)

Priore (2005) afirma que os prostíbulos deram um novo conhecimento sexual aos brasileiros. O rito de iniciação sexual passou a ser realizado pelas cortesãs e diferentes práticas sexuais eram utilizadas com os mais velhos, que não deveriam, em hipótese alguma, transmiti-las à sua legítima esposa. Rago (2008) complementa que os rapazes poderiam saciar parte de seus impulsos

sexuais próprios da idade com as cortesãs, para que no futuro se adaptem e convivam sem grandes excitações com a esposa casta.

Alguns aspectos sociais determinavam a procura pela prostituição: os padrões, as normas de comportamento e os valores morais vigentes (valorização da virgindade, a monogamia, o patriarcalismo) que conferiam ao homem uma liberdade sexual justificada e aceita socialmente. Ademais, prostituir-se pode representar uma escolha, na medida em que, em termos econômicos, sexuais e emocionais, o exercício da prostituição poderia viabilizar para a mulher a vivência de uma condição mais autônoma e independente. A prostituta seria, ainda, a grande interlocutora dos frequentadores dos bordéis de luxo da cidade nas discussões sobre política, artes, economia, ou seja, assuntos que costumavam ser monopolizados pelo mundo masculino. A prostituição deve ser vista como um espaço efetivo de resistência ao ideal da mulher frágil e submissa (Engel, 2004).

A prostituta tinha, portanto, características de independência, liberdade e poder, que lhe garantia importante presença em todos os aspectos sociais. Constituíra uma figura da modernidade devido à sua associação à sua extrema liberalização dos costumes nas sociedades civilizadas, como também por sua desarticulação com os laços sociais tradicionais e por sua variada gama de práticas sexuais diferenciadas. Era uma figura pública, já que podia comercializar seu corpo como desejava, dissociando amor e prazer. E era extremamente poderosa porque simbolizava uma ameaça à subversão dos códigos de comportamento estabelecidos (Rago, 2008).

A necessidade de delimitar o espaço da prostituição movimentou as primeiras campanhas de repressão ao meretrício no Rio de Janeiro. A prostituição incomodava por ocupar uma área valorizada do ponto de vista imobiliário. Assim, presenciaram — se acirradas campanhas na imprensa — *Gazeta de Notícias*, *O Paiz* e *A Noite* de combate ao cafetismo, bem como a elaboração das primeiras teses médicas e jurídicas para normalizar a questão. O que estava em jogo era tanto a questão moral e normatizadora de condutas, quanto o espaço urbano enquanto área de comércio (Kushnir, 1996).

No Brasil jamais houve uma séria campanha de repressão tanto ao tráfico como ao cafetismo. Percebe-se apenas experiências pontuais entre meados do século XIX e meados do século XX. Contudo, o ponto de partida e razão da repressão à prostituição no Rio de Janeiro, torna-se evidente: a

existência de rufiões estrangeiros envolvidos com o tráfico de escravas brancas e que formavam uma “associação composta de judeus, russos, alemães, austríacos e de outras nacionalidades” (Ferreira da Rosa, 1896, p.45)

Kushnir (1996) complementa que a partir do código de 1890, o lenocínio é considerado como crime, incidindo penalizações pesadas sobre os acusados, entre as quais a prisão e a multa. Mas a repressão à prostituição em si permanece sem critérios definidos. A prática da prostituição não seria objeto de repressão, a não ser nos casos em que ameaçasse a tranquilidade e a moral públicas, podendo, assim, ser identificada à desordem. As prostitutas, a partir disso, tanto podiam ser enquadradas no artigo 282, segundo o qual era considerado “ultraje público ao pudor” como no artigo 399 “dos vadios e capoeiras a subsistência por meio de ocupação proibida por lei ou manifestamente ofensiva da moral e dos bons costumes.”

O ano de 1890 teve também a temática da prostituição como objeto do saber médico, associando a essa às moléstias venéreas, principalmente a sífilis (Engel, 2004). Priore (2005) complementa que, com a chegada do bordel, a sífilis apareceu com mais evidência. Diferentes métodos eram utilizados para tentar sanar a doença, tais como tratamentos com mercúrio e o uso de negras virgens, a quem se creditava limpar o sangue. O médico se via diante de uma interdição de fundo moral cristão devido à crença de que as doenças venéreas seriam castigos divinos às práticas sexuais pecaminosas (Engel, 2004). As esposas eram sempre inocentadas e vitimizadas, pois o machismo era tanto que nem se pensava em infidelidade feminina. A lepra era comum, o que levava as prostitutas a viverem afastadas das concentrações mais populosas. Durante o dia, importunavam os viajantes. À noite saíam para o centro da cidade com certa discrição em busca de algum freguês menos avisado. Já os homens contaminados procuravam os baixo-meretrícios, nos quais eram bem recebidos pelas meretrizes ávidas pelo dinheiro e indiferentes ao mal. Da mesma forma, a gonorréia se fazia presente em grande número a ponto de surgirem remédios miraculosos para contornar o mal (Fonseca, 1982). Outro problema da sociedade patriarcal era a impotência. Havia diversas “recomendações” para ereções permanentes, infatigáveis e perpétuas, apesar dos cuidados com os desperdícios de sêmen. Além disso, diversas crenças e mitos foram criados para diminuir o onanismo, que havia se tornado polêmico e temido na época (Priore, 2005).

O discurso médico sobre a prostituição traz, portanto, um projeto de normatização higiênica do corpo, criando categorias básicas de classificação: a perversão (doença física), a depravação (doença moral) e o comércio do corpo (doença social). A prostituição era concebida como espaço da sexualidade doente, como lugar das perversões; e o casamento era concebido como instituição higiênica e único espaço da sexualidade sadia reconhecido no discurso. Dessa forma, a sexualidade sadia é definida pela ideia de prazer comedido que garante a reprodução da espécie e não ameaça a integridade do corpo (Engel, 2004).

Ademais, Rago (1997) descreve que alguns traços da personalidade da mulher pública, na visão dos médicos, são a preguiça, a aversão do trabalho e a perseguição desenfreada do prazer. A prostituta é aquela que, ao contrário da mulher honesta e pura, vive em função da satisfação de seus desejos libidinosos e devassos. Diferentemente da esposa honesta, a mulher da vida tem um apetite sexual exaltado, inato e incontido, que leva a precocidades na prática de perversões, ou mesmo, do coito. É burra e ignorante. Leviana, inconstante, volúvel, irregular, adora o movimento, a agitação e a turbulência. Instável física e espiritualmente. A meretriz é aquela que, gulosa e incontrolável, adora os excessos: álcool, fumo e sexo.

Nesta época, baseando-se em discursos dos médicos europeus, principalmente franceses, tentava-se impor no Brasil um sistema higienista do Regulamentarismo. Segundo Pereira (1968), a prostituta era obrigada a realizar exames periódicos; sofria sanções administrativas e se, em caso, apresentasse algum mal contagioso, era internada no hospital. Rago (1997) complementa que objetivo era definir uma nova economia do sexo, disciplinando a prostituição de modo a impedir que se manifestassem formas aberrantes de comportamento sexual. O ideal de prostituta para os regulamentaristas era a mulher recatada e dessexualizada, que cumpre seus deveres profissionais, mas sem sentir prazer e sem gostar de sua atividade sexual. Além disso, defendiam que os bordéis estivessem localizados em bairros distantes das escolas, das igrejas, dos internatos e dos bairros residenciais e as meretrizes deveriam ter poucas permissões de saída. Lagenest (1975) resume, portanto, os objetivos dos regulamentaristas: luta contra doenças venéreas, limpeza das ruas (evitando a libertinagem) e a reunião delas em bordéis, diminuindo a possibilidade de se espalharem pela cidade.

Muitas mulheres não se inscreveram no meretrício regulamentado porque tinham medo e pudor de permanecerem em casa aberta, desmascaradas, irremediavelmente estigmatizadas pelo seu registro de prostituta.

Entretanto, não deixaram de ir à rua tentar um cliente ou dois, às escondidas. E nesse processo eram cooptadas pelo meio e pelo rufião, tornando-se vítimas dos marginais e acabando ainda mais marcadas (Pereira, 1968). Além disso, quando caíam nas mãos de cafetões, estes tinham o direito legal de vendê-las, trocá-las ou comprar outras de acordo com a satisfação da clientela (Lagenest, 1975)

Segundo o abolicionismo, conjunto de princípios e medidas adotados para extinguir a escravidão, o método de vigilância da prostituição comportava inúmeras falhas: visava apenas à prostituta, perseguindo-a por um tipo de relação em que o homem também estava envolvido. Ela era sequestrada e confinada em casas isoladas e especiais, fichada na polícia como prostituta profissional, vigiada severamente pela polícia e pelos médicos, acusada de ser transmissora de sífilis e de outras doenças venéreas, sofrendo sozinha toda a repressão de práticas intoleráveis para a sociedade, enquanto o homem, que usufruía de seus serviços, ficava isento de qualquer responsabilidade. Além disso, o resultado do sistema regulamentarista fora o oposto do que se propusera: a prostituição clandestina aumentara demasiadamente, tanto no Brasil quanto em outros países. As prostitutas inscritas fugiam quando estavam doentes, ao invés de se apresentarem às visitas sanitárias, e tornavam-se clandestinas (Rago, 1997). Com o abolicionismo, não se abandonou o conceito de inevitabilidade da prostituição, porém aumentou o consenso de que deveria se cuidar das prostitutas. O abolicionismo iniciou com vigor a luta contra o proxenetismo, clamando contra as casas de tolerância, não obstante os sérios esforços dos regulamentaristas para salvá-las, em nome da higiene pública (Pereira, 1968).

Em 1914, a polícia paulista registrava 812 prostitutas. Em 1915, esse montante caiu para um total de 269 e a explicação para o fato ancorou-se no reflexo da guerra, com a diminuição do número de navios que cruzavam o Atlântico e, assim, o decréscimo da chegada de novos imigrantes de um modo geral. Além do que a população de prostitutas estrangeiras nas cidades à época era muito móvel. Não é difícil encontrar casos que exemplifiquem esta circulação entre as praças: já em 1922, o Departamento Estadual de

Investigações Criminais de São Paulo calculou um total de 3.529 prostitutas estrangeiras e brasileiras na cidade. Portanto, a variação numérica de novas prostitutas que migram para o país oscilou antes, durante e depois da 1ª. Guerra. Esse movimento estava intimamente ligado aos reflexos que o conflito gerou.

A crise econômica, a miséria, a perseguição religiosa e a falta de trabalho na Europa foram fatos que certamente se associaram para explicar o aumento da imigração antes e depois da guerra, e também que durante o episódio em si, com as dificuldades de deslocamento por ele causado, com menos navios atravessando os continentes, se desse a diminuição do número de prostituta durante o conflito (Rago, 2008).

Desde a virada do século XIX para o século XX houve uma grande concentração de casas de prostituição. Na década de 20, quando a prostituição teve seu apogeu, a Praça Onze, o símbolo da boemia carioca da época, oferecia inúmeras estrangeiras em seus bordéis. Era criada a Zona do Mangue, famosa área de baixo meretrício carioca, com mais de dois quilômetros de diâmetro (Leite, 2005 ).

O fechamento da zona do Mangue e o encerramento das atividades na rua Conde Lages, na Lapa, ocorreram em meados de 1942, na época da Ditadura Vargas. Nos anos 50, o mangue reaberto viveu a experiência da República do Mangue, onde as gerentes das casas eram eleitas pelas prostitutas que ocupavam a casa. Assim, ficava a seu encargo atuar como uma administradora das atividades, e não como a dona do bordel e a exploradora do trabalho alheio, como caracteriza o crime de lenocínio. Nesta forma de organizar o trabalho na zona de meretrício, a polícia, com sua delegacia de costumes, normatizou as condutas e garantiu a segurança na área (Kushnir,1996; Leite,2005). Em 1958, quando foi ratificada a assinatura da Convenção de Lake Success, o Brasil passou a ser efetivamente um país abolicionista. Esta convenção foi realizada pela Assembleia-Geral da ONU, em Lake Success, com o objetivo de reprimir o tráfico de pessoas e o lenocínio (Abreu, 1984). Depois dessa convenção, entretanto, a polícia passou a atuar menos energeticamente em relação à prostituição.

Em São Paulo, a situação foi bem similar. Em 1953, foram tomadas providências radicais contra o meretrício confinado em zona. A zona do Bom Retiro foi fechada com duas mil mulheres despejadas. Porém, em 1960, foi

criada uma zona de baixo meretrício, chamada Boca do Lixo, próximo a estação da Luz, chegando a reunir cinco mil mulheres. Em 1980, a capital paulista já contava com 100 mil prostitutas, sendo 10 mil somente no trottoir do centro (Abreu, 1984).

Em julho de 1987, ocorreu no Rio de Janeiro o I Encontro Nacional das Prostitutas, promovido pelo programa “Prostituição e Direitos Civis”, coordenado por Gabriela Leite, uma prostituta que não exerce mais a função. Gabriela deu início à reflexão sobre o lugar da prostituta na sociedade, tal como sobre seus direitos. O objetivo principal desse encontro era facilitar uma rede de contatos e intercâmbios entre as prostitutas, propondo um desencadeamento de ações conjuntas de reivindicações dos direitos civis (Moraes, 1995). Durante o encontro, foi criada a Rede Brasileira de Prostitutas, cuja função é assessorar a formação e capacitação de associações de prostitutas, apoiar e promover eventos e encontros da categoria, formular políticas públicas em parceria com órgãos governamentais e lutar para obter o reconhecimento legal da profissão. A Rede Brasileira reúne associações de prostitutas e entidades colaboradoras de todo o Brasil (RBP, site). Em 29 de setembro do mesmo ano, é fundada a Associação das Prostitutas do Rio de Janeiro (APRJ).

Guimarães (2008) afirma que alguns benefícios políticos e sociais foram alcançados a partir desse encontro, como o reconhecimento das Profissionais do Sexo no Código Brasileiro de Ocupações em 2008, as campanhas de prevenção de DST e AIDS e, na primeira década do século XXI, o lançamento da grife Daspu, que utiliza as Profissionais do Sexo como modelos de divulgação das roupas.

O deputado Fernando Gabeira, em 19 de fevereiro de 2003, apresentou o Projeto de Lei 98/2003, que discute a exigência de pagamento por serviços de natureza sexual e suprime do Código Penal os artigos relacionados à indução ou atração de alguém à prostituição, à manutenção de casa de prostituição e ao tráfico de mulheres (artigos 228, 229 e 231) (Gabeira, 2003). Tal projeto questiona o modelo abolicionista que o Brasil segue, pretendendo transformar a prostituição em uma atividade legalizada, baseando-se no modelo regulamentarista alemão. Cabe lembrar que a prostituição no Brasil não é ilegal, pois não há lei que proíba uma mulher de usar seu corpo para ganhar dinheiro. Segundo o Código Penal Brasileiro, é crime: a prática do lenocínio,

rufianismo e tráfico de mulheres, ou seja, induzir alguém a satisfazer a lascívia de outrem (artigo 227); induzir ou atrair alguém para a prostituição, facilitá-la ou impedir que alguém a abandone (artigo 228); manter uma casa destinada a encontros para fins libidinosos (artigo 229); e promover o trânsito de prostitutas através de fronteiras (artigo 230). Ou seja, quando a polícia ameaça a prisão de alguma prostituta, eles não estão enquadrando-a por sua prática, mas, sim, pelo apelo à legislação contra mendicância, vagabundagem e solicitação. Entretanto, outros projetos de lei enfatizam as ideias abolicionistas, como exemplo PL 2.169/2003, apresentado pelo deputado Elimar Máximo Damasceno, em 2003, e que dispõe sobre o crime de contratação de serviço sexual. Segundo o autor do projeto, *“a integridade sexual é bem indisponível da pessoa humana e, portanto, não pode ser objeto de contrato, visando à remuneração”*; além disso, *a prostituição seria sempre “acompanhada por outras práticas prejudiciais à sociedade, como os crimes de lesões corporais e o tráfico de drogas”* (Damasceno, 2003:2).

## 3- A PRÁTICA DO MERETRÍCIO

### 3.1- O Programa

O programa é a atividade da prostituta e sua execução requer acordos prévios sobre as práticas sexuais a serem feitas, o preço e o tempo disponível. Entretanto, o programa apresenta três possíveis pontos de tensão e ruptura: quando os acordos omitem itens explicitáveis, quando há quebra de acordos ou quando há demanda por práticas de natureza afetiva ou por serviço de conteúdo pouco definido (Freitas, 1985).

O princípio básico das prostitutas é que tempo é dinheiro, portanto esse critério é bem discutido nas negociações. Quanto maior o tempo, maior deverá ser o pagamento. Algumas prostitutas preferem relações curtas e imediatas preservando o caráter impessoal com o contato com o cliente. Nesse caso, predomina uma concepção comercial, tendo a maximização do número de clientes como algo mais rentável. Outras prostitutas preferem justamente o contrário, pois o atendimento mais demorado aumenta a possibilidade de alargarem os lucros e criarem laços que garantam clientes fiéis e fixos (Moraes, 1995). Segundo DaMatta (1997), tempo realmente é dinheiro num sistema individualista, no qual tem-se como concepção uma forma quantificável de “coisa” social ou bem de consumo que pode ser sempre comprado ou vendido.

Moraes (1995) prossegue definindo que as práticas sexuais diferentes são a melhor forma de obter maiores ganhos, pois se parte do pressuposto de que os homens vêm buscar o que não conseguem ter com outras mulheres.

Goffman (1975) sintetiza em quatro atos as etapas iniciais de um programa: a aproximação, que fica a cargo da prostituta; a aceitação do cliente; a negociação, quando são discutidas as condições do encontro sexual; e por fim, a saída para um hotel.

Gaspar (1985) descreve que a aproximação em boates, por exemplo, se dá através da sedução que as garotas fazem por meio de sua maneira de vestir, a postura, a dança sensual e uma série de convites para dançar ou tomar um drinque. Já a aceitação do cliente ocorre quando ele escolhe a companhia que mais lhe agrada. Fica explícita sua escolha, a partir do momento em que ele lhe paga uma bebida. Escolhida a companhia, eles acertam a ida ao hotel ou a um apartamento, com a prostituta deixando claro seu preço e seus limites e o

cliente suas preferências e exigências. Deste ponto em diante, se dá ou não a quarta etapa do programa, pois o cliente pode não concordar com o que lhe foi proposto e não levar adiante o programa.

Moraes (1995) acrescenta que o uso do preservativo, principalmente da camisinha, tem sido considerado uma exigência pelas prostitutas. A imposição de seu uso é vista como uma garantia para a prostituta e seu cliente se prevenirem contra as doenças sexualmente transmissíveis.

O programa, portanto, exige uma série de gastos para que a prostituta possa realizá-lo. Blanchette e Silva (2009) enumeram quatro principais gastos cotidianos que a prostituição gera a suas praticantes. Em primeiro lugar, ela precisa de um lugar de encontro com o cliente. Segundo Robert Park (1984), são construídas as regiões morais, uma área em que prevalece um código moral distinto do socialmente dominante, frequentadas por pessoas “dominadas, mais do que são cotidianamente, por um gosto, paixão, ou qualquer interesse que encontre raízes na natureza original do indivíduo” (1984 [1925]: 45-48). Esse local deve ser descontraído e privativo, geralmente com bebidas alcoólicas, a fim de deixar o cliente em uma situação confortável. Isso pode acontecer no campo virtual (como a internet ou central telefônica) ou no campo real (como rua, boate, termas). Já que a prostituição é uma atividade estigmatizada e reprimida, nas tais regiões morais há diversas negociações com autoridades e residentes locais para sua permanência. Isso implica em gastos tirados dos bolsos da prostituta, muitas vezes.

Em segundo lugar, a prostituta precisa de um lugar privado e seguro para que ela possa realizar seus programas, que nem sempre é o local de encontro. A estada em um hotel ou o aluguel do quarto/cabine em alguma casa do ramo geralmente está embutido no preço do programa, pois é comum a garota e o dono do estabelecimento terem acordos para o uso do lugar. Na Vila Mimosa, por exemplo, o programa custa, em média, 25 reais, sendo 20 reais para a prostituta e 5 para a casa. Porém, no caso da prostituição de rua, muitas vezes o cliente não quer pagar muito ou a prostituta quer ter 100% de lucro, aí o lugar “privado” e “seguro” pode significar um beco escuro ou um carro estacionado.

Em terceiro lugar, muitas prostitutas recorrem ao apoio de “seguranças” ou dos cafetões, que são pagos para protegê-las a fim de que realizem seus programas de uma forma mais segura. Elas se previnem contra os clientes

violentos ou daqueles que não querem pagar seus serviços. Quando fazem parte de algum estabelecimento de prostituição, elas são garantidas de segurança pelo proprietário, fator que aumenta as buscas por esses lugares. Como a prostituição é uma atividade estigmatizada e semilegal, ela não pode contar com a ajuda da polícia ou de outras autoridades públicas para estes fins.

Por fim, existe uma grande quantidade de instrumentos que são utilizados pelas prostitutas em seu ofício. São eles: roupas (lingerie sexualmente atraente, biquínis, calças apertadas, sandálias de salto alto de acrílico e fantasias sexuais, como uniformes de enfermeiras ou colegiais), perfumes, bebidas alcoólicas, comidas, camisinhas, brinquedos sexuais, dentre outros. Tais aparatos são comprados pelas prostitutas para atrair e manter clientes.

### **3.2- Locais De Prostituição**

A cidade do Rio de Janeiro contém uma enorme variedade de serviços sexuais à venda, sob as mais diversas condições. A prostituição feminina está dividida em três classes: o baixo meretrício, o médio meretrício e o alto meretrício. Segundo Gaspar (1985) e Dantas (2002), os três níveis funcionam da seguinte maneira:

O baixo meretrício se caracteriza por mulheres de diversas idades que praticam a prostituição nas ruas, na Praça Tiradentes, Quinta da Boa Vista e Central do Brasil, por exemplo, ou em lugares mais “humildes” como a Vila Mimosa. As mulheres não fazem muitas exigências ao cliente e estão frequentemente dispostas a praticar o ato sexual não apenas em lugares exclusivos como os hotéis, mas também em áreas mal iluminadas e pouco seguras, sendo comum o interior dos carros. A maioria delas já tem filhos, uma das razões principais de estar na profissão. O meio é mais violento e consumidor de drogas, sendo característica de todos os personagens, sejam as mulheres, clientes ou frequentadores. A baixa prostituição tem sido uma saída encontrada por milhares de mulheres para resolver questões financeiras. Segundo Bacelar (1982), é uma prostituição da pobreza, uma alternativa de sobrevivência de mulheres pobres no Brasil.

Já o médio meretrício está associado à prostituição praticada em boates e em casas de massagem. As meninas, geralmente, estão sempre bem vestidas e com boa aparência, já que nesses lugares há esse tipo de exigência. Elas não

estão expostas nas ruas, diminuindo os riscos de violência e exploração. O preço do programa nestes lugares costuma variar de acordo com a localização. Nas casas de massagem, o valor é único para todas as garotas e costuma ser cobrado de acordo com o tempo que o cliente pretende ficar com a garota. Existe uma tabela e a mulher deve sempre assinar nas páginas de um livro controlado por um gerente a cada vez que levar um cliente para o seu quarto, ou “cabine”, como costumam chamar (estes livros para assinatura também existem nas casas da Vila Mimosa). Já as prostitutas que frequentam as boates estabelecem seu próprio preço, e não costumam ter um vínculo muito grande com os donos ou gerentes dos estabelecimentos. Em geral, fazem um acordo verbal, comprometendo-se a fazer com que os clientes consumam o máximo possível em bebidas e aperitivos.

Por fim, no alto meretrício, as prostitutas têm o próprio controle de seu trabalho, publicando anúncios em jornais com número de telefone para contato ou através de agências. Deixam claro em seus anúncios o seu público alvo: executivos de alto nível e de bom gosto. Afinal, o valor estabelecido por elas só é acessível a pessoas de alto poder aquisitivo. O local de encontro é combinado previamente por telefone e as garotas vão geralmente de táxi, cuja tarifa é de responsabilidade do cliente.

Gaspar (1985), Freitas (1985), Moraes (1995) e Blanchette e Silva (2009), dentro dessas categorias, selecionam e descrevem física e funcionalmente alguns tipos de locais de prostituição. Nas páginas seguintes, será apontada, de acordo com esses autores, uma descrição destes lugares:

- a. ***Tipos “fechados” de pontos de prostituição:*** caracteriza-se por locais em que a prostituição ocorre dentro de uma determinada região moral com pouca ou nenhuma visibilidade frente à sociedade circundante. Os cinco tipos de pontos fechados de prostituição encontrados por nós no Rio de Janeiro incluem serviços de call girl, termas/boates (uma categoria só), casas de massagem, privês e casas.
- ***Serviços de call girl:*** As garotas anunciam em classificados de jornais, geralmente descrevendo-se fisicamente. Os encontros são marcados através de ligações aos celulares anunciados, que são ou da própria prostituta ou de alguma agência. O programa é

realizado em algum motel ou no apartamento do próprio cliente ou da própria prostituta.

- Garotas de sites: as agências de prostituição também têm sites na internet, onde divulgam suas prostitutas com fotos e vídeos. Muitas garotas também criam seus próprios sites ou blogs para se promoverem na rede. O próprio site de relacionamento Orkut também é utilizado para esses fins. É criado um perfil, como um “cartão de visitas”, no qual as garotas colocam vídeos e fotos sensuais. Após conferir o perfil, basta o cliente deixar um “scrap” ou enviar um *e-mail* para a garota.
- Agências de prostituição: Lugares nos quais meninas deixam books de fotos ou vídeos, demonstrando suas “habilidades” e beleza para que sejam escolhidas pelos clientes. Geralmente, essas agências têm prostitutas de vários tipos de perfil para agradar todos os gostos da clientela. São bastante procuradas por turistas, ganhando uma porcentagem por programa.
- Acompanhantes ou Escort girls: Meninas de alto padrão educacional que atendem clientes de alto nível financeiro. Elas os acompanham a restaurantes, festas, ocasiões especiais e depois têm ou não a relação sexual. Tudo é combinado previamente.

Geralmente, a região moral é um ponto virtual, ou seja, o ponto de encontro inicial, no qual são estabelecidas as negociações, não existe no espaço físico. O cliente solicita os serviços de uma prostituta após ver suas informações de contato na internet, no jornal, numa revista, num panfleto colado num orelhão ou após de recebê-las de terceiros. A prostituta pode estar trabalhando independentemente, por si só, ou pode participar de uma agência, que disponibiliza suas informações de contato em troca de um pagamento ou uma porcentagem do programa. Entretanto, as mulheres que trabalham para agências, pagam, além dos 50% do preço do programa, uma taxa por mês para serem listadas em seu book ou site. A prostituta vai, então, até o local de encontro escolhido pelo cliente (tipicamente a casa ou hotel dele), faz o programa e é paga na hora. A quantia recebida varia por duração de programa (podendo ser por hora, por duas horas ou pela noite), em uma média de 50 a

150 reais por hora. Tipicamente, a prostituta também cobra uma quantia adicional para suas despesas de viagem de táxi (30-50 reais). Muitas mulheres preferem trabalhar para agências porque preservam o anonimato delas, pois, além de não ter exposição pública, a central pode recolher o nome e informações do cliente previamente, o que permite à mulher evitar pessoas conhecidas de outros contextos fora da prostituição. Apresenta, também, a vantagem de ser extremamente flexível, já que ela só é selecionada quando tem um programa à sua espera, deixando os seus dias livres para realizar outras tarefas, como cuidar dos filhos, estudar, trabalhar em outro lugar.

- *As termas*: Uma *termas*, propriamente dita, é uma casa de sauna que também oferece serviços sexuais. Porém, muitos lugares com serviços sexuais no Rio de Janeiro se chamam *termas*, mesmo sem oferecer saunas. O termo, portanto, parece ser um genérico para “casa de prostituição” na cidade. Geralmente, são estabelecimentos, nos quais há um grande salão central com música dançante, como uma boate, e garotas recebendo os clientes. Logo na entrada, o cliente recebe a chave de um armário e troca sua roupa por um roupão de banho e sandálias havaianas para ficar “mais à vontade”. Nessas casas existem salas de relaxamento com televisões e revistas, sauna seca e a vapor, piscina, sala de massagem, além do tradicional show no queijo. Quando o cliente quiser interagir com as meninas, vai até a pista de dança, onde também fica o bar. A bebida é cara e o programa também, custando, no mínimo, 200 reais por 40 minutos em um cubículo do tamanho de um lavabo ou 380 reais se for num quarto como o de motel. Ambos os estilos de cômodos estão no estabelecimento. O número da chave do armário serve como uma comanda, tudo que for consumido, inclusive o programa, será debitado a partir dele. O trabalho em *termas* exige a presença das mulheres praticamente a semana inteira, numa média de quatro a seis vezes por semana. Não há salário fixo, recebendo o preço do programa e, geralmente são multadas em até 300 reais por cada dia que faltam. Embora o preço do programa seja padronizado dentro da *termas* (variando

por tempo gasto no serviço sexual), a casa geralmente não toca nesse dinheiro, ganhando com a entrada, a venda de comidas e bebidas e – crucialmente – o aluguel de cabines e quartos. Os preços cobrados pelas termas do Rio variam dramaticamente conforme a qualidade e higiene das instalações. Normalmente, entre 10 e 30 mulheres estarão presentes numa terma, embora existam algumas “mega termas” que dizem disponibilizar de quase 200 garotas de programa.

- Boates: estabelecimentos que em seu interior há o uso exagerado de espelhos, em especial próximo aos queijos – tablados redondos onde as garotas dançam de calcinha. A música é alta e bem agitada. O ambiente geralmente é penumbroso, com a iluminação focada nos palcos para os shows (neste caso, shows de dança e, às vezes, *strip-tease* ou sexo ao vivo). As mulheres da casa, além dos shows que realizam, estão disponíveis para a prostituição. A boate pode ou não ter cabines para a realização dos programas. Se tiver, a casa ganha com a entrada, com as bebidas e com o aluguel das cabines. Se não tiver cabines, as mulheres podem ser funcionárias pagas da casa, e os clientes, além de pagarem a entrada, precisam pagar uma “multa” para tirá-las da boate para a realização do programa. Neste caso, o preço do programa é negociado com a própria garota, sem padrões estabelecidos. Em média, são encontradas de 5 a 20 mulheres trabalhando com dedicação exclusiva em uma boate. Os preços variam de acordo com a localização e o nível de higiene e qualidade do estabelecimento. As vantagens de trabalhar em uma boate são similares às da terma. A principal desvantagem é a vulnerabilidade à violência, fraude e roubo quando o programa é realizado fora do estabelecimento. Abrem suas portas na parte da tarde, mas o grande movimento dos clientes tende a ser após as 17 horas, final do expediente de trabalho em horário comercial. Existem vários tipos de boates: americans bars, discoteca, show de revista e show erótico.

- *Americans Bars*: Casas sofisticadas, com acabamento em couro e bebidas “confiáveis” (não falsificadas). As mulheres são valorizadas pelos clientes nesse tipo de estabelecimento.
- *Discoteca*: som alto e jogo de luzes na pista de dança, que é um espaço valorizado. Mulheres se exibem para clientes e, a partir daí, se inicia a interação para uma futura saída.
- *Show de revista*: apresentação espacial como de uma discoteca, com o local da pista de dança transformado em palco. Os shows geralmente são mímicos de sucessos musicais e números de dança. Os frequentadores deixam as boates depois dos shows, algumas vezes acompanhados por garotas. Durante os intervalos dos shows, algumas garotas sobem no palco e garantem a animação da casa.
- *Show erótico*: distribuição espacial como as casas de show de revista. Porém, sua atração são shows de sexo explícito com sete ou oito atos, que consistem em strip tease e relações sexuais entre mulheres e casais heterossexuais. Quanto mais ousado for o show, mais atrativo ele é.
  - *Casas de massagem*: casas que recebem principalmente executivos. Geralmente opera num apartamento ou escritório, subdividido em uma recepção e duas ou três cabines, e emprega relativamente poucas mulheres (tipicamente entre dois a dez, com quatro ou cinco normalmente presentes em qualquer momento). Há “terapeutas” sexuais que são escolhidas pelo cliente através de um catálogo de fotos. Um percentual do programa já se paga ao entrar no estabelecimento e o outro é dado a garota de programa. O programa tende a ser mais longo do que os outros estabelecimentos acima (uma hora ao invés de 40 minutos) e começa – e, às vezes, até termina – com massagem. Na casa de massagem, o cliente compra serviços de massagem que podem também incluir masturbação e/ou sexo (oral, anal

e/ou vaginal), mediante o pagamento de um preço adicional. O curioso é que existem casas de massagem que só providenciam masturbação para seus clientes, mas que cobram mais do que outros pontos onde se vende sexo anal, oral e/ou vaginal. Os preços nas massagens tipicamente são padronizados.

- Privés: São apartamentos ou escritórios alugados em grandes prédios, tipicamente nos centros comerciais da cidade (o Centro, Tijuca e Copacabana tendo as maiores concentrações), com a finalidade de prestar serviços sexuais. Muitas vezes, os prédios concentram privés porque são localizados em lugares extremamente estratégicos no mercado de sexo comercializado (vários prédios na Av. Rio Branco, por exemplo, cabem), ou porque a administração do prédio não se importa em repelir a prostituição. Geralmente é um espaço pequeno – menos de 60 metros quadrados– e é dividido em cabines e uma área de recepção. O banheiro geralmente é coletivo e as cabines só comportam uma cama e, às vezes, uma televisão ou mesa. Existem também privés “de luxo” que mais assemelham a pequenos hotéis. A quantidade de mulheres que trabalham num privé é relativamente baixa, variando de três a dez. Os preços cobrados geralmente são padronizados e o trabalho concentra-se durante o horário comercial. Uma vantagem de trabalhar num privé é que se pode trabalhar ou estudar à noite, além de ser fácil camuflar a prostituição com outro emprego qualquer, por exemplo, trabalhar como secretária. Há alguns privés que são montados por grupos de prostitutas que alugam um apartamento em conjunto e passam a administrá-lo com uma espécie de cooperativa ou coletiva.
- Casas de tolerância: abrange aqueles lugares que, aparentemente, só vendem sexo, mas não são qualificados por clientes ou prostitutas como qualquer

outra das categorias descritas acima. Em geral, as casas são maiores que os privês e empregam de dez a cem mulheres. Muitas delas – como a Vila Mimosa ou a R. Buenos Aires 100 – são de fato uma coleção de estabelecimentos, cada um com dono ou gerente diferente. A Vila, por exemplo, tem mais de 25 casas, todas mais ou menos unidas através de uma associação comercial. Em todas as casas, porém, o sexo é consumado no local, tipicamente numa cabine, e uma taxa é extraída através do aluguel dessas. Os preços nesses pontos são padronizados e são tabelados de acordo com o tempo gasto e o serviço a ser oferecido (com o serviço sexual “completo” – sexo oral, vaginal e anal –, sendo sensivelmente mais caro que o sexo vaginal). Em termos de horário de trabalho, as casas tendem a ser flexíveis, montando a garota o seu horário de trabalho. Podemos dividir em dois tipos:

- Zona: é um tipo de bordel. Seus estabelecimentos são enormes, com imensos corredores ao longo dos quais estão dispostos os quartos, que são alugados às prostitutas durante todo o período de programa. A rotatividade é altíssima, tendo uma média de 20 clientes para cada prostituta por dia. Elas ficam em seus quartos à espera, e os clientes transitam pelos corredores, escolhendo em qual dos quartos entrará.
- Rendez-vous: estabelecimentos menores do que as zonas. Eles possuem um salão central de requinte variado, ao redor do qual os quartos estão dispostos. Os clientes entram em contato com as prostitutas no salão e de lá se dirigem para os quartos. Geralmente as garotas de programa residem na casa, gerando uma grade de horários bem difusa. A rotatividade de clientes é menor do que na zona, sendo menos de dez clientes por prostituta a cada dia. O pagamento é feito à cafetina através de um sistema de fichas: prostitutas pagam uma “ficha” (quantia fixa) por programa e o tempo deste é fixado em torno de 30 minutos.

- Motéis: Não se trata das casas convencionais. São estabelecimentos que alugam quartos para casais convencionais, não estabelecem horários para as prostitutas, não servem de moradia para elas, mantêm as portas fechadas, tem uma rotatividade de clientes bastante reduzida (máximo quatro clientes por prostituta em um dia) e neles há possibilidade da prostituta requerida, caso ausente, possa ser localizada.
- Disque-sexo: linhas telefônicas onde se pratica sexo verbal.

b. **Tipos “abertos” de pontos de prostituição:** a prostituição acontece dentro de uma determinada região moral que é potencialmente visível aos olhos da sociedade circundante. Entretanto, nem sempre a sociedade reconhece a região como ponto de prostituição. Ou seja, trata-se de estabelecimentos comuns que são frequentados tanto por prostitutas quanto por pessoas que não fazem parte ou não procuram a prostituição. Os dois tipos de ponto aberto de prostituição encontrado por nós no Rio de Janeiro são bares/praias/restaurantes e pontos de rua.

- Bares, restaurantes e praias: O que esses três lugares têm em comum é que as negociações para os serviços sexuais acontecem num ambiente público misto. Nestes casos, a região moral onde a prostituição é permitida é também frequentada por pessoas que não procuram ou oferecem serviços sexuais e até podem ser avessas à prostituição. As mulheres nesses locais é que vão atrás dos homens, com esforço redobrado, pois há a presença de mulheres que não estão vendendo serviços sexuais como concorrentes. Normalmente, para ocupar uma mesa em um bar ou restaurante, a mulher deverá consumir algo para não ser expulsa pelos garçons. É comum, então, ver nesses lugares mesas ocupadas por

três ou quatro mulheres, cada uma consumindo um chopp por hora. O preço do programa não é tabelado nesses pontos, com cada mulher cobrando a quantia justa para seu trabalho. Um problema com esse tipo de prostituição, porém, é o programa ser consumado em outro lugar, geralmente num hotel da vizinhança, retirando da prostituta qualquer estrutura de suporte contra a violência, fraude ou roubo por parte do cliente. Muitas mulheres que são ativas nesses pontos recrutam namorados ou amigos (de ambos os sexos) como protetores. Outras mulheres cultivam relações com policiais ou motoristas de táxi, que podem chamar para intervir numa emergência. Algumas mulheres que trabalham nestes pontos dividem o dinheiro ganho com seus protetores e/ou agentes. Outro problema potencial com esse tipo de ponto é o fato de que o número de clientes potenciais por prostituta é muito diluído. Como esse tipo de prostituição é livre e não precisa de dedicação exclusiva, é muito comum também ver mulheres que são empregadas em outros pontos da cidade trabalhando nesses lugares em seus dias de folga.

- Rua: as garotas de programa recrutam seus clientes pelas calçadas e os levam para os hotéis para realizar o programa. Geralmente são as mais estigmatizadas por serem consideradas perigosas e ladras. Devido ao excesso de exposição das ruas, combinado com o estigma da prostituição, essas mulheres correm muito perigo, tanto de clientes violentos quanto da população preconceituosa que as agride. Há também os “maníacos”, ou seja, indivíduos ou grupos que pensam usar o corpo da prostituta como objeto de tortura ou violência. As prostitutas de rua tipicamente trabalham em pequenos grupos de dois a cinco, que dominam uma determinada esquina ou ponto. Elas negociam com os clientes, que chegam de carro ou a pé, e vão para hotéis ou outros

lugares, onde o ato sexual é consumado. Às vezes fazem programas no próprio carro do cliente. Os preços pagos por este tipo de programa podem ser relativamente altos e, é claro, esses não são padronizados, tendo a mulher, então, um grande poder de negócio. A falta de organização e gerenciamento dos pontos de rua também significa que esses são os lugares que mais atraem menores de idade.

- c. ***Ponto de prostituição de tipo misto:*** a prostituição é realizada tanto em um ambiente aberto quanto em ambiente fechado. Um exemplo é a extinta discoteca Help, em Copacabana. A Help consistia em dois ambientes: um bar/restaurante numa calçada pública e uma discoteca. Prostitutas e clientes se reuniam para negociar serviços sexuais em ambos ambientes e o preço médio do programa era por volta de 100 US\$. A casa ganhava dinheiro cobrando uma taxa de entrada para a discoteca de 28 reais (o mesmo preço é cobrado de todo mundo – clientes e prostitutas) e na venda de comês e bebês. Não existiam lugares para as relações sexuais no local (a casa mantinha um rígido código de comportamento que proibia roupas ou atos sexualmente explícitos nos recintos) e esses geralmente eram consumados nos hotéis da vizinhança. As prostitutas que frequentavam a Help eram quase todas independentes e representavam uma mistura entre mulheres que a utilizavam após do trabalho sexual em diversos pontos da cidade e mulheres que só se prostituíam ocasionalmente e que negociam programas na discoteca como uma maneira de reforçar suas rendas vindas de outros tipos de trabalho. O lugar era simplesmente um ponto seguro e higiênico, no qual prostitutas e clientes podiam se encontrar e negociar os serviços sexuais. As mulheres eram livres para estipular quais termos e preços que queriam e poderiam decidir em não fazer programa algum, se fosse isto o que queriam. No final de 2008, o preço do programa, em média, na Help, custava 250 reais por noite, dado o preço de entrada de 28 reais para a discoteca e a

consumação no bar/restaurante na calçada. Entre 200 e 1000 prostitutas passavam pelas portas da discoteca ou pelas mesas do bar/restaurante todos os dias, com a alta frequência sendo coincidente com a alta temporada de turismo (entre dezembro e março). Praticamente todos os clientes que frequentavam a Help eram estrangeiros de passagem pelo Rio e o lugar poderia ser qualificado como o *point* mais movimentado do turismo sexual na cidade. Muitas mulheres não a utilizavam como local de encontro com cliente, porque a maioria dos programas era negociada dentro da discoteca e a prostituta pagava a entrada como qualquer cliente da boate. Como havia muita mulher lá dentro, existia uma chance boa de a prostituta gastar dinheiro e não conseguir trabalho em troca. Além disso, o programa na Help sofria alguns dos mesmos problemas do programa de bar ou rua, pois a prostituta teria que ir sozinha com o cliente para outro local a fim de realizar o programa, tornando-se mais vulnerável ao roubo, fraude ou violência por parte do cliente. Finalmente, sendo estrangeira a grande maioria dos clientes que frequentavam o Help – poucos dos quais falam português – toda a negociação teria que rolar em língua estrangeira ou num português remediado, dificuldade nítida para muitas prostitutas.

- d. ***Categorizações de modalidades especiais de prostituição:*** existem três modalidades especiais de prostituição – a modalidade “normal”, sendo subentendida como o pagamento para serviços sexuais, que variam de 30 minutos a duas horas de duração ou até o cliente alcançar o orgasmo. Essas três modalidades são a *girlfriend experience* (“experiência de namorada”), toda a noite e *fast foda*.
- *Girlfriend Experience (GFE)*: o cliente paga a mulher para lhe acompanhar exclusivamente por um período extenso, que pode variar entre um fim de semana até um mês ou mais. Mulheres que fazem GFE podem ser encontradas em todos os pontos de prostituição do Rio de Janeiro e este tipo de serviço é bastante requerido por

clientes estrangeiros. Os preços cobrados pela GFE variam bastante, mas geralmente são baseados nos prováveis lucros da mulher durante semelhante período de trabalho. A GFE é mal vista por pontos de prostituição que exigem a dedicação exclusiva de suas trabalhadoras sexuais e, por essa razão, tais lugares geralmente cobram uma multa da prostituta para cada dia que ela falta no serviço no local. Portanto, o preço da GFE com uma prostituta que trabalha em ambiente de dedicação exclusiva minimamente tem que cobrir o preço das multas por ausência que ela vai receber.

- *Toda a noite:* programa que dura a noite inteira, valorizado também por estrangeiros. As mulheres que praticam essa modalidade podem ser encontradas em todos os pontos da cidade. Normalmente, o programa começa após as 22:00 horas e vai até a manhã seguinte, com vários serviços sexuais sendo praticados por preço único durante esse período. Essa modalidade custa o dobro do preço normal do programa de uma ou duas horas de duração.
- *Fast foda:* Em todo o Rio de Janeiro, o programa dura, em média, entre 30 minutos e duas horas, sendo cobrado de um a três reais por minuto. Todavia, existe uma modalidade em que o preço é quase sempre um real por minuto ou menos e que o programa dura menos que 20 minutos: o chamado *fast foda* ou *fast sex*. Os pontos que se especializam nessa modalidade encontram-se espalhados pela cidade, mas concentram-se no centro e na Vila Mimosa. A *fast foda* pode ser extremamente lucrativa, pois uma garota pode fazer seis programas por hora, por uma média de 15 reais por programa – ou seja, ela ganha com sua labuta tanto quanto uma mulher trabalhadora nas termas de segunda categoria da Zona Sul. Essa mesma mulher pode ter um ganho mensal líquido de mais de mil reais, que a situa numa categoria

econômica superior a muitas call girls. Muitos lugares que fazem a fast foda são tão higiênicos e seguros quanto a maioria das boates e termas. Embora a modalidade fast foda exija muito mais parceiros que outras modalidades de prostituição, ela exige muito menos envolvimento social e/ou emocional entre a prostituta e o cliente, sendo a preferência de muitas mulheres exatamente por isto.

#### 4- VILA MIMOSA: UM LUGAR DE LUTA E PRAZER

##### A Puta

Quero conhecer a puta.  
A puta da cidade. A única.  
A fornecedora.  
Na rua de Baixo  
Onde é proibido passar.  
Onde o ar é vidro ardendo  
E labaredas torram a língua  
De quem disser: Eu quero  
A puta  
Quero a puta quero a puta.  
Ela arreganha dentes largos  
De longe. Na mata do cabelo  
Se abre toda, chupante  
Boca de mina amanteigada  
Quente. A puta quente.  
É preciso crescer esta noite inteira sem parar  
De crescer e querer  
A puta que não sabe  
O gosto do desejo do menino  
O gosto menino  
Que nem o menino  
Sabe, e quer saber, querendo a puta.

(Carlos Drummond de Andrade)



## 4.2- Zona Do Mangue

*Na cidade nova também vou morar  
pois o carnaval também já foi pra lá  
Eu sei que o progresso  
O mangue vai fechar  
Quem ornamentou  
Foi Barão de Mauá  
Até o metrô  
Já vai passar por lá  
Pois tudo que aqui chegar  
Lá tem que chegar  
Eu vou morar  
Na beira do Mangue  
Tudo está lá  
Na beira do Mangue  
Eu sei que vou ficar  
(Na Beira do Mangue- Jair  
Rodrigues)*

A Zona do Mangue, localizada na parte central do Rio, onde hoje se encontra o bairro da Cidade Nova, era a área mais tradicional de prostituição de baixo meretrício do Brasil.

As primeiras anotações a seu respeito aparecem por volta de 1860, após aterros de mangues da região. Nesta época, as mulheres que ali se prostituíam eram escravas, mestiças, cafetinizadas pelos seus senhores para complementação de renda. O lugar era composto por pequenos hotéis de trânsito, hospedarias, casas de cômodo e bailes públicos (Castro, 1993).

No fim do século XIX, a polícia passou a fiscalizar a prostituição, com a finalidade de organizá-la e confiná-la em áreas de classe baixa, consideradas ideais para a sua prática, sendo o Mangue o principal lugar. Essa ação tinha como objetivo manter as prostitutas longe das linhas do bonde e de pontos comerciais e fora do alcance dos cidadãos respeitáveis. As campanhas de controle se deram devido a alguns problemas agravados após a abolição da escravidão, tais como o medo do aumento da criminalidade, das epidemias e da desordem social no Rio de Janeiro (Caulfield, 2000).

As prostitutas europeias pobres que vinham para o Brasil representavam a ameaça para a política de civilização da população e de construção da imagem do progresso cultural e social. Essas mulheres chegaram ao país em

1867 e, como citado no capítulo 1, não tinham qualificações específicas para trabalhar na indústria, procuraram a prostituição de baixo meretrício como opção de vida (Kushnir, 1996).

Caulfield (2000) define três tipos de prostitutas do final do século XIX e início do século XX:

**Polacas:** termo utilizado para definir prostitutas européias de classe baixa, especialmente do leste europeu. O senso comum as taxa como prostitutas judias, mas nem todas o eram.

**Mulatas:** termo que evocava sensualidade, usado para prostitutas que alcançavam um status privilegiado devido à sorte, ao seu talento ou dotes físicos, além da tonalidade de cor mais clara do que as pretas.

**Pretas:** termo utilizado para mulheres que tinham uma tonalidade de cor considerada degradante.

As francesas e as mulatas brasileiras eram toleradas, admiradas e protegidas por alguns homens de classes sociais privilegiadas. Já as pretas e polacas causavam grandes perturbações sociais.

Essas polacas e negras foram para a área do Mangue fazer seus programas, e como forma de compensar seus baixos preços de serviços sexuais, atendiam a um número maior de clientes. Já as prostitutas de melhor comportamento, de pele de cor mais clara e as mais atraentes trabalhavam em bordéis mais discretos nos mercados de mais alto nível, evitando o Mangue (Caulfield, 2000).

Em 1896, houve uma repressão policial que fechou inúmeros bordéis, prendeu cafetões, prostitutas e homossexuais na tentativa de eliminar a prostituição. Dez anos mais tarde, a Reforma Passos intensificou esse processo, demolindo várias casas de tolerância, mas sem importunar as “aristocráticas” (Fridman, 2007)

O progresso e a modernização do Rio de Janeiro foram os motivos para uma série de reformas urbanas, que se iniciou com a medida do “bota-abaixo” do prefeito Pereira Passos. Era preciso banir a marginalidade, transformar o Rio em uma cidade civilizada como Paris. Os cortiços foram derrubados, obrigando a população que os habitava a subir os morros da cidade em busca de moradia. A grande maioria dos expulsos se encaminhou para o Largo do Estácio, onde foi criada a base do samba e o antro da malandragem. Algumas prostitutas que trabalhavam na Zona do Mangue, perto do bairro, também

migraram para o Estácio e Morro de São Carlos, trazendo consigo os cafetões, malandros e gigolôs (turma do Estácio, acesso 2010).

Tal “limpeza” restringiu-se às áreas em que havia expansão das atividades comerciais, transferindo as meretrizes para locais menos valorizados, onde residia a população trabalhadora mais pobre (Fridman, 2007).

Em 1920, o rei Alberto e a rainha Elizabeth da Bélgica visitaram o Rio de Janeiro, o que estimulou ao governo da cidade a fazer algumas modificações para embelezar a capital. Uma das principais mudanças foi a retirada das prostitutas que faziam o “trottoir” nas áreas centrais, prendendo-as ou mantendo-as nas casas do Mangue. A partir disso, o Mangue se firmou como lugar ideal para localização do baixo meretrício, contribuindo para a definição dos espaços morais da cidade e para o controle das doenças venéreas (Simões, 2010).

O Mangue atraía uma clientela em sua maioria de jovens e pobres. Em 1923, a polícia registrou 674 mulheres trabalhando na área e, em 1929, esse número havia aumentado para 1735 (Caulfield, 2000). Na década de 30, segundo Castro (1993), o espaço chegou a possuir aproximadamente 7000 prostitutas ocupando desde onde é, hoje em dia, a avenida Rio Branco até o Largo do Estácio. A zona, então, vivia seus momentos áureos. Havia duzentas pensões com portas e janelas de venezianas com cortinas cor de rosa transparentes para mostrar bem os corpos nus, fornecendo a excitação necessária aos passantes pela rua. Nessas casas se encontravam todos os tipos de mulheres: brasileiras negras, brasileiras brancas, francesas autênticas, ditas “francesas”, polonesas, russas, argentinas, paraguaias, bolivianas e portuguesas. O clima era bem agitado, pois naquele espaço havia de tudo:

**“uma feira de línguas e dialetos, um entrecruzar de serviços, farmácia, restaurante, botequins, vendedores ambulantes, caftens à espreita, malandros na tocaia, policiais cavalarianos e a pé, sonolentos e aborrecidos, marinheiros em aventuras fregueses que entram e saem, aliviados ou não, gritos de fêmeas, insultos e convites obscenos, corpos seminus assomando à porta, invertidos que agarravam indecisos, mulheres levando-os quase arrastados para a alcova... No ar impregnado de odores de desinfetantes, de comida rançosa, de éter e álcool, de esperma nas toalhinhas, algo assim como uma atmosfera de pré-temporal, elétrica e desconfortante, mas sumamente excitante e diferente” (Pereira, pg. 65, 1976).**

Segundo Simões (2010), a moeda de cinco mil réis era conhecida como “voando pro Mangue” pelos seus frequentadores, pois esse era o preço do programa em qualquer um dos bordéis. Além disso, a moeda ostentava a imagem de uma asa, que ilustrava ainda mais o ato de voar.

A autora prossegue descrevendo o ambiente com a presença constante dos caftens, que se reuniam durante horas em bares próximos onde suas mulheres batalhavam, bebendo, jogando e contando com palitos de fósforos os fregueses que elas conseguiam ao longo do dia, evitando assim um possível golpe.

Moraes (1995) afirma que o Mangue foi frequentado, nessa época de ouro, por inúmeros poetas, pintores, músicos e escritores, como Lasar Segal, Di Cavalcante, Manuel Bandeira, Cartola, Luiz Gonzaga, Antonio Fraga. Além de ser ponto de encontro dos travestis, caftens, ladrões, bicheiros, bonecas, otários, boêmios e dos malandros.

Porém, por volta de final da década de 30, a zona entrava em decadência. Algumas justificativas foram a presença notória da polícia, as residências e áreas de lazer que se transferiram do centro para a zona sul ou subúrbios da zona norte. Já na década de 40, os bordéis haviam saído de moda devido à expansão dos lazeres noturnos à beira-mar de Copacabana (Caulfield, julho 2000).

Em 1943, o coronel Alcides Gonçalves Etchegoyen pôs em via pública 14 mil mulheres do Mangue e mil da Glória, devido à aprovação do projeto para a construção da Avenida Presidente Vargas, que colocou abaixo 500 edifícios, 4 Igrejas, 1 mercado, a sede da prefeitura e parte do Mangue. A consequência de tal ato foi a transferência dessas mulheres para outros bairros, como Copacabana e Cinelândia, além de outras regiões do Estado (Abreu, 1984).

Por volta de 1945, a polícia restabeleceu o sistema de tolerância, que primava pela disseminação da violência e da opressão. Com isso, a polícia passou a disfarçar as casas de prostituição, obrigando-as a manter as janelas e portas fechadas, delimitando uma área para a zona. Tal atitude é explicada devido à invasão das prostitutas nos bairros residenciais, enfrentando as famílias, além do número de estupros e atentado ao pudor terem aumentado. Havia renascido o Mangue (Pereira, 1976).

Segundo Pereira (1976), o Mangue passou a se chamar *Coréia* (devido ao conflito na Ásia na época) e não tinha a metade do *glamour* de sua época anterior. Transformou-se numa aldeia pobre e sórdida, com 60 casas de aspecto sujo. Agora, só as caftinas eram estrangeiras.

Em 1954, as caftinas foram expulsas das casas e passou a vigorar um novo sistema, chamado de “República do Mangue”, termo cunhado pelos policiais da Delegacia de Costumes e Diversões (DCD) com o objetivo de fichar as prostitutas daquela área para que fossem exercidos os controles médico e policial (Soares, 2010). Cada prostíbulo elegia uma de suas meninas para dirigir o bordel, passando a tarefa em rodízio às outras. Entretanto, como a maioria tinha um nível intelectual muito baixo, nem sempre essa passagem de cargo funcionava (Abreu, 1984). Pereira (1976) alega que as prostitutas passaram a não ter horário para entrar e sair, mas passaram a pagar a diária. Entretanto, tinham a liberdade de escolher seus clientes, ficando a critério de cada uma o número de parceiros. Além disso, o número de prostitutas registradas nos bordéis não poderia exceder ao número de quartos da casa, com a finalidade de manter o controle e a higiene.

De acordo com Leite (2005), o preço cobrado pelas mulheres, fez com que muitos homens buscassem o Mangue, dando-lhe a característica de baixo meretrício. O Brasil estava favorável ao abolicionismo após as resoluções da ONU, o que não possibilitava uma atuação mais enérgica da polícia. Havia outros interesses pela polícia: além do suborno, a criação de um espaço onde as mulheres pudessem ser vistas como em vitrines.

**“Nos fins de semana, principalmente, o clima do Mangue é de festa, com música e baile. Não tem essa do homem chegar, perguntar o preço e entrar. O que mais vale é o ritual de aproximação e flerte. Ele vai à zona para se divertir, ver pessoas, beber, comer, conversar (além de transar, é claro).” (Leite, 1992, p 73,)**

Em novembro de 1968, a rainha Elizabeth II visitou o Rio de Janeiro. A comitiva da rainha passaria pela Avenida Presidente Vargas e era necessário esconder o Mangue dos olhos da realeza. A ordem foi por tapumes na frente da zona, delimitando de vez seus limites geográficos (Soares, 2010).

A partir daí, o Mangue passou de novo por momentos de crise. Em 1971, 10 das 40 casas de prostituição do Mangue, ocupadas por mil e quinhentas mulheres, foram fechadas. A outra derrubada aconteceu em 1974, quando o número de meninas já era de 2000. E a seguinte investida e mais violenta de todas aconteceu em 1977, deixando de pé apenas seis casas. As demais foram demolidas ou incendiadas (Abreu, 1984).

Nos anos 70, passou a ser construído na área da Cidade Nova o Projeto Centro Administrativo São Sebastião (CASS), bem no coração do Mangue. A população carioca passou a conhecer o prédio como “Piranhão”, em uma “homenagem” à construção que definitivamente terminou com a zona do Mangue. Havia um pequeno trecho entre a Cidade Nova e o Estácio, uma pequena travessa com casas, para onde as prostitutas e cafetinas se mudariam pela última vez naquele bairro, em 1979. A Vila Mimosa, no número 41 em frente à rua Miguel de Frias, passou a ser moradia definitivamente das prostitutas e donas de casa. (Soares, 2010).

O Mangue, portanto, se torna uma lembrança de uma zona de prostituição que conheceu a repressão violenta, mas também de profissionalismo e um elevado nível de integração com populares e segmentos de forte expressão artística, intelectual e cultural da época (Moraes, 1995).

#### 4.3- Vila Mimosa

*“Demoro, demoro, vamo lá.  
 Você tá no sofrimento,  
 você quer ficar maneiro  
 vamo formar nosso bonde  
 vamos invadir o puteiro.  
 Vamos formar nosso rap  
 de uma forma carinhosa  
 você não pega ninguém então vai  
 na Vila Mimosa vai, vai...  
 Só na deli, só na delicia, só na delicia.  
 Só na delí, só na delicia, só na delicia.  
 Vila Mimosa.”*

*Mc Serginho- Vila Mimosa*

Vila Mimoza<sup>2</sup> é uma denominação para identificar o local externamente, aquele a ser reconhecido pela sociedade mais geral. Trata-se de uma reafirmação da existência de um tempo em que a prostituição que restou do antigo Mangue se reergueu, e através de ações políticas concretas desencadeadas pelas prostitutas e comunidade, reconstituiu uma identidade enquanto zona de prostituição (Moraes, 1995)

**“ Minha primeira impressão sobre a Vila Mimosa foi de festa, de alegria e de cidade do interior. Engraçado uma cidade como o Rio de Janeiro conseguir manter até há bem pouco tempo uma zona antiga. Ela poderia tranquilamente ter sido tombada pelo patrimônio histórico.**

**Eu andava pela Mimosa completamente hipnotizada e pensando que ali eu iria trabalhar. A zona terminava em outra rua e a verdadeira entrada era essa, com um grande portal escrito: Vila Mimoza – Seja bem-vindo. Vila Mimosa, assim mesmo, com Z.” (Leite, 2009, p.106-107)**

A descrição de Gabriela Leite demonstra a sua primeira impressão ao pisar na Vila Mimosa. Nesta época, a vila Mimosa se localizava em frente à rua Miguel Frias, por onde muito tempo entravam os bondes que levavam à Quinta da Boa Vista.

O número XLI (41) era uma vila residencial composta por 21 casas de “família”. Mas com a demolição de vários imóveis devido ao “progresso” do local, um ponto de jogo do bicho foi instalado no local, passando a atrair apostadores todos os dias. Como virou uma passagem, a Vila Mimosa passou a ser ponto de interesse comercial e de prostituição, já que as suas casas eram as últimas construções próximas ao Mangue. A instalação definitiva da prostituição na Vila ocorreu em 1979, após as desapropriações das casas das ruas Júlio do Carmo, Pereira Franco e Carmo Neto (Soares, 2010).

**“A malandragem local jogava ronda. Eles ficavam entre agachados e de pé, olhando para todos os lados e ao mesmo tempo para as cartas do baralho que eram jogadas no chão de terra, em cima de uma folha de jornal. O olhar para todos os lados era por causa da polícia. Tinha um olheiro na entrada da zona, para ver quando vinha a patrulhinha, entrando com muita dificuldade pela rua irregular.**

**(...) Nunca aprendi que na zona não se vai antes para saber se será aceita ou não no novo emprego. Lá é chegar,**

---

<sup>2</sup> Vila Mimoza com “z” é como estava escrito no muro da vila para onde as prostitutas se mudaram. Vila Mimosa, com “s”, é como é reconhecida a zona de baixo meretrício.

**escolher uma casa e começar a trabalhar, e eu sempre esqueci de levar a toalha e a roupa de trabalho.” (Leite, 2009, 107)**

A Vila Mimosa passou a ser símbolo de resistência e luta de prostitutas. A partir do recomeço da zona naquele novo lugar, criou-se uma identidade de grupo, referindo-se a um “nós” local, demarcado por uma situação de pertencimento em algum nível. O conceito de “Vila” não estava relacionado à atividade do meretrício, mas as relações de vizinhança, de convivência e trocas sociais produzidas através do contato com os mais diversos atores e frequentadores. O termo “Zona” estava mais relacionado à atividade prostitucional em si, porém tinha um sentido ambíguo, pois, apesar de revelar a prática, pretendia negar um pertencimento. A conotação identificadora desse termo era mais pejorativa e estigmatizante (Moraes, 1995).

A partir dos anos 80, o Brasil passou por diversas transformações políticas decorrentes do fim da ditadura. Neste momento, movimentos que mobilizavam um grande número de simpatizantes para os problemas de exclusão social ganharam voz e força e as minorias passaram a ter destaque. Em 1982, a recém intitulada vereadora Benedita da Silva estava organizando um encontro de mulheres de favela e periferia e resolveu ir a Vila Mimosa convidar as prostitutas. Gabriela Leite, prostituta do local na época e com espírito de liderança, aceitou a proposta:

**“Me indicaram, ela foi me procurar, aceitei ir, convenci algumas colegas. Fizemos uma faixa das prostitutas, lá dentro da zona mesmo. E fomos para o encontro com as feministas. Ficamos lá caladas e, pelo final, perguntaram se a gente queria falar alguma coisa. E aí eu disse: ‘Eu falo’. Foi a primeira vez em que falei em público: “Meu nome é Gabriela, sou prostituta”. E foi um rebu, “ó, meu deus, uma prostituta que fala!”(Dorigatti, 2009).**

Daí por diante, Gabriela Leite passou a ser bem conhecida, o que estimulou diversos acontecimentos na Vila Mimosa e no meio prostitucional. A mídia, principalmente as rádios, passaram a procurá-la para dar entrevista e ela foi intitulada oficialmente a porta-voz das prostitutas. Em junho de 1987, Gabriela, líder nacional do movimento relacionado ao programa “Prostituição e Direitos Civis” do Instituto de Estudos da Religião, organizou no Rio de Janeiro o I Encontro Nacional de Prostitutas, realizado no Centro de Artes Calouste Goulbenkian, na Praça Onze. Ela tinha um discurso, desde o início da

militância, lírico, apaixonado, emocional e com grande força literária, com características de ser profundamente questionador do padrão burguês de organização social e familiar, incisivo, agressivo na defesa da categoria e valorizador da cultura e dos modos de vida daqueles que são identificados como marginalizados e excluídos (Moraes, 1995). Neste primeiro encontro, foram listados diversos assuntos a serem debatidos e questionados pelas prostitutas, que tinham pela primeira vez a chance de expor suas opiniões:

**“A gente fez uma lista de assuntos a serem discutidos: profissão, preconceito e estigma, escolaridade e violência, entre outros. Mas no final, mesmo com todo o esforço para conduzir a discussão para outros caminhos, tudo acabava no assunto da violência. Mas não era de qualquer violência da qual se precisava falar, e sim da violência policial. Violação dos direitos humanos para a prostituta é sempre violência policial. Existe um esforço para ampliar esse conceito na visão da prostituta. Ela precisa entender que uma cafetina que não lhe dê boas condições de trabalho, por exemplo, também está violando os direitos humanos.” (Leite, 2009, p. 147)**

Além da questão da violência, o reconhecimento da profissão e a apropriação da identidade de prostituta foram temas bastante debatidos. Afinal, para garantir seus direitos deveria haver um reconhecimento da profissão ou encobri-la por outras ocupações? Essa discussão foi dividida por dois grupos: um mais militante, que defendia a idéia de ter direito a profissão e ao seu exercício com alguma segurança, e um outro grupo, com um número significativo de mulheres, que pensava numa forma de terem reconhecidos os direitos previdenciário como qualquer trabalhador, tendo carteira assinada como autônoma ou qualquer outra profissional, desde que não fosse enunciada a identidade de prostituta.

Depois desse Encontro, muitos estudiosos, pesquisadores e intelectuais passaram a procurar a Vila Mimosa e a Gabriela. A visão sobre prostituição que era de vítima se provava ser antiquada. Com o tempo as pesquisas ficaram mais sofisticadas devido à iniciativa do Encontro. Prostitutas do Brasil começaram a se organizar em associações e conseguiram a colaboração de estudantes, intelectuais e outros segmentos da sociedade (Leite, 2009).

**“Conheço zona em todo o Brasil, até no Oiapoque já estive. Ajudei a montar as 35 associações que existem pelo Brasil. Sempre trabalhando para melhorar as condições, para violência policial acabar, mas sempre com muito humor, não**

**sou uma ativista da bandeira na mão”, afirma Gabriela em entrevista a Dorigatti (2009).**

Na Vila Mimosa, berço das manifestações, não seria diferente. Elas se sentiram mais estimuladas a debaterem entre si os problemas da área, transformando-os em reivindicações específicas, como preocupações sobre limpeza, iluminação, asfalto, segurança, atendimento médico, além de escolas e creches para os seus filhos. Diante de um coletivo diversificado começa a ser colocada a necessidade de criar uma unidade política. Com isso, as experiências fragmentadas e vividas por prostitutas, comerciantes, cafetinas e freqüentadores assíduos começam a se integrar, e o que antes era individualizado começa a ser coletivizado (Moraes, 1995).

Durante esse processo de metamorfose, meses depois do Encontro, o pastor Nilson Fanini, dono da extinta TV Rio, pretendia ampliar os seus estúdios que ficavam ao lado da Vila. Fanini enviou seus representantes à vizinha Vila Mimosa na tentativa de comprar os imóveis, ameaçando os donos e as prostitutas de morte.

**“Comecei a fazer esse discurso pela imprensa e a denunciar o que Fanini estava fazendo naquela área. E o Modesto (da Silveira, advogado) começou a articular a oficialização de um comodato com a Secretaria do Desenvolvimento Social. Mas nos disse que, para podermos brigar melhor, precisávamos ter uma Associação. Não é possível registrar no Brasil uma Associação de Prostituta, devido ao Código Penal de 1940, vigente até hoje. Num artifício legal, optamos por uma Associação de Moradores e Amigos da Rua Miguel Frias, onde fica a Vila Mimosa.” (Leite, 1992, p. 133)**

E a partir disso, em 29 de setembro de 1987 surge a Associação de Prostitutas do Rio de Janeiro (APRJ). Esta Associação instrumentalizava a construção de um “nós” da Vila Mimosa, que gerou um autoconhecimento dos participantes daquela organização como indivíduos dotados de poder político. Em 1988, foi lançado o jornal Beijo da Rua em Recife, onde iria ocorrer o Primeiro Encontro de Prostitutas do Nordeste. O primeiro número foi um sucesso, sendo publicado nele o poema de Carlos Drummond de Andrade titulado de “A Puta” (que está na abertura desse capítulo) (Leite, 2009).

Algum tempo depois, a Vila passou a ser freqüentada por jovens ladrões que roubavam todos os clientes que saíam da zona. Nessa época, uma das casas

da Vila começou a funcionar como ponto de venda de drogas, tendo como fachada a prostituição.

**“Um dia apareceu por lá um rapaz negro, bonito e sempre simpático com as mulheres. Seu apelido era Dentinho e era filho de uma cafetina, recém-saído da prisão. Expulsava os ladrões da zona, e aqueles que não obedeciam ele matava. Todos os dias alguém aparecia assassinado na calçada da padaria, e a vida na zona começou a se tornar muito difícil. Todo dia tinha polícia, troca de tiros e as cafetinas fechando as casas. Os clientes já não iam para a zona, principalmente à noite, e gradativamente os bandidos adquiriram mais espaço, a ponto de em cada entrada sempre ter gente armada. Ali começava a decadência da antiga Vila Mimosa. (...)Sabemos que a Vila Mimosa como lugar de trabalho, cumplicidade e companheirismo estava acabando.” (Leite, 2009, pp 151).**

Em 1992, foi criada por Gabriela Leite, colegas e simpatizantes a ONG Davida, a fim de auxiliar as prostitutas no enfrentamento do preconceito, da discriminação e do estigma que a profissão envolve. A missão da ONG está relacionada à criação de oportunidade para o fortalecimento da cidadania das prostitutas, por meio da organização da categoria, da defesa e a promoção de direitos, da mobilização e do controle social. Além disso, nos dias de hoje, a Davida desenvolve atividades como: prevenção de DST e Aids entre prostitutas e clientes, organização de centro de memória, publicação do jornal Beijo da rua, estudos e pesquisas, articulações de políticas públicas dirigidas à categoria (Davida, 2010).

Anos mais tarde, em 1995, a Vila Mimosa teria seu fim decretado devido ao Projeto Teleporto, que previa um traçado inteiramente novo para o entorno do CASS e do prédio onde seria instalado o mais moderno centro de telecomunicações da cidade. Desta vez, seria irreversível, a Vila Mimosa, símbolo da resistência do Mangue, não sobreviveria ao progresso e aos interesses econômicos. Faltando um mês para a entrega das casas, a então presidente da Associação das Prostitutas da Vila Mimosa, Eunice Coelho, anunciou que havia comprado um galpão em Duque de Caxias com a metade do dinheiro pago pela indenização da Prefeitura. Houve grande insatisfação pela escolha do local e, logo em seguida, Eunice desapareceu, levando com ela o restante do dinheiro da indenização que seria dividido com todos os donos das casas. Quando faltavam apenas quinze dias para a demolição das casas, cafetinas e prostitutas se uniram e compraram outro galpão em uma rua da

Praça da Bandeira, para onde se mudaram no dia 2 de janeiro de 1996 (Soares, 2010). Tal mudança foi muito noticiada, inclusive na Europa, conforme se lê na reportagem abaixo publicada no jornal Le Monde:

“Vila Mimosa, um dos bairros mais velhos da prostituição no Rio, não é mais que um amontoado de pedregulhos e de placas que as chuvas desses últimos dias já transformaram em atoleiro. A municipalidade tinha decidido utilizar o terreno para construir um centro ultramoderno de telecomunicações destinado a homens de negócio. A mudança não foi rápida. Quarenta empregados municipais ajudaram as 1800 ocupantes dos lugares a embalar suas coisas em trinta caminhões e a Prefeitura pagou 1,8 milhões de francos (quantia que nos dias de hoje equivaleria a aproximadamente R\$ 897.000,00)<sup>3</sup> de indenização à Eunice Coelho do Reis, presidente da Associação das Prostitutas do Rio. Na noite do dia 2 para dia 3 de janeiro, as escavadeiras abateram as casas deterioradas e os barracos que abrigavam um comércio de amor mais que centenário.” (Tradução do autor, Journal Le Monde, dia 7 de janeiro de 1996).

#### 4.4- A Nova Vila Mimosa

*“Tive uma idéia bem legal  
Muito boa e muito prazerosa  
Depois que nós saímos de lá  
Fomos todos pra vila mimosa  
Muita mulher pra pegar  
Mas é ruim tem que pagar  
Mas como eu já tava lá  
Ajoelhou tem que rezar  
(...)”*

*Tava indo tudo tão legal  
Perguntaram quanto era o programa  
Responderam que era dez real  
Tudo isso na vila mimosa”  
(Kandamina –Vila Mimosa)*

Atualmente, a Vila Mimosa se localiza na Rua Sotero dos Reis, na Praça da Bandeira e é a zona de baixo meretrício mais conhecida no Rio de Janeiro. Apesar de ter permanecido o nome de Vila, agora está localizada, principalmente, em quatro grandes galpões, com cerca de 2500 metros quadrados, que muito se parece a uma galeria comercial repleta de bares e

<sup>3</sup> De janeiro de 1996 a outubro de 2010, segundo o Banco Central do Brasil, a inflação medida pelo IPCA foi de 153%.

boates. Estes bares e boates se localizam na parte de baixo, e os quartos (ou melhor, cubículos), para a realização dos programas, estão acima desses bares, num segundo andar. Dentre os corredores, há um grande número de vendedores informais vendendo vários tipos de produtos: sucos, doces, salgados, roupas, cosméticos, incensos, bijuterias, entre outros. Também se encontra um salão de beleza e uma loja de tatuagem dentro do galpão. A Vila funciona 24 horas por dia, sendo impossível encontrá-la vazia, destacando-se o período noturno que é o mais movimentado. A partir das 17 horas, horário de saída de trabalho, a Vila começa a ficar cheia, principalmente às sextas-feiras (Pasini, 2005)

Segundo a autora, as mulheres que ali trabalham têm entre 18 a 50 anos (apesar de encontrar algumas mais velhas), sem carteira assinada, cobrando em média 25 reais pelo programa de 20 minutos (sendo que desses vinte e cinco reais, 5 reais é pelo aluguel do cubículo). Cerca de 1500 garotas trabalham no local dia e noite, rondando as ruas e becos. Moraes (1995) complementa que essas mulheres da Vila Mimosa são, em sua maioria, alfabetizadas e possuem diferentes níveis de formação e de frequência a escola.

Desde 2002, a Vila Mimosa conta com um ambulatório médico com serviço de ginecologia, composto também por uma enfermeira e assistentes sociais. De acordo com Nobre (2002), o posto ambulatorial foi resultado de uma parceria de motoristas de taxi e a empresa Embrassom, que fornece as máquinas de música das casas da zona, com o Banco de Providência. O ambulatório possui atendimentos uma vez por semana e qualquer exame que seja solicitado é encaminhado para o Banco da Providência ou para hospitais públicos.

Em 2003, já funcionavam 78 bordéis ao longo da rua. Esses bordéis, junto com os bares e bancas de ambulantes, são filiados a Associação dos Moradores e Amigos do Condomínio da Vila Mimosa (AMOCAVIM), fundada logo após a mudança em 1996. As principais metas da AMOCAVIM são atividades de intervenção ligadas à saúde, à cidadania, à segurança e à educação das prostitutas. Nos últimos anos, a Associação tem mantido projetos com o Ministério da Saúde com o intuito de compartilhar ensinamentos sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) e de distribuir preservativos gratuitamente. Além deste projeto, também há uma parceria com um Banco para o financiamento de um Posto de Saúde e, no começo de 2005, um projeto

junto ao Ministério da Cultura e uma ONG norte-americana, capacitando mulheres em situação de prostituição ou moradoras do bairro para a profissão de costureira.

O uso de preservativos é posto para as prostitutas da Vila Mimosa como uma necessidade diante da ameaça das Doenças Sexualmente Transmissíveis. A camisinha passou a ser uma exigência e seu uso independe de quase todas as práticas e do tempo que venham a permanecer com o cliente. Isso lhes garante sua própria proteção e a de seus clientes. Entretanto, alguns clientes fazem algumas negociações, oferecendo mais dinheiro para não usarem camisinha. Muitas mulheres se dizem firmes em sua regra, mas torna-se complicado negar uma oferta maior ou dispensar o cliente pelo não uso do preservativo. Portanto, o uso de preservativo é o ponto da negociação mais significativo e atesta a valorização dos serviços e garante o controle da prostituta sobre a situação, educando e informando aos clientes, e assim mudando e direcionando os comportamentos (Moraes, 1995).

Em 2005, as prostitutas relacionadas à ONG Davida criaram uma grife, com roupas estampadas com frases e com design baseados no mundo da prostituição, para gerar visibilidade e recursos para projetos da organização, denominaram-na de DASPU. Tal grife não tem a intenção de tirar ninguém da prostituição, pois a Davida luta pela cidadania das prostitutas, como o direito ao trabalho em melhores condições, pelo acesso aos serviços públicos e outros bens da sociedade sem discriminação, pela elevação da autoestima, prejudicada pelo estigma.

Apesar dessas melhorias na Vila, o componente estigmatizador da violência ainda é presente. Essa concepção é reforçada, não apenas por ser um lugar de venda de sexo, mas também por ter como seus componentes outras pessoas com atividades socialmente condenáveis. Além disso, as próprias prostitutas também reforçam o perfil violento da zona ao efetuarem pequenos roubos. Algumas regras são impostas com a finalidade de controlar a violência: não se tornar íntima de clientes desconhecidos, evitar colegas que brigam demais, fugir das companhias escandalosas ou envolvidas com pessoas pouco confiáveis e impor-se a necessidade de silêncio (silenciar aquilo que viu ou ouviu).

## 5- ATRÁS DOS MIMOS: O CLIENTE DAS PROSTITUTAS

*“Quero ser amado por uma virgem e consolado por uma prostituta, porque cada uma delas, à sua maneira, me dá a ilusão de virtude.”*

Morris West

Por que a prostituição ainda existe?

Essa pergunta é um grande motivo de discussão de estudiosos de diversas áreas. Afinal, a sociedade de hoje tem mais liberdade sexual, o fenômeno do casar-se virgem está cada vez mais escasso e as mulheres, depois da sua emancipação, passam a ousar mais economicamente e sexualmente, sem grandes pudores ou tabus. Será que é isso mesmo que está acontecendo?

As feministas sempre investiram em campanhas em relação ao fim da exploração sexual feminina na prostituição e demonstram o quanto o homem é vil ao procurar uma prostituta e a utilizá-la para saciar suas necessidades físicas. E que as prostitutas, por sua vez, estão ali porque são vítimas de uma situação.

Mas quem são esses homens que frequentam as camas das prostitutas? O senso comum tende a acreditar que sejam homens com dificuldades em garantir relações sexuais com mulheres ditas “comuns” e necessitam da ajuda das profissionais do sexo para obtê-las. Crê-se que se trata de homens rejeitados pela sociedade devido à sua péssima aparência, seu cheiro desagradável ou que estão velhos de mais para arrumar uma parceira sexual ou ainda que são tarados, pervertidos, ou compulsivos por sexo. Até que ponto os sujeitos que frequentam a prostituição podem ser taxados com esses estereótipos? Será que o grupo de frequentadores é tão restritivo a esse ponto?

Essas são algumas perguntas básicas feitas pelo senso comum e pela própria comunidade acadêmica sobre a prostituição e quem a frequenta. Explicar as causas das buscas pela prostituição é algo muito difícil, pois a profissão já existe há muito tempo e mesmo com as diversas transformações que a sociedade já sofreu em relação à sexualidade, os homens continuam a procurar serviços sexuais.

Logo, responder a pergunta “Por que a prostituição ainda existe?” é uma tarefa complicada, pois provavelmente não há uma resposta única. Mas um ponto é certo: a prostituição só existe porque há quem procure esses

serviços. E não é um número pequeno de homens, nem é uma característica de país subdesenvolvido. A prostituição existe em larga escala em todo o mundo.

Este capítulo, portanto, tentará avançar nas questões que movem esse mundo prostitucional. Quem são eles e por que estão lá? Quais são os problemas, nas relações entre o gênero masculino e o feminino, que fazem com que a prática do sexo pago seja ainda hoje um fenômeno amplamente praticado e difundido?

### **5.1- A Busca por Prostitutas**

As prostitutas ganharam o título dado pela sociedade de “mal necessário”, a fim de proteger moças virgens da fúria sexual dos homens. A ideia, aparentemente, pode ter sido desfeita devido à liberdade sexual conquistada pelas mulheres, que passaram a ser mais ativas em suas escolhas e comportamentos sexuais. Porém, a prostituta ainda é vista, talvez através de outro contexto, como um utilitário dos homens para saciar seus anseios sexuais.

A relação com a prostituta ainda é justificada como um meio de descarga de uma necessidade fisiológica masculina, que está ligada a uma satisfação e a uma liberação de energia sexual irremediável, para a qual essas mulheres seriam o instrumento ideal desse alívio. Essa justificativa se baseia em argumentações de natureza fisiológica e higiênica, que apesar das mudanças sociais, ainda persistem no discurso cotidiano de homens e mulheres (Leonine, 2004).

Isso pode ser claramente observado quando há uma amenização da traição do homem casado ou comprometido ao procurar uma relação extraconjugal com garotas de programa. Afinal, ela é somente uma prostituta e não uma amante. A prostituta não significa, muitas vezes, uma ameaça real para a mulher, já que com ela, teoricamente, o marido infiel não manteria laços afetivos e nem mesmo uma continuidade nos encontros como seria com uma amante. Seria, portanto, uma breve aventura, um descuido. Já para o homem seria uma “dor de cabeça” a menos, já que a prostituta não lhe exigiria nada no dia seguinte, não ficaria telefonando, não teria que ser conquistada ou mantida por ele. Ela estaria ali, naquele momento, prestando um serviço e, depois do

pagamento do mesmo, acabaria com todos os vínculos. Assim, seu nobre casamento seria mantido sem problemas aparentes (Sousa, 2000).

Outro exemplo, continuando na temática do mal necessário, mostra que muitos homens ainda procuram prostitutas por quererem um tipo de sexo diferente ao que praticam com suas esposas ou namoradas. A ideia de praticar um sexo pervertido e “sujo” está diretamente relacionada com as prostitutas, pois muitos não têm coragem de pedir a suas esposas para realizar suas fantasias ou sabem que elas não vão querer fazê-lo. A imagem da esposa pura, virtuosa, mãe dos filhos, que deve ser amada e protegida é oposta a noção de sexo animal com múltiplas posições e penetrações. Em outros casos, as mulheres, mesmo vivendo em 2010 com toda dita liberdade sexual, não aceitam a prática de certas práticas sexuais solicitados por seus companheiros (Malarek, 2009).

Muitos homens procuram as prostitutas como uma forma egoísta de ter uma mulher devotada e submissa a ele, nem que seja por alguns instantes. A prostituta está totalmente voltada ao bem-estar, ao prazer, a satisfação e ao agrado do cliente ali presente em troca do preço cobrado pelo programa. Ele é o melhor homem que existe, o mais bonito, o mais viril e o mais potente, não há qualquer reclamação ou crítica no momento do programa. E este não precisa se preocupar em agradá-la ou saciar suas necessidades e exigências emocionais. É como se enquanto estivesse com a prostituta, ele fosse o dono dela e pudesse fazer e satisfazer todas as suas vontades, sem qualquer responsabilidade com ela. Ali, ela passa a ser seu objeto, seu brinquedo sexual durante o tempo do programa e nada pode lhe ser negado. Porém, tudo se trata de uma ilusão comprada pelo homem, uma idéia falsa de poder e de jogo de sexualidade (Bader, 2008). Ali, quem põe a grande maioria das regras do programa é a prostituta, que deixa claro todas as possibilidades sexuais a serem realizadas e o preço das mesmas. Assim, se o cliente desejar ter algo a mais, o valor do programa vai aumentando de acordo com as exigências. Vale deixar claro também que as garotas são muito criteriosas a respeito das práticas sexuais, não realizando qualquer prática nem aceitando qualquer cliente.

Leonine (2004) afirma que os aspectos mais positivos e gratificantes desse consumo, para os homens, são o poder que o dinheiro proporciona em escolher e dominar a mulher, sem ser rejeitado e nem precisar se expor, tentando seduzi-la e atraí-la, já que a virtude da sedução e da atração é

diretamente transferida e objetivada no dinheiro, que pagará um serviço breve, fugaz, frio e mecânico. Logo, os momentos mais gratificantes não são os da realização do ato sexual em si, mas sim a conjuntura anterior, que permite que o cliente se sinta no domínio da situação e que possa escolher dentre as várias mulheres (produtos) à sua disposição, aquela que ele pensa que pode satisfazê-lo mais, que corresponde ao seu próprio gosto, ao seu próprio senso estético e ao capricho do momento. Essa fantasia de poder e de domínio dos clientes refletem uma percepção da mulher prostituída como objeto, como instrumento para a satisfação de uma necessidade própria, que será obtido através do dinheiro. A relação com a prostituta, portanto, não se dá como um relacionamento entre duas pessoas “comuns”, mas como um ato de aquisição e uso de um produto para a gratificação momentânea.

Segundo McKeganey e Barnard (1996), os homens têm cinco motivos básicos que os estimulam a buscar prostitutas, são eles a possibilidade de ter tipos específicos e particulares de atos sexuais, que eles (clientes) gostariam de desempenhar ou que desempenhassem com eles; a capacidade de fazer sexo com diferentes tipos de mulheres; ter relações sexuais com mulheres com atributos físicos específicos; a emoção de fazer algo que não seja socialmente aceito; e a vantagem do contato sexual com a prostituta ocorrer naturalmente de forma limitada e sem emoções.

Em relação às práticas específicas, clientes procuram prostitutas por terem vergonha de sua fantasia ou por as considerarem especialistas sexuais dispostas e ideais para realizá-la. Alguns exemplos são práticas sadomasoquistas ou de punição sexual em geral aplicada ou recebida pelo homem, sexo oral, sexo anal, degradações físicas como urinar e defecar no parceiro, além de posições sexuais diferentes que a esposa nem sempre está disposta a realizar.

Já a motivação de ter relação sexual com diferentes mulheres está relacionada ao desejo de ter um numeroso “staff” sexual na vida. O homem vai ao encontro de variedade sexual, aumentando a quantidade de mulheres que ele se relaciona sexualmente em toda sua vida. A procura por prostitutas facilita nesses casos, pois, além de encontrar no meio prostitucional um conjunto diverso de opções de beleza e estilo a disposição, não há envolvimento emocional e com isso, não ocasionará complicações no seu casamento ou namoro. Porém, às vezes, o medo de contaminação de HIV limita ao homem

seu contato sexual com prostitutas, fazendo-o procurar alguém em exclusivo, que lhe garanta “confiança” de saúde, para realizar suas fantasias.

Muitas vezes, o homem vai atrás de um modelo físico ou comportamental específico de mulher. Características como idade, origem étnica e estilo físico (magra/gorda, alta/baixa, com mais bunda ou mais busto) ou com estilos de comportamentos como ser mais “menina” ou mais “vadia”, mais “correta” ou mais “devassa”. Tal modelo físico ou comportamental vai variar de acordo com a vontade e o capricho do momento, satisfazendo a excitação e os anseios daquele instante.

A possibilidade de uma relação fria com uma mulher, na qual não haja envolvimento ou necessidade de conquista, estimula a compra de sexo. Todos os personagens sabem a função pela qual estão ali e, sem cerimônias ou compromissos, consomem o ato. Além disso, ao pagar um serviço sexual, o cliente se livra de qualquer responsabilidade de relacionar-se, e a prostituta, ao aceitar o dinheiro, entra em uma simples troca comercial, na qual ela oferece, unicamente, os serviços combinados. Pode-se entender, nesse modo, a relação com prostitutas como uma satisfação de um prazer egoísta, pois é possível ficar completamente livre da obrigação de satisfazer e dar atenção à própria companheira. A prostituta é vista como uma profissional competente, a qual tem como objetivo a obrigação de satisfazer uma exigência e de oferecer o prazer em troca por dinheiro. Em vista disso, a relação com prostitutas é mais prática, já que as regras do jogo são claras: em troca de dinheiro, a mulher não apenas se torna disponível sexualmente como também não rejeita nem julga o homem (Leonine, 2004).

É importante ressaltar que para as prostitutas, segundo Russo (2006), também há uma delimitação entre o cliente e o companheiro, ou seja, o cliente é aquele com quem se negocia, mas não há um compromisso sentimental. Já com companheiro há o prazer, o amor e a entrega, que são elementos primordiais para que o encontro aconteça.

E por fim, a sociedade não aprova a procura por compra de sexo, independentemente do modelo político-social (Abolicionista, regulamentarista ou proibicionista) que seja exercido no país.

## 5.2- Quem São Os Clientes?

Ao se pensar nos clientes, podemos ter uma ideia estereotipada dos sujeitos. Entende-se estereótipos como uma representação mental de um grupo social e de seus membros ou de uma estrutura cognitiva - que representa o conhecimento de uma pessoa acerca de outra pessoa, objeto ou situação- a qual tendemos a enfatizar o que há de similar entre pessoas, não necessariamente similares, e a agir de acordo com esta percepção (Rodrigues, Assmar e Jablonski, 2009, pp 138). Muitas vezes, esses clientes são imaginados como homens grosseiros e desajeitados, solitários, fixados em pornografia e com características físicas degradantes, como feios e sujos. No entanto, não é essa a única realidade do meio prostitucional. Há clientes de aparência comum, alguns bonitos, outros feios, de diversas faixas etárias, classes econômicas e profissões. Podemos encontrar desde o adolescente até o idoso e do desempregado ao mais alto executivo.

Segundo Sousa (2000), o cliente imaginário é um indivíduo sem cultura, sem instrução, sem moral, pertencente a um nível social carente em todos os sentidos ou, então, trata-se de um turista que quer companhia durante sua estada ou, ainda, indivíduos que tem alguma espécie de problema sexual.

Entretanto, conforme descrito por Leonine (2004), os clientes de prostitutas são “homens normais”. A autora reflete:

**“A “normalidade” do cliente insta-nos a procurar mais de uma motivação ou mais de um conjunto limitado de causas profundas, insta-nos a não construir tipologias rígidas e falsamente abrangentes da multiplicidade de argumentos, discursos, casuísticas, situações biográficas e sociais associadas a esse fenômeno. Nessa perspectiva, o tema “prostituição” perde o caráter de fenômeno claramente circunscrito e de fácil definição, referente ao número limitado e imediatamente identificável de sujeitos “desviados”, para ocupar-se, de maneira mais geral, da definição da sexualidade, tanto masculina como feminina, e da relação entre os sexos na cultura ocidental moderna.”(Leonine, L., 2004, pp 99)**

Pelo que se pode averiguar, não há qualquer tipo de restrição para a procura de prostitutas, porém nem todos os clientes são aceitos pelas garotas. Gabriela Leite (1992) retrata isso muito bem:

**“Então, por mais que se separe, sempre tem afeto na relação com o freguês. Não é só sexo. Assim como um psicanalista, a prostituta trabalha com desejos e sentimentos, do freguês e dela própria. De uma forma ou de outra, você gosta da pessoa ou não, vai com ela ou não. Se você não quer, não há nada no mundo que te convença do contrário.” (pp 73)**

Elas estabelecem mecanismos para categorizar seus clientes e, assim, se proteger dos que nada são compensadores ou inconvenientes e indesejáveis. Alguns dos critérios utilizados para a aceitação ou rejeição de clientes são cliente honesto/ desonesto, cliente gentil/ hostil, cliente saudável/ doente, cliente responsável/ irresponsável, cliente confiante/ perigoso. A partir desses e de outros critérios, as prostitutas avaliam o quanto o cliente pode ser bom em potencial ou não. Quanto mais aspectos positivos eles tiverem, mais serão assediados e vice-versa (Moraes 1995).

Apesar de terem o poder de escolha do cliente a quem querem atender, muitas prostitutas perdem essa possibilidade devido às suas necessidades. Segundo Bauman (1990, p107-124) algumas pessoas são mais livres que outras, o que torna sua forma de escolha mais ampla, obtendo acesso a mais recursos. Então, ter poder é ter mais condições para agir livremente; com menos poder você fica limitado pela escolha de poder do outro. As prostitutas de baixo meretrício tendem a serem menos rígidas do que as de alto meretrício em relação a escolhas e seleção de clientes por causa de pressões que sofrem. Quanto maior o nível de pobreza e miséria a que estejam sujeitas, mais flexíveis e abertas são as normas que selecionam os clientes. Porém, cabe ressaltar que não se pode legitimar uma polarização que, de um lado estão as mulheres do baixo meretrício que se permitem qualquer tipo de sexo e do outro, as do alto meretrício que tem mais exigência em suas escolhas. Muitas vezes, por exemplo, as prostitutas de alto e médio meretrício são obrigadas a restringir suas escolhas devido à pressão de cafetão. Afinal, o critério de escolha não é estático nem definitivamente padronizado, pois os próprios valores das prostitutas não se apresentam como uma cultura homogênea de princípios e códigos sociais de comportamentos (Moraes, 1995).

Segundo Gaspar (1985), o “cara legal” é aquele que sabe tratar bem, tem um bom papo e paga o combinado, às vezes, até mais. Esse é o cliente que é disputado pelas prostitutas e, geralmente, se torna cliente fixo. Muitos deles acabam ganhando certa confiança e procurando as garotas para conversar sobre

seus problemas, pois se sentem confortável em contar seus segredos devido à distância social entre ele e a prostituta, dando às afirmações dela pouco crédito ou acreditando que ela nada irá contar e se o fizer, ninguém vai acreditar. Simões (2010) compara prostitutas a padres dentro desse contexto, pois ambos sabem muito a respeito dos clientes ou fiéis e tais segredos devem ser conservados, como uma forma de um dever profissional. Além disso, é esse tipo de cliente que pode auxiliar durante o período de dificuldades econômicas ou quando a mulher deseja sair da prostituição e abrir um negócio próprio. Moraes (1995) complementa que é o tipo de cliente que, além do programa, gastam bastante no bar, o que lhe gera certos privilégios com as donas de casa, que, geralmente, os trata muito bem.

O fator idade é um critério de escolha determinante para algumas mulheres, pois homens considerados mais maduros tendem a ser os clientes mais fixos, além de serem vistos como “confidentes, amigos e sadios”. Esses atingem um grau de afinidade quase de amante e estão sempre pela zona. Já em relação aos mais jovens, há certa evitação por parte das garotas, pois muitos são considerados como violentos, machistas e drogados. Eles rompem facilmente com os acordos, fazem acusação de desvio e, muitas vezes, querem fazer o programa sem pagar, na base do galanteio barato (Moraes, 1995).

Segundo Leonine (2004), a procura por sexo pago é diferente quando feita por jovens e rapazes ou por homens adultos. Os mais jovens estariam em busca por prostitutas para afirmar a própria masculinidade e a virilidade, procurando obter uma constatação de suas próprias capacidades eróticas e sexuais. Já em referência aos mais velhos, a autora explica que as necessidades atribuídas à frequência aos estabelecimentos prostituidores estão vinculadas a um sentimento de solidão mais psicológica do que física, dificuldade de conviver e de se relacionar com outras pessoas, possuir um sentimento de insegurança existencial que encontra uma solução parcial e momentânea nas fantasias de poder ligadas à escolha de uma mulher em particular, à escolha de um serviço especial ao qual se tem acesso mediante dinheiro, o que garante a certeza de se ter uma relação.

A justificativa dada por Sousa (2000) aos homens mais velhos que buscam a prostituição está ligada a três fatores: solidão; acompanhantes de jovens rapazes que vão ser iniciados sexualmente ou conhecerem a casa; e

clientes tradicionais na casa que já constituíram um vínculo afetivo com uma das prostitutas.

Do grupo dos mais jovens fazem parte os adolescentes que ainda procuram a prostituição como forma de iniciação sexual. Esse rito de passagem é visto como uma necessidade de afirmação como homem diante de si e da sociedade, além de satisfazer uma curiosidade (Lagenest, 1975). Por ter características de um ritual, esse ato nunca pode ser realizado em plena solidão, precisa de testemunhas para confirmá-lo e valorizar sua realização, pessoas que participem da mesma experiência, com as quais possa se sentir unido e pertencente a membro de um novo grupo. O ideal romântico da prostituta como mulher especializada - que, de acordo com Leonine (2004), os pais confiariam os filhos para uma iniciação sexual ou uma confidente de homens adultos, que poderia ser considerada como uma especialista que ajuda a resolver medos, bloqueios, desejos inconfessáveis e que sustenta o homem em suas necessidades sexuais até o momento de se casar – é um estereótipo muito distante. Gabriela Leite (1992) retrata bem esse ritual de passagem do jovem na companhia do pai:

**“Eu já tinha ouvido falar das histórias dos pais que levavam os filhos, para terem a iniciação na zona, como coisa comum e normalíssima, mas ainda não tinha estado de frente com uma situação dessas. Quando ele me disse: “Trouxe meu filho para você”, eu olhei para o menino e, mesmo ele sendo bem desenvolvidinho, me assustei. O menino estava pálido, tremendo de medo do ambiente desconhecido. Senti que seria uma responsabilidade imensa eu tirar a virgindade daquele garoto, não sabia mesmo se conseguiria e falei: “Olha, eu te apresento às minhas amigas que podem transar com ele, mas eu não consigo” (p.72)**

O pai levando a criança fica cego, desconsidera tudo, só pensa: “meu filho é macho”. Acha que sabe o que é melhor para o menino. Quando essa situação aconteceu pela segunda vez, eu mais vivida, virei-me para o garoto e perguntei:

**“Você me acha bonita? Você sente tesão por mim?” E o menino nem piscava, ficava parado como uma estátua. Então eu disse para o pai dele: “Tá vendo? Eu não sou mulher para ele. Você devia ir por aí e perguntar ao teu filho quem é que ele quer, parando de impor o teu desejo”.” (Leite, p 72, 1992)**

Esse tipo de busca parece estar diminuindo, visto que, com a liberação sexual de hoje, o adolescente pode encontrar alguém do seu meio com o mesmo tipo desejo sexual. Segundo a pesquisa Datafolha de 2010, 13% dos homens entrevistados tiveram sua primeira relação com prostitutas ou garotas de programa, 48% com namoradas, 19% com amigas e 19% com a própria esposa. A escolha da primeira parceira sexual, segundo a pesquisa, se dá desta forma:

**“A escolha do(a) primeiro(a) parceiro(a) muda conforme as gerações: enquanto 33% dos brasileiros com idade entre 45 e 60 anos tiveram sua primeira vez com a esposa ou o marido, essa taxa é de 10% entre os que hoje têm entre 18 e 24 anos, 14% dos que têm 25 a 34, e 19% entre os que estão na faixa etária de 35 a 49 anos. Por outro lado, as gerações mais novas passaram a iniciar mais sua vida sexual com amigos(as) (26% dos 18 aos 24 anos e 21% dos 25 aos 34), em comparação com os mais velhos (14% dos que têm entre 45 e 60 anos tiveram um(a) amigo(a) como primeiro(a) parceiro(a). Ao mesmo tempo, 13% dos mais velhos começaram com uma prostituta ou garota de programa, taxa que é de 3% entre os que têm até 34 anos. Além disso, o início da vida sexual com um(a) namorado(a) é mais comum conforme aumenta a escolaridade (de 40% entre os menos escolarizados até 53% entre os que têm curso superior), ao passo que os que estudaram menos se destacam entre os que tiveram a primeira relação com esposa ou marido (26%), em comparação com os mais escolarizados (13%). Entre os solteiros (58%) começaram sua vida sexual com o(a) namorado(a), mesma situação dos que não costumam ter relações com outros parceiros (53%).” (DATAFOLHA, 2010)**

Um dado levantado por Sousa (2000) é que esses jovens fazem sua primeira visita à um prostíbulo acompanhados por amigos mais velhos ou da mesma idade e não mais por pais ou parentes. Entretanto, a maioria dos adolescentes não recebe da família instruções de prevenção contra doenças sexualmente transmissíveis, aprendendo geralmente através de amigos ou da mídia. Conforme indaga Petri (1986): “O pai do adolescente crê (geralmente com razão) na iniciação sexual do jovem com prostitutas. Agora preocupa-se: estarão contaminadas?”(p. 59)

Outro critério de escolha dos clientes pelas prostitutas é feito de acordo com o desempenho sexual. Existem clientes que são mais rápidos para atingir o orgasmo, o que os torna clientes mais simples e valorizados, afinal tem um desempenho sexual tranqüilo e imediato. Já aqueles que dependem de certas peripécias sexuais para conseguirem atingir o orgasmo, nunca são considerados

como compensadores, pois além de despenderem muito tempo do programa, desgastam demais as garotas (Moraes, 1995).

A timidez pode ser um fator que afeta o desempenho sexual. Por conta dessa limitação, o homem costuma não ousar enfrentar uma mulher qualquer ou se recusa a assumir um compromisso, o que justifica a sua busca do alívio sexual com prostitutas. Assim, não terá que se expor para conquistar ou encarar uma recusa, já que só basta pagar pelo serviço (Lagenest, 1975).

Existem clientes que procuram certo tom de romantismo em suas relações. Eles sentem a necessidade de se sentirem aceitos, querem atingir e conquistar a prostituta que a eles se entrega. O jogo não se esgota com a contratação e com a aceitação da prostituta em prestar serviço, mas continua com a procura, no ato e na relação, de um sinal que deixe transparecer o reconhecimento da particularidade da qual acredita ou deseja ser portador (Leonine, 2004).

Muitos homens geram repulsa nas prostitutas devido a sua aparência. Estes estão enquadrados na configuração popular do cliente das prostitutas por terem dificuldades de arrumarem outras mulheres. Segundo Simões (2002), o péssimo cliente para as garotas é aquele que não te higiene, fica bêbado, é agressivo, cheira mal, exige muito e paga pouco. A maioria desses clientes, de acordo com Gaspar (1985), está acima dos 35 anos, sendo considerados velhos, e tem certas características físicas – gordo, careca- que não os tornam atraentes.

Há uma parcela de clientes que também gera certa repulsa nas mulheres devido a sua deficiência física. Muitas têm pouca paciência e preconceito em ter uma relação sexual com alguém nesse quadro. Como a imagem social do homem é a de ativo sexualmente e viril, ao se deparar com alguém deficiente, há uma série de estereótipos que suprimem as emoções e carências sociais e sexuais desses indivíduos, como se não sentissem mais prazer ou excitação. Tal fator acaba por afugentar esse cliente dos prostíbulos, pois não buscam prazer por prazer e sim, por uma necessidade fisiológica. Além disso, nem toda prostituta se prontifica a lhes fazer um programa, pois esse cliente exige que esta tenha mais habilidade, paciência e carinho devido as suas limitações.

Há clientes que, de início, se mostram mais tímidos e retraídos, mas, quando chegam para o programa se revelam perversos sexuais, para quem o objeto sexual é completamente desvalorizado. Quando a perversidade é sádica, se tornam o terror das prostitutas devido às suas exigências descabidas

(Lagenest, 1975). Esse homem parece odiar as mulheres, acreditando que elas servem para serem usadas, abusadas e humilhadas. Muitas mulheres são agarradas, estupradas, apanham e, por conseguinte, mortas (Malarek, 2009). A violência se caracteriza como uma forma de subjugar o outro e se explicita através do poder, que se exerce sobre os corpos e mentes de homens e mulheres. Porém, os homens não se sentem culpados com suas atitudes, visto que pagaram pelos serviços e acreditam que a mulher está ali porque quer, sendo considerada a principal responsável pelos atos. O dinheiro passa a ser o instrumento que liberta da culpa de todas as agressões, pois, a partir do momento que ela vende “seu corpo”, ele pode usufruir deste da maneira que ele quiser (Lagenest, 1975; Malarek, 2009).

Por fim, um dos critérios de escolha mais imponentes é o tipo de cliente de acordo com sua classe social. A categoria dos “desempregados”, “paraíbas” e “peões de obra” é a mais desvalorizada de todas, pois é considerada a classe mais pobre. São os pobres, bêbados ou drogados e sujos, rejeitados por serem julgados como ignorantes e personalidades difíceis, ou simplesmente, nada compensadores. Muitos costumam ser agressivos, submetendo as mulheres a maus-tratos e se recusando a pagar. Alguns não têm dinheiro nem para o programa, ficam caminhando de um lado para o outro somente olhando, sendo considerados como “punheteiros” e indesejados, que ficam só atrapalhando outros possíveis programas.

O ponto de vista da maioria dos homens que já buscaram em algum momento os serviços de prostitutas pode ser percebido, de certa forma, como irônico e complexo, pois eles não veem essa busca como algo positivo, mas como uma passagem obrigatória e pouco prazerosa de suas vidas. Justificam essa experiência como uma necessidade de satisfazer uma curiosidade ou de experimentar o que todos experimentam. A partir desse argumento, como podem procurar algo que lhes gerará prazer e não o considerar como algo prazeroso?

Pode-se perceber a partir desse capítulo que diversos tipos de homens, de diferentes classes sociais, belezas, personalidades e idades, frequentam o meretrício. Muitos deles respeitam e tratam bem a prostituta, apesar de vê-la com um objeto de consumo para prazer próprio. Entretanto, muitos outros denigrem a imagem da mulher, tratando-a como um mal para sociedade, abusando dela e a violentando durante o programa. Ela deixa de ser um ser

humano e passa a ser algo que deve ser desprezado pela sociedade. O que vale concluir é que muitos homens ainda procuram a prostituição para realizar seus desejos e saciar seus anseios, independentemente das possíveis justificativas que possam ser dadas. Segundo a Associação dos Moradores do Condomínio e Amigos da Vila Mimosa (AMOCAVIM), durante as noites de sexta-feira e de sábado, cerca de 4.500 pessoas (em torno de 3000 homens e 1500 mulheres) transitam pelas ruas, bares e casas de prostituição no baixo meretrício da Vila Mimosa (local de minha pesquisa). A partir desse dado, pode-se perceber que a relação prostituta-cliente ainda é algo difícil de ser extinto, mesmo com a dita liberação sexual contemporânea.

## 6- IDENTIDADE, PRECONCEITO E PAPEL SOCIAL

*“Joga pedra na Geni  
Joga pedra na Geni  
Ela é feita pra apanhar  
Ela é boa de cuspir  
Ela dá pra qualquer um  
Maldita Geni”*

*Geni e o Zepelim- Chico Buarque*

Para entender o fenômeno da prostituição, deve-se observar identidade e papéis sociais da profissão, que são frutos de diversos preconceitos. Além disso, cabe ressaltar que uma prostituta não executa sua profissão todo tempo: assim como qualquer mulher que trabalha fora, ela também tem outros papéis sociais. Só que por meio do preconceito, a sociedade tende a discriminá-la com mãe de família ou até como cidadã, simplesmente por ser meretriz.

Torna-se necessário falar de “identidades no plural”, podendo cada agente social, seja individual ou coletivo, atualizar, mobilizar ou produzir identidades em função do contexto. Epstein (1978) caracteriza identidade como algo plural, ocorrendo uma simultaneidade de personalidades, ou seja, o sujeito não teria uma única identidade, mas múltiplas identidades de acordo com os múltiplos papéis sociais que exerce. A identidade estaria na dimensão da percepção do self, processo pelo qual o sujeito procura integrar seus vários status e papéis, bem como suas experiências diversas em uma síntese. Hall (2004) acrescenta que o sujeito assume identidades diferentes em momentos distintos, identidades estas que não são unificadas em torno de um eu coerente. Existindo em cada sujeito identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que as suas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Mayorga (2007) complementa que esta construção social e cultural da identidade cria oposições binárias, dividindo o sujeito em aqueles que pertencem a um grupo e aqueles que não pertencem, marcando relações de igualdade e de diferença entre os sujeitos. Tal processo é influenciado por relações de poder e hierarquia, discernindo identidades que possuam conotações positivas das negativas de acordo com aquele grupo social. A partir

disso, a identidade vista como “normal” e “positiva”, também é desejável e forte, sendo naturalizada. Já as estigmatizadas são o desvio, as fora da norma.

Goffman (2008) explica que quando conhecemos uma pessoa, os primeiros aspectos dela nos possibilitam prever sua identidade social. A partir dessas preconcepções, nós as transformamos em expectativas normativas, em exigências apresentadas de modo rigoroso, fazendo algumas afirmativas em relação àquilo que o indivíduo deveria ser. Logo, as exigências que fazemos poderiam ser denominadas de demandas feitas efetivamente, e o caráter que imputamos ao indivíduo poderia ser encarado mais como uma imputação feita por um retrospecto em potencial, uma identidade social virtual. A categoria e os atributos que ele, na realidade, prova possuir, serão chamados de sua identidade social real. Estigma seria uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real, utilizado como referência a um atributo profundamente depreciativo. Acredita-se que alguém com estigma não seja completamente humano, atribuindo a ele vários tipos de discriminação e construindo uma teoria para explicar a sua inferioridade e dar conta do perigo que ele representa. A mulher aparece, em diversos textos da literatura ao longo da história, como um ser inferior devido a sua condição de gênero, alguém que deveria ser submetida às ordens e desejos dos homens. A prostituta teria uma condição ainda mais inferior, pois além de ser mulher, ela era pobre e ainda estava tendo uma vida mundana, propensa a ter doenças venéreas - deveria ser tratada, então, como uma escrava sexual. Não estaria seguindo as normas da instituição da família, as quais predizem que ela deveria se casar e se dedicar a família e a casa. Ela era o escarro da sociedade, no final do século XVIII e início do século XIX conforme visto no capítulo 1, um mal que só persistia por ser necessário para saciar os anseios sexuais dos homens e preservar a virgindade das meninas nobres. Esse tipo de desvio, em que os indivíduos se recusam a aceitar o lugar social que lhe é destinado – o da mulher que deve obedecer ao marido e ser esposa e mãe- e que agem de maneira irregular no que se refere a nossas instituições básicas, é conhecido como desafiados.

Gaspar (1985) explica que em relação à prostituição, o papel social desempenhado sintetiza as características do indivíduo, cristalizada em uma só identidade. Entende-se “papéis sociais” como

**“(...) padrões ou regras arbitrárias que uma sociedade estabelece para seus membros e que definem seus comportamentos, suas roupas, seus modos de se relacionar ou de se portar (...) através do aprendizado de papéis, cada um/a deveria conhecer o que é ser considerado adequado (e inadequado) para um homem ou para uma mulher numa determinada sociedade, e responder a essas expectativas” (Louro, 1997, p. 24).**

Entretanto, não é desta forma que as prostitutas se vêem. Há uma tensão entre o aspecto totalizador da prostituição e um espaço para a elaboração pessoal sobre este papel e todos os outros desempenhados. Já outros autores, como Mckeganey e Barnard (1996), debatem a respeito da identidade do uso do mesmo corpo para obtenção de recursos financeiros e relacionamentos amorosos. Alegam que as prostitutas manipulam sua identidade estigmatizada a fim de separar o trabalho sexual com clientes das relações sexuais com seus parceiros não-clientes, recorrendo à estratégias, tais como nome de guerra e uso de rituais. Segundo Goffman (2008), pessoas perseguidas socialmente, que tenham uma importante ruptura com o mundo, como as prostitutas, tem interesse em adquirir uma identidade pessoal que não seja a sua ou em se desvincular de sua identidade original. Rago (2008) enfatiza que o significado simbólico da mudança de nome é forte, pois vem acompanhado, de um lado da perda do sobrenome que vincula a família e, por outro, por toda metamorfose de sua identidade corporal. Afinal, a prostituta além de trocar de nome, também muda a cor do cabelo, encurta e decota as roupas, passa a se maquiar com mais extravagância. Da mesma forma, aprende uma maneira de falar e conhece gírias do meio, se adaptando de diversas formas ao universo a que está pertencendo. Um exemplo de ritual é a proibição da sensação de prazer durante a relação com clientes para que seja clara a separação de trabalho e “lazer”. Castro (1993) afirma que essa dicotomia vai além da parte sexual, num antagonismo radical entre dois mundos: o de “fora” e o de “dentro”. O mundo de fora é representado por um conjunto de valores associados a um modelo definido e definitivo de comportamento moral. Já o mundo de dentro, vivido no meio do meretrício, tem valores e expressões de comportamento completamente diferentes aos do mundo de fora. A divisão dos dois mundos simbólicos de conduta moral acaba tomando contornos de espaços físicos. E Goffman (2008) complementa que essa divisão do mundo do indivíduo em lugares públicos e lugares retirados estabelece o preço que se

paga pela revelação ou pelo ocultamento e o significado que tem o fato de o estigma ser conhecido ou não. DaMatta (1997) destaca que tudo aquilo que é um paradoxo, um conflito ou uma contradição para a sociedade, como as regiões de meretrício, é escondido, jamais concebida como espaços permanentes ou complementares às áreas mais nobres. O estigma exige que a prostituta seja cuidadosamente reservada em relação a seu “defeito” com uma classe de pessoas, por exemplo sua família, ao mesmo tempo em que se expõe sistematicamente a outras classes, clientes, contatos, donas-de-casa, etc. DaMatta(1997) sugere, então, uma diferença entre rua e casa que demonstra de forma clara as separações de conduta do sujeito nas diferentes situações:

**“Mas todos sabemos que a casa demarca um espaço calmo, dominado por um grupo social que, no Brasil, é concebido como “natural”. Realmente, entre nós a família é igual a “sangue”, “carne” e tendências inatas que passam de geração a geração, pois uma pessoa “puxa” e “sai” como a outra, isto é, como seu pai, mãe ou avós**

**(...) Em todo caso, se a casa distingue esse espaço de calma, repouso, recuperação e hospitalidade, enfim, de tudo aquilo que define a nossa idéia de “amor”, “carinho” e “calor humano”, a rua é um espaço definido precisamente ao inverso. (...) A rua é um lugar perigoso.**

**(...) é na rua que devem viver os malandros, meliantes, os pilantras e os marginais em geral – ainda que esses mesmos personagens em casa possam ser seres humanos decentes e até mesmo bons pais de família. Do mesmo modo, a rua é o local de individualização, de luta e de malandragem. Zona onde cada um deve zelar por si, enquanto Deus olha por todos, conforme diz o ditado tantas vezes citado em situações onde não se pode mais dar sentido por meio de uma ideologia de casa e da família; contextos, repito, onde não se pode mais utilizar como moldura moral a vertente relacional e hierarquizante de nossa constelação de valores.” (p55-57)**

Segundo Freitas (1985), existem três tipos de identidade da prostituta construídos através de critérios físicos, morais e afetivos.

Os aspectos físicos ou geográficos se associam a uma integração social e familiar. Prostitutas de rua se consideram mais próximas de suas famílias do que as de bordel, o que caracteriza uma proximidade moral. Prostitutas de bordel praticamente se desvinculam da sociedade, mantendo-se distante inclusive de sua família, o que reforça uma distância moral. A dicotomia rua-bordel supõe também um jogo de rotulações, no qual as prostitutas de cada domínio reivindicam o status de “menos expostas” do que as outras. As de rua reivindicam menos exposição do que as de bordel por não constituírem o

objeto específico da atenção das pessoas que circulam no ambiente. As prostitutas de motel seriam menos expostas do que as outras modalidades de bordel por exercerem suas atividades em estabelecimentos fechados e seriam menos expostas que as de rua por não estarem em contato direto com o público. As que trabalham em rendez-vous teriam reivindicações similares as de motel em relação às de rua e seriam menos expostas do que as garotas da zona porque há maior rotatividade de cliente do que na zona, há menos exposição do corpo na espera por clientes e não aparentam ser objetos em exposição como as de zona. Portanto, quanto mais se consideram menos exposta, menor a imagem de prostituta lhes parece, ou ainda, lhes garante uma identidade de prostituta de um status moral mais elevado.

O critério moral está vinculado com a imagem social que a prostituta representa. As prostitutas de rua são as mais rotuladas como imorais, pois não há agente do mundo da prostituição que garanta a validade prática de qualquer padrão de moralidade. São consideradas como portadoras de DSTs, perigosas e drogadas, que geralmente vão para os quartos com navalhas para roubo e não respeitam as pessoas na rua. Já as prostitutas de bordel têm as cafetinas como um filtro que mantém o controle sobre os padrões de conduta. Portanto, há, segundo esse critério, uma dicotomia entre prostitutas com moral e prostitutas imorais e a presença de um ator específico (cafetinas ou rufiões) tem o poder de assegurar a validade prática de padrão de moralidade. As prostitutas de motel, em contrapartida, não têm a família como referencial de moralidade, como as demais, e sim sua estratificação social. Devido ao alto padrão social da clientela é requerido que essa classe de garotas tenha um traquejo social que, aliado aos altos rendimentos, constitui recursos que neutralizam a precariedade moral da condição de prostituta. Possuem um padrão de se assumir, explicitando sua identidade em qualquer contexto sem deteriorá-la. Aquela que a encobre é considerada “escrota” tal como aquela que a expõe de forma indecorosa.

Por fim, o critério afetivo está relacionado com o padrão de afetividade que as prostitutas mantêm com os outros personagens de seu meio. Com os clientes há uma maior neutralidade afetiva, pois a idéia de que o programa não é nada mais do que algo comercial é incorporada por todas as classes de prostituição. Contudo, há uma contradição desta neutralidade, pois os clientes são um dos seus pontos de contato com o mundo externo e objeto de satisfação

de algumas demandas afetivas. Entre as garotas, os laços afetivos são de caráter mais utilitário, não havendo confiança e lealdade nas relações de amizade. Com os rufiões há uma ambiguidade afetiva: ao mesmo tempo em que eles lhes dão satisfação sexual e são canais de sociabilidade muito importante, eles são também um investimento afetivo sem retorno. Já a cafetina é quem propõe os limites éticos de conduta às prostitutas, sendo para essas últimas um modelo a seguir. Embora sejam criados, muitas vezes, vínculos afetivos estreitos entre as donas das casas e as suas meninas, há uma distância hierárquica para que esses sólidos laços se estabeleçam. Por fim, com a sua família, ator de fora mais importante, há a possibilidade de negociar uma identidade ou status que não incorpore a condição moralmente precária da profissão. Ou seja, na frente dos familiares, as prostitutas conseguem se afirmar como uma pessoa “normal”, o que pode ocorrer na medida em que a prostituição dá acesso a padrões de consumo socialmente valorizados.

Na prostituição, a regra de construção da identidade feminina é transgredida pela perda da virgindade e da manutenção de relações sexuais com vários parceiros por dinheiro. O estigma, conseqüentemente, surge definindo a identidade da prostituta (Gaspar, 1985).

Goldwasser (1979) define estigmatização como uma forma de categorização social que um grupo ou indivíduo reconhece outro de acordo com determinadas características seletivas distinguidas como negativas pelo sujeito classificante. Tal conceito se aproxima da noção de “desvio social”, ou seja, um afastamento de um padrão de conduta considerado aceitável. Velho (2003) complementa que o desvio é algo que está inserido na sociedade, que deve ser controlado, pois se não for reprimido, ameaçará a mesma. Portanto, passa a ser visto não só como um estigma moral, mas também como um problema social. Goffman (2009) acredita que *“a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros de cada uma dessas categorias. Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas.”*

A partir desse raciocínio, a prostituição é uma atividade socialmente desviante por não estruturar a sexualidade feminina em relações de parentesco típicas, as quais são incentivadas pela moral dominante na sociedade que valoriza relacionamentos estáveis, sem trocas constantes de parceiros sexuais,

visando ao casamento, à vida comum e à reprodução. É como se a prostituta fosse uma mulher desprovida de alguns traços mais distintivos do gênero feminino: carente de laços de vivência afetiva, não é merecedora de vivência conjugal, do convívio familiar e da maternidade. Ou seja, uma mulher que não se espera que conheça ou desempenhe os papéis sociais que a cultura reservou ao gênero feminino, seja como filha, mãe, irmã, esposa ou dona de casa (Leite, 2002).

O estigma da prostituição é uma construção ideológica para explicar sua inferioridade e demonstrar o perigo que ela representa (Goffman, 2008). Sua imagem resume o bem e o mal, a bondade e a esperteza, a pureza e a decadência (Rago, 2008). Goldwasser (1979) complementa que a categoria “prostituta” muitas vezes é classificada como impura, contaminadora, sem discernimento próprio, sendo incapaz de determinar seus próprios interesses, de vontade lábil, turbulenta, agressiva e socialmente inferior. Souza (2000) acrescenta que a prostituição também é comparada ao lixo e ao esgoto ao longo dos séculos. O estigmatizado, no caso a prostituta, devido aos padrões por ele incorporados, se torna suscetível ao que os outros vêem como defeito, levando-o a concordar que é inferior ao “normal e esperado”. A prostituta passa, então, a sentir vergonha, pois se sente impura e racionaliza uma animosidade baseada em diferenças como o sexo e as desigualdades entre grupos sociais (Goffman, 2008).

Segundo Rodrigues, Assmar e Jablonski (2009), o preconceito pode ser apresentado de uma forma sutil através da atribuição de causalidade. Pela observação de uma ação, podem-se fazer deduções preconceituosas a respeito dos motivos que possam ter causado aquele comportamento. A imagem sexual da prostituta, portanto, é vista como pública, por ter relações sexuais com vários homens. As mulheres, devido à sua ocupação, passam a ser consideradas impuras, desonestas, e seus corpos, passíveis de violação. Essas noções se articulam com a categoria de gênero e com os sistemas familiares havendo padrões a serem seguidos pelas mulheres “de bem”. Assim, pode-se acreditar que a única opção ao exercício da prostituição, algo visto como tão degradante, é que a mulher vendeu o seu corpo e aceitou essa submissão (Weeks, 1985).

Todavia, Kempadoo (1998) explica que ser prostituta não é uma identidade, uma característica social ou psicológica, mas sim uma forma de trabalho ou uma ocupação rentável. Ou seja, a prostituição é uma parte da vida

do sujeito e não seu modo de ser. De acordo com seu raciocínio, sugere o uso do termo “trabalhador/a do sexo”, que está relacionado a lutas por reconhecimento do trabalho, direitos humanos e condições decentes de executar sua atividade, enfatizando a flexibilidade e variabilidade de formas de prostituição.

Juliano (2005) afirma que as prostitutas, muitas vezes, são vistas como vítimas, enganadas ou manipuladas por homens que a fizeram entrar nessa profissão. Além disso, sua imagem nos meios de comunicação é denegrida, sendo notícia somente quando estão envolvidas em alguma situação criminal ou que reforçam os seus prejuízos. Podemos ver um exemplo disso no comentário de Sandra Azeredo em um relatório da ANPEPP:

**“Esta minha posição de mulher de classe média determinou em grande parte minha visão da prostituição no início do projeto. Para nós, as prostitutas eram escravas, sem escolha, vítimas de um destino que lhes era imposto pelo fato de serem mulheres vivendo uma situação econômica extremamente precária. Só com o desenvolvimento do projeto e nosso contato direto com mulheres que trabalham na prostituição fomos podendo entender que a questão da escolha da prostituição é tão ou mais complexa que a escolha de outros tipos de ocupação. Não é de estranhar que a questão da escolha sempre apareça associada à prostituição e que se pergunta tanto às prostitutas se elas escolheram (e por que escolheram) ser prostitutas.”(p 149, 1996)**

A visão da pesquisadora estava inserida em um contexto histórico que construiu o imaginário social a respeito das prostitutas. O senso comum ainda tem a tese de que a prostituição é um mal necessário, necessidade física de sobrevivência, doença, causa inerente ao sistema capitalista e uma falta de vergonha. A sociedade não consegue assumir que pode se tratar de uma opção, que a mulher é responsável pelo ato de estar ali. Aquela mulher não quis viver com o dinheiro que uma faxina ou um outro emprego dito “comum” poderia lhe dar, pois tal remuneração mensal poderia ser ganha num só dia na prostituição. Ou ainda, aquela mulher que se tornou prostituta pode gostar daquilo que faz, tendo realmente escolhido estar ali. Gabriela Leite, conhecida líder do movimento de prostitutas e fundadora da ONG Davida e da grife Daspu, trocou sua vida de estudante da USP e secretária executiva para tornar-se prostituta e, mesmo com todas as dificuldades sociais que essa opção lhe acarretou, permaneceu na profissão até o momento que escolheu sair da prática sexual para a prática social de defesa de direitos das meninas:

**“Entre o bar Redondo e luxuoso hotel Hilton havia uma boate de prostituição extremamente chique: La Licorne. (...) A movimentação da mulheres começou a me chamar atenção. Elas chegavam nos melhores carros, com vestidos longos e sensuais, bem maquiadas e perfumadas, com aura das divas do cinema de Hollywood. Entravam na boate e eu ficava imaginando o que acontecia lá dentro. Eu estava me achando muito bonita pela primeira vez na vida. Tinha perdido o complexo de patinho feio e comecei a me imaginar como elas, saindo de um carro, elegante e perfumada, dando tchauzinho para os meus amigos do Redondo e entrando maravilhosa na boate para atender meus homens.” (Leite, pp 51, 2009)**

Leite (2009) enfatiza, inclusive, que os ganhos da prostituição são muito sedutores e estimulam a permanência, apesar dos próprios valores:

**“Em todo caso, naquele dia voltei para o pensionato na Amaral Gurgel, onde morava, com um bom dinheiro. Num único dia ganhei o que ganhava por mês no meu emprego na Shell. O que daria para bem mais do que o aluguel atrasado.” (Leite, 2009, p 54-55)**

**“Mas apesar de toda a disposição para trabalhar na prostituição, eu ainda enfrentava muitas contradições internas. Estava muito difícil encarar o significado da minha opção radical de vida. Ainda me sentia perdida, sem saber se continuava ou não. Me deparei com meus próprios preconceitos e estigmas. Apesar de estar ganhando dinheiro, me sentia suja e envergonhada pelo que estava fazendo” (Leite, 2009, p 55).**

A autora demonstra o quanto é difícil sair da prostituição:

**“A essa altura, a militância e o trabalho no ISER me tomavam muito tempo, e a Vila Mimososa passou a ser somente minha casa e meu descanso.**

**Eu morava na zona havia vinte anos. Abri mão da vida comum e mergulhei de cabeça naquele mundo. Primeiro, São Paulo. Depois, Belo Horizonte. Agora, Rio. A cultura da boemia da zona estava entranhada em mim. Ali era um lugar onde as pessoas iam viver livremente coisas que do lado de fora escondiam. Talvez por isso a volta à classe média e seus tabus, depois de tantos anos, não fosse algo simples.” (Leite, 2009, p 152)**

Juliano (2005) enfatiza também que a maioria das feministas tem uma visão preconceituosa, pois não reconhece a prostituição como trabalho e repudia a exploração do trabalho que acarreta. As prostitutas são vistas, por algumas correntes femininas radicais, como vítimas, carentes de projetos pessoais e necessitadas de uma intervenção externa que lhes tire dessa situação. É um discurso abolicionista, que pretende salvar as mulheres da escravidão que

a prostituição as proporciona, negando sua capacidade de decisão e de atuação voluntária nesse meio.

Essa visão está contaminada com a posição das primeiras feministas em relação à prostituição e sua posição social. Kushnir (1996) afirma que desde 1881 há uma expansão de atividades filantrópicas de senhoras de classe média norte-americana e européia que se dedicam à questão, colocando-a como uma ação entre mulheres em busca de socorro. A Jewish Association for the Protection of Girls and Women (JAPGW) fazia parte da comunidade judaica internacional que tinha como finalidade a salvação de moças ligadas à prostituição. Além das feministas judaicas, a Igreja Católica também possuía um discurso direcionado à salvação e a recuperação das mulheres perdidas.

Em outro trabalho, Juliano (2004) afirma que existem pelo menos três razões que indicam a necessidade de uma visão menos vitimista da prostituição por parte das feministas, o que permitiria uma associação mais igualitária e estreita entre esses dois grupos. As razões são:

Coerência lógica: a atividade sexual não é desvalorizada em si e cobrar por um trabalho é algo legítimo, gerando uma contradição quando não há a união de ambos. Ver a prostituição como degradante em si ou como fruto de coação impede que se visualize a capacidade de escolha das prostitutas e as múltiplas formas como o trabalho se configura.

Coerência ideológica: ser feminista implica em uma visão das mulheres como agentes sociais ativas capazes de agir com um nível de autodeterminação. Negar que as prostitutas possuam tais características é incoerente.

Reconhecimento da potencialidade de questionamento da prostituição: a visão de prostitutas como responsáveis por manter o sistema patriarcal deixa de lado que todas as instituições (família, organização laboral, sistema legal) que se inserem nesse sistema também o garantem, não o destruindo. A prostituição tem duas funções nesse sistema: delimitar os lugares das mulheres (controlando suas condutas) e silenciar as prostitutas (vistas como perigosas ao sistema, manipuladas ou incapazes), motivo este pelo qual há um estigma associado ao não reconhecimento da capacidade de questionamento.

As feministas, portanto, criaram um estereótipo da prostituta que vai de encontro aos seus princípios de liberdade feminina de ação e expressão. A

vitimização e a inferiorização da prostituta são dois rótulos que estigmatizam a categoria e não permite uma união entre as classes.

Neste capítulo, pode-se observar o quanto se estigmatiza a imagem da mulher prostituída, eliminando de sua vida possíveis outros papéis. Ainda é difícil ter uma imagem da mulher prostituta estar com seus filhos ou casada, levando uma vida dita comum. Conforme foi visto, essa vida é possível, pois há uma separação entre dois mundos: o meio prostitucional e a vida familiar. Eles não se misturam. A prostituição é um trabalho para as mulheres, um meio de ganhar dinheiro para sustentar e dar uma condição de vida razoável para seus filhos e família. Porém, como se trata de uma profissão sem valor social, a tendência é que haja uma discriminação dessa mulher. No mundo familiar, ela é uma mulher como outra qualquer, podendo ser boa mãe, boa filha, boa esposa e ótima dona de casa. A maioria das vezes, as pessoas ao seu redor não têm noção da real profissão daquela mulher, devido a sua discrição. A partir do momento que se descobre a atividade laboral, elas passam a discriminá-la, menosprezar seus filhos, evitando contatos em geral por ser má influência. Portanto, o estigma está lançado e a mulher passa a ser penalizada. Observa-se, então, o quanto se impõe uma identidade à mulher prostituída, como se ela fosse prostituta 24 horas do seu dia. Não se faz isso com outras profissões. Não se encara a prostituição como profissão ainda hoje, mesmo ela já tendo registro na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO). E por não ser considerada uma profissão “digna”, a pessoa que a exerce deixa de ser digna e volta a ter a mesma imagem social antiga: a de escória da sociedade. Mais intolerável ainda é aquela que está ali por opção, preferindo a prostituição a qualquer outra atividade. Nem sempre se pensa que outras profissões não pagam o dinheiro que ela recebe por um dia de programa. O livre-arbítrio é o mais difícil de ser tolerado, ela está ali por que quer e não porque a exploram. Algumas têm orgulho do que fazem e sabem que isso não as faz menos mulher. Cabe à sociedade mudar sua forma de análise: o ser humano, ou melhor, a identidade de cada um, tem que ser a base do que é observado, suas razões e desejos, diminuindo assim, quem sabe, um pouco do preconceito social.

## 7- PROSTITUTA: MULHER DE FAMÍLIA

A imagem social da mulher sofreu e ainda sofre constantes mudanças na sociedade, sendo valorizada em certas instâncias e repudiada em outras.

No ambiente familiar, isso não é diferente. Ou melhor, talvez seja nesse ambiente que a imagem da mulher se firme e se expanda para sociedade, transmitindo para todos os campos a posição social feminina.

Na sociedade patriarcal, por exemplo, foi fixada uma imagem de mulher submissa ao marido e servidora aos filhos. Vasconcelos (2005) menciona que essas mulheres eram “reclusas no mundo doméstico, circunscritas ao silêncio do mundo privado, elas não teriam uma história”, visto que, somente o espaço público, destinado aos homens, possuía importância. No período colonial as mulheres não podiam frequentar escolas, ficando dessa forma excluídas do âmbito da educação formal, destinada apenas aos homens. A mulher aprendia a costurar, bordar, cozinhar e, as mais abastadas, a pintar e tocar algum instrumento. A leitura e escrita deveriam ser as mínimas possíveis, isso dependendo da rigurosidade do pai, que, em muitas vezes não permitia que as filhas aprendessem a ler e escrever. Em contrapartida eram treinadas para uma vida reclusa, onde o casamento, a administração da casa, a criação dos filhos eram seus maiores deveres. (Souza, 2007 e Souza,2000). Essa é a mulher “direita”, a rainha do lar, mãe dos filhos de seus maridos.

As relações sexuais com essas mulheres tinham um fim principalmente procriativo, pois era vista como imaculada. Ribeiro (2007) comenta que, quando as mulheres se casavam, seguiam para a lua de mel sem informações sobre sexo ou mesmo sobre o que ocorreria. O sexo ocorria às escuras, sendo o corpo feminino coberto por um lençol que permitia apenas a visão dos órgãos sexuais. O prazer sexual masculino ficava a cargo das negras escravas e das prostitutas, e, à esposa era proibido sentir tal prazer já que o sexo cabia somente à reprodução. Caso contrário, se trataria de um pecado mortal de ambos os cônjuges, que estariam transformando o sagrado matrimônio em uma atividade mundana, trazendo o prazer e o desejo para um contexto onde deveria predominar o respeito e a ternura, cabendo as mulheres, portanto, tolerarem as relações extra matrimoniais com as escravas ou prostitutas. As “mulheres de família”, que eram vistas como honradas, portanto, deveriam seguir os padrões

e normas que a sociedade impunha, exaltando as virtudes de uma vida recatada e submissa ao poder masculino, ora do pai, ora do marido.

Já as mulheres que não se encaixavam nesse modelo, seja por classe econômica ou por ter sofrido algum abuso e com isso perdido a virgindade, eram o resto, a escória da população, as prostitutas. Essas mulheres tinham como função social satisfazer as necessidades e impulsos sexuais masculinos, protegendo a moça virgem de possíveis estupros ou violações, sendo consideradas pela sociedade e pela Igreja como um mal necessário (Pereira, 1968). Muitas eram mulheres pobres e marginalizadas que dependiam da prostituição para conseguirem sobreviver e sustentar sua família. O conceito de “moça de família” pode ter surgido deste contexto, no qual a menina virgem que estava para se casar vinha de uma família tradicional sendo encaminhada através do casamento a outra família igualmente tradicional. Já a prostituta não seria vista como “de família”, pois suas atividades levavam ao estereótipo de quem não tinha boa origem, não vinha de uma família tradicional e estava ali para servir o homem. E os filhos dessas mulheres também não seriam reconhecidos pela sociedade, sendo discriminados como os “filhos da puta”.

Deve-se lembrar que, nos dias de hoje, ser chamado de “filho da puta” é um insulto, chamando o sujeito de mau caráter, má índole. Ora se a prostituta trabalha naquilo que não é socialmente aceito, logo seus descendentes não são fruto de alguém do bem. Além disso, até hoje, a sociedade não consegue visualizar a figura de uma mãe cuidadosa tendo como profissão a prostituição. As imagens de imaculada da moça de família e de pervertida mundana da prostituta não são fáceis de serem fundidas no imaginário social.

O objetivo desse capítulo é visualizar ao longo da história da família, o papel da mulher, seja ela “mulher de família” ou “mulher da rua”, com a finalidade de demonstrar como o preconceito estabelece diferenças e as separa em dois tipos de mulheres diferentes. Perante sociedade, uma mulher não pode ser ao mesmo tempo mãe e prostituta, pois tais imagens não são compatíveis, e estas acabam escondendo suas profissões para evitar discriminação a si e a sua família. Além disso, é objetivo também observar como as prostitutas criam seus filhos e convivem em suas famílias, vivendo um duplo papel de trabalhadora do sexo e mãe de família.

## 7.1 A Família E A Mulher Brasileira: Os Diferentes Papéis Ao Longo Do Tempo

*“Família! Família!  
Papai, mamãe, titia  
Família! Família!  
Almoça junto todo dia  
Nunca perde essa mania...”  
Titãs - Família*

Família constitui o primeiro grupo social de qualquer sujeito. Engels (1987) realça que a expressão foi inventada pelos romanos para designar um novo organismo social, cujo chefe mantinha sob seu poder a mulher, os filhos e certo número de escravos, com o pátrio poder romano e o direito de vida e morte sobre todos eles.

Entretanto, a família, tal qual é vista nos dias de hoje, passou por diversas transformações ao longo do tempo. Enfatizando a família brasileira, Neder (1994) afirma que houve dois modelos básicos de família-padrão: a família patriarcal e a família burguesa. Samara (2002) discute que pesquisas recentes tem evidenciado que as famílias do tipo patriarcal extensas não foram predominantes em sua época conforme afirmavam Gilberto Freyre e alguns de seus contemporâneos, sendo as famílias com estruturas mais simples e com menos integrantes o tipo mais comum de organização. Um exemplo é que na cidade de São Paulo em 1836 havia o predomínio das famílias nucleares, com o número médio de habitantes por domicílio entre 1 e 4 membros em sua maioria, sendo as famílias extensas uma forma de organização familiar, não representando nem 26% dos domicílios, conforme podemos ver na tabela abaixo:

		%	% acumulada
Singulares	161	16,6	10,6
Desconexos	420	27,7	38,3
Nucleares	523	35,4	72,8
Extensos	18	1,2	74,0
Aumentados	382	25,2	99,2
	12	0,8	100,00
<b>Total Geral</b>	<b>1.516</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>

Fonte: DAESP, 1836.

TABELA 1: NÚMERO DE FAMÍLIAS DE CADA ESTILO DE FORMAÇÃO

Percebe-se de acordo com esse dado que a família brasileira não apresentou grandes transformações quanto à estrutura e ao número médio de membros de 1836 para os dias de hoje.

A estrutura econômica do Brasil colônia, no início dos séculos XVI e XVII, era agrária, assentada nas plantações de cana localizadas no Nordeste, influenciada pela aristocracia portuguesa, do cotidiano dos fazendeiros plebeus e das diferenças e interações sociais definidas pelo sistema escravista (D’Incao, 2009). A família patriarcal era a base desse sistema e, por suas características quanto à composição e relacionamento entre seus membros, estimulava a dependência na autoridade paterna e solidariedade entre os parentes. Segundo Samara (2004), a família brasileira era uma vasta parentela que se expandia, verticalmente, através da miscigenação, e horizontalmente, pelos casamentos com a elite branca. O modelo de família patriarcal poderia ser assim descrito: um extenso grupo composto pelo núcleo conjugal e sua prole legítima, ao qual se incorporavam parentes, afilhados, agregados, escravos e até mesmo concubinas e bastardos; todos abrigados sob o mesmo domínio, na casa-grande ou na senzala, sob a autoridade do patriarca, dono das riquezas, da terra, dos escravos e do mando político. A anexação desses outros elementos a família de base é que conferia à família patriarcal uma forma específica de organização, o conceito de família patriarcal como sinônimo de família extensa. A casa-grande foi símbolo desse tipo de organização familiar que se implantou na sociedade colonial, sendo núcleo doméstico para onde convergia a vida econômica, social e política. O poder de decisão pertencia ao homem como protetor e provedor da mulher e dos filhos, exercendo influência nas relações jurídicas e a autoridade do chefe da família. Ainda se caracterizaria por traços

tais como: baixa mobilidade social e geográfica, alta taxa de fertilidade e manutenção dos laços de parentesco com colaterais e ascendentes, tratando-se de um grupo multi-funcional.

A Igreja Católica pregava a indissolubilidade do matrimônio, no qual cônjuges não poderiam ter amor-paixão ou outro sentimento semelhante, tendo-o como uma instituição básica para a transmissão do patrimônio, originado de acordos familiares e não pela escolha pessoal do cônjuge. Na visão da Igreja, os cônjuges deveriam se unir não por amor, mas para pagar o débito conjugal, procriar e lutar contra o adultério, abolindo afetos ou anseios desregrados da alma ou do corpo através de um treinamento pedagógico. Os textos desse período produzidos pela Igreja transmitem o temor da mulher dominadora do casamento, trazendo como ameaça não somente as vontades femininas, mas como também a sua beleza física. A beleza era temida, pois associava a mulher diretamente a um instrumento de pecado, um veículo de perdição da saúde e da alma de seu marido (Samara, 2002; Priore, 2009).

Na família patriarcal tradicional, os papéis de gênero eram bem delimitados. O homem comandava totalmente a casa e as pessoas que nela habitavam. A rígida moral sexual que atormentaria as mulheres, o culto à maternidade e a clara divisão das tarefas, concentrando toda atividade remunerada e externa no homem e fazendo da vida doméstica uma responsabilidade plena e “naturalmente” feminina, são algumas características desse tipo de organização. Era imposta a dicotomia sexual, na qual o homem era ativo, detentor do desejo sexual e a mulher, por sua vez, ocupava um papel passivo, submisso e que se conforma com o que lhe é considerado correto e desejável. Era objetivo do Estado e da Igreja controlar a sociedade através do adestramento dos afetos, dos amores e da sexualidade, principalmente a feminina, tendo a relação entre os sexos mais próxima do ideal da sociedade católica, evitando, assim, as infrações que os pudessem perturbar (Priore, 2005).

De acordo com Vaitsman (1994), as mulheres tinham diferentes papéis sociais dentro da função doméstica, podendo ser escravas, senhoras ou mulheres livres. As escravas exerciam trabalhos na lavoura e inúmeras atividades cotidianas das fazendas (lavar, cozinhar, costurar, fabricar sabão, cuidados com crianças e idosos, etc.), já as senhoras administravam o trabalho das escravas e, quando viúvas ou por invalidez do marido, geriam os negócios

da família. As mulheres livres e pobres eram vendedoras ambulantes de produtos artesanais feitos por elas próprias, empregadas nos armazéns, agricultoras de subsistência, costureiras, doceiras, prostitutas, etc.

Segundo Samara (2004), a mulher deveria estar sempre dominada por um homem. Portanto, em um casamento, a mulher trocava a tutela de seu pai para a de seu marido, passando a cuidar de uma casa e dos filhos, desempenhando a função doméstica que lhes estava reservada.

Priore (2009) afirma que esse adestramento feminino teve como base dois discursos: o de ideal de comportamento vindo da metrópole e adaptado pela Igreja e o discurso médico.

A Igreja adaptou alguns valores sociais a um discurso religioso baseado em textos bíblicos e jurídicos, dando à mulher uma imagem desvalorizada, valendo de sermões para difundir a figura da “mulher-diaba”. Os comportamentos femininos estavam associados a tabus e autoconstrangimentos e havia uma necessidade de adestrá-las, como uma atividade civilizatória, importante aspecto do processo de colonização. O discurso da Igreja era algo muito presente, pois detinha um monopólio ideológico e religioso na organização da nova sociedade. Controlava o cotidiano das pessoas pela orientação ética, exercia severa vigilância doutrinal e estabelecia os moldes familiares vigentes da tradição europeia na sociedade colonial. A Igreja pregava também que a redenção dos pecados e a via da ressurreição se davam nas penas da vida conjugal, no sofrimento e nas angústias. A sexualidade bestializava o homem e a mulher deveria evitar essa perversão de seu marido através de imediata concepção, honrando assim a união e sendo abençoada, pois as mulheres que não fecundavam eram consideradas malditas.

O discurso médico serviu como garantia ao religioso, pois afirmava que a função natural da mulher era a procriação. Caso não a realizasse, espalhava melancolia, produzia luxúria, e por isso, deveria ser condenada à exclusão. A medicina ainda enfatizava que a mulher possuía um corpo sem prazeres físicos, mas eficiente, útil e fecundo, mudando esse quadro só tempos mais tarde, final do século XVII, com as pesquisas de Leeuwenhoek e De Graaf que revelaram a posição ativa da mulher na reprodução com a descoberta de seu “ovo” ou óvulo (Priore, 2009).

Portanto, o corpo feminino não poderia ter prazeres físicos dentro da normalidade pretendida pela medicina e pela Igreja. Afinal, somente como

mãe, a mulher revelaria um corpo e uma alma saudáveis. Deste modo, domesticando as mães que viviam concubinadas, amancebadas, prostituídas poderia se assegurar o estabelecimento de uma sociedade familiar nos moldes vigentes na tradição européia. A maternidade tinha como função a resistência ao controle masculino e um refúgio para a exploração doméstica e sexual, para o abandono e solidão (Priore, 2009).

Após as descobertas das minas de ouro, na década de 1690, houve um deslocamento do eixo econômico da região Nordeste para o Sul. A sociedade formada nesta região era uma mescla de raças e de origens diversas, apesar do controle acirrado da Igreja e da Coroa portuguesa. Havia um grande número de celibatários, o que gerou um aumento nos concubinatos e na ilegitimidade. Além disso, mulheres exerciam atividades econômicas fora do ambiente doméstico e quando eram mães solteiras, chefiavam suas famílias. Como se pode perceber, os poderes constituídos não eram seguidos pela maior parte da população. Já nos engenhos de cana paulista faltava mão de obra escrava, cabendo aos lavradores e suas famílias trabalharem na terra. No meio urbano, surgiam pequenos negócios e uma gama variada de serviços que ofereciam oportunidades para a população desvinculada do setor exportador, o que favoreceu a atuação das mulheres trabalhadoras que estavam presentes por toda parte e ocupavam espaços que sobravam devido a migração masculina e falta de escravos. Com isso, a organização familiar e das relações de gênero começava a se alterar, rompendo com a estrutura do sistema patriarcal, destituindo o papel reservado aos sexos e à rígida divisão de tarefas e incumbências (Samara, 2002).

Apesar de manter fortes raízes agrárias, a população das cidades, a emergente burguesia urbana, no século XIX, é inserida no contexto de implantação de novos valores que substituíram progressivamente a tradicional família patriarcal, que vivia confinada à zona rural, pela família urbana, menos extensa, mais próxima das necessidades pertinentes às mudanças econômicas, políticas e sociais. As práticas da família urbana se desenvolveram no contexto da abolição da escravatura, da imigração européia, do desenvolvimento incipiente da industrialização, das mudanças políticas do país e da emergência das classes médias. A evolução da economia, com a abertura dos portos e a introdução de novos valores sociais, com a vinda da Corte, deram à sociedade brasileira novos matizes e possibilidades por suas repercussões. As populações

urbanas foram as que mais de perto perceberam as novas influências de pensamentos filosóficos que enfatizaram a ideologia das concepções teóricas decorrentes das mudanças dos comportamentos (Samara, 1989).

A família burguesa (Neder, 1994) seria uma mistura entre o conservadorismo moralista vitoriano e as práticas sociais da Belle Époque francesa. Conforme D’Incao (2009), no fim do século XIX e início do século XX, havia ideias de modernizar e civilizar o Rio de Janeiro, capital do Brasil na época, em oposição à antiga cidade de sociedade patrimonial. A cidade burguesa passava a lutar contra comportamentos, atitudes e expressões tradicionais que eram considerados inadequados para a nova situação, cuja proposta era constituir uma população civilizada como os europeus, principalmente como os franceses. A rua passou a ser lugar público e a casa lugar privado, cisão que não havia anteriormente. A disposição do interior das casas tornou-se mais aconchegante, dando limites do convívio e distância entre classes sociais, permitindo um processo de privatização da família marcado pela valorização da intimidade.

A família-padrão, segundo Neder (1994), convivia com outras famílias de várias origens (indígenas ou africanas) e, a partir disso, a organização das famílias brasileiras só pode ser compreendida de acordo com a diversidade étnica e cultural do Brasil. Rocha-Coutinho (2005) diz que a passagem da família patriarcal para a família burguesa foi bastante ampla, pois envolvia desde as relações de produção até a constituição de subjetividade, em que se acentuam a intimidade, a identidade pessoal e a individualidade. Uma mudança, portanto, nas prioridades da vida passa a ocorrer, enfatizando o livre arbítrio e a busca da felicidade pessoal.

Segundo Samara (1989), ainda no século XIX, haviam diversos aspectos que impediam o casamento entre as pessoas brancas, pobres ou não, principalmente o problema de faltas de cônjuges elegíveis que tivessem características seletivas como riqueza e a origem do indivíduo. Em todas as camadas sociais, homens e mulheres ofereceram resistências aos apelos da Igreja em sacramentar as uniões ilegítimas e, com isso, promoveu a ausência de matrimônios instituídos nos moldes da cristandade, diminuindo o índice de nupcialidade no Brasil. Portanto, mesmo diante das dificuldades estabelecidas para sua efetivação no Brasil, o casamento ainda representava, pelo menos para uma pequena parcela da população, a união de interesses na manutenção do

prestígio e da estabilidade social. Para as famílias era preferível enviar suas filhas para os conventos a vê-las casadas com funcionários ou oficiais da Coroa, uma vez que isso significava se casar com pessoas de baixo prestígio.

A partir da segunda metade do século XIX, houve mudanças no modo de organização da vida social e de relacionamento familiar entre as elites urbanas. Conforme Vaitsman (1994), o desenvolvimento da família conjugal moderna se deu devido ao casamento por livre escolha e a reformulação dos papéis de homens e mulheres no casamento, o que estimulou novos modelos de comportamento masculino e feminino. Com isso, o discurso médico passou a exigir a transposição da divisão entre sexo e amor, típico das famílias patriarcais das elites rurais, fortalecendo a integração desses dois elementos no casamento, transformando-os em normas de saúde. O amor foi fundado como um valor moral na luta pelo direito de livre escolha do cônjuge, indo de encontro as razões do grupo familiar. Criou-se, a partir disso, um novo código, mais coercitivo, de relações entre homens e mulheres, no qual as obrigações entre marido e mulher deveriam seguir regras estabelecidas, cabendo ao indivíduo que não seguiu-las, a responsabilidade pela dissolução da família (Costa, 2004).

Com o desenvolvimento econômico no Sul provocado pela cafeicultura e com as modificações políticas como a Independência e a República ocorreram alterações no sistema de mão de obra com a abolição da escravatura e a entrada de imigrantes. Segundo Hahner (1990), durante a segunda metade do século XIX, abriram-se novas oportunidades de emprego na indústria e na burocracia, cabendo as mulheres ocuparem uma parte desse mercado.

Giddens (1993) afirma que a “invenção da maternidade”, ou melhor, o valor atribuído ao ato de ser mãe, faz parte de um conjunto de influências sociais que afetaram as mulheres a partir do final do século XVIII, tais como o surgimento da ideia de amor romântico; a criação do lar, separação entre espaço privado e público; modificação das relações entre pais e filhos. Ao final do século XIX, o autor aponta que houve um declínio do poder patriarcal, pois as mulheres passaram a ter mais controle na criação dos filhos, deslocando a autoridade patriarcal para a afeição maternal e associando a maternidade com feminilidade. Com isso, o papel social da mulher ficou limitado à realização da maternidade, atribuindo-lhe todos os deveres e obrigações na criação dos filhos.

Entretanto, nem todas as mulheres tinham condição de assumirem com exclusividade o papel de mãe, pois muitas precisavam trabalhar, sendo mães numa condição mais difícil. Havia uma grande distância entre o ideal da mãe educadora e dedicada aos filhos, com a vida cotidiana das mães de origem mais modesta (Knibielher e Fouquet,1977). Foi a partir da consolidação da sociedade industrial que houve a transição de um modelo tradicional de maternidade (mulher mãe, com grande número de filhos) para um modelo moderno de maternidade (mulher tem outras funções sociais além de mãe, o que leva a um número menor de filhos e um planejamento maior). Neste momento, em que as mulheres começaram a associar trabalho fora do lar e maternidade, instaurou-se a ideia da dupla responsabilidade, que se fortaleceu no século XX com os avanços da industrialização e da urbanização. A denominada “dupla jornada de trabalho” revelou uma importante mudança nos padrões da maternidade (Bruschini, 1994; Abramo e Paiva Abreu, 1998).

A partir do momento em que a mulher passa a ter uma educação formal e uma formação profissional, no decorrer do século XX, essa dupla jornada de trabalho leva a mulher à dimensão reflexiva sobre o ser ou não mãe, passando a ser, portanto, uma decisão racional influenciada por fatores como condições subjetivas, econômicas e sociais das mulheres e do casal (Giddens, 1991).

Apesar da pílula anticoncepcional só ter sido lançada nos anos 1950, o controle da fecundidade, segundo Shorter (1992), já existia de diversas formas, principalmente com o uso de drogas abortivas. No final do século XIX, as mulheres começam a limitar cada vez mais o número de nascimentos para conseguirem ganhar mais espaço no mercado de trabalho. Cabe ressaltar que tal recusa de maternidade teve uma condenação social muito forte, e ainda tem nos dias de hoje, persistindo em sociedades que são contrárias ao aborto e que de certa forma continuam associando a imagem da mulher obrigatoriamente a imagem de mãe.

Na segunda metade do século XX, a família organizada patriarcalmente, na qual o pai toma as principais decisões e é detentor de todo poder, passou a ceder lugar a um modelo de família que tem o poder distribuído de maneira mais igualitária. A entrada da mulher no mercado de trabalho e, com isso, sua emancipação financeira, modificando a imagem daquela que era dependente do “chefe de família”, perturbou o pátrio poder. Logicamente, isso gerou diversas mudanças na família: número de divórcios e

separações aumentou; aumento da idade escolhida pelas mulheres para se casarem (de acordo com o aumento dos índices de escolaridade); número crescente de relações conjugais não legalizadas, devido não só a maior independência financeira feminina como também da liberdade sexual. Com a descoberta das técnicas anticoncepcionais, o tabu da virgindade que sustentava o casamento monogâmico, que fazia as mulheres iniciarem a vida sexual depois de seu casamento, deixou de fazer sentido, dando às mulheres a capacidade de diversificar suas experiências sexuais, separando sexualidade feminina a obrigatoriedade e medo da procriação, permitindo assim sua independência sexual (Kehl, 2003). As mulheres, segundo Roudinesco (2003), haviam conquistado com a pílula o poder de decidir se queriam ou não engravidar, se dando a possibilidade de serem estéreis, libertinas, sem serem condenadas moralmente. A pílula lhes proporcionou um controle de nascimentos, mas também tornou possível, assim como os homens, procriar de diversas uniões e seus filhos passaram a coabitar em famílias co-parentais, recompostas, biparentais, multiparentais, pluriparentais ou monoparentais.

Langevin (1984) complementa que nas sociedades industrializadas modernas, com o aparecimento do planejamento seguro dos nascimentos possibilitando a escolha do melhor momento para se ter um filho, houve um retardamento da idade em que as mulheres passaram a ter o primeiro filho, modificando a idéia de recusa circunstancial da maternidade para uma escolha de maternidade. Ferrand (1994) destaca uma relação entre a idade de as mulheres terem o primeiro filho e o meio social das mesmas, demonstrando que o primeiro nascimento é mais adiado quanto mais elevado é o nível de formação da mãe. Os motivos desta escolha da maternidade estão associados a diversas causas que, isoladas ou conjuntas, se explicariam em uma interseção dos aspectos biológico, subjetivo e social, tais como desejo pela reprodução das espécies; busca de um sentido para a vida; necessidade de valorização e de reconhecimento social. Já em relação aos fatores especificamente sociais para a mulher planejar sua gravidez, pode-se encontrar tais causas: condições econômicas e culturais das famílias; projetos e possibilidades profissionais das mulheres; facilidades ou dificuldades que variam de uma cultura para outra. Com o advento da contracepção médica moderna, principalmente a pílula contraceptiva, as mulheres puderam ter acesso a um controle eficaz e socialmente aceito da fecundidade (Scavoni, 2001).

Um dos grandes impactos na família e no padrão da maternidade foi a queda da natalidade através de uma intensa política de controle demográfico, o número de filhos caiu nos últimos 50 anos, passando de 6,2 filhos por mulher até 1,94 filhos em 2008/ 2009. Em 2009, a quantidade de pessoas em uma família é de 3,1, o que reforça a percepção de uma estrutura familiar mais enxuta com marido, mulher e apenas um filho (PNAD,2009).

Além disso, houve transformações nos arranjos familiares, tais como família monoparental, número de famílias chefiadas por mulheres aumentou, família homoparental, família formada a partir de recasamento etc.

Segundo Scavoni (2001), a transformação da maternidade fez gerar diferentes tipos de mães (mães donas de casa, mães chefes de família, mães de “produção independente”, “casais igualitários”) que buscam soluções para os cuidados das crianças enquanto trabalham (escolas com tempo integral, creches públicas, babás, vizinhas ou avós solícitos), tentando, com isso, seguir tanto as pressões demográficas como as diferentes pressões feministas e os desejos e anseios de cada mulher. A autora ainda enfatiza que, apesar do modelo da maternidade reduzida diminuir a ambigüidade entre vida profissional e vida familiar, a realização da maternidade continua sendo um dilema para as mulheres que querem seguir uma carreira profissional, pois elas ainda assumem a maioria das responsabilidades parentais.

Além do advento da pílula anticoncepcional, durante a segunda metade do século XX, as mulheres passaram a se preocupar mais com sua imagem, devido as novas regras estéticas impostas pelo mercado da moda, e em garantir um papel social que lhes permitisse mascarar sua interioridade afetiva, gerando uma revolução da condição feminina. Essa terceira exigência, os cuidados com sua aparência, gerou mais um tipo de preocupação além do trabalho e da casa, passando a ter uma tripla jornada, ao invés de dupla como no início do século (Roudinesco, 2003).

Houve uma desprivatização da família a partir da segunda metade do século XX devido a transformações no núcleo central da família contemporânea, ocorridas devido às separações e as novas uniões. A chamada família recomposta ou tentacular é diferente da família extensa pré moderna, que foi discutida anteriormente, e da família nuclear, pois em sua composição irmãos não consangüíneos convivem com padrastos ou madrastas, novos companheiros de seus pais, criando vínculos com pessoas que não fazem parte

de seu núcleo original (Kehl, 2003). De acordo com Roudinesco (2003), a família saiu de seu lugar divinizado ou naturalizado para ocupar uma posição mais frágil, neurótica, preocupada em recriar um equilíbrio, mesmo que para isso se construa, se desconstrua e se reconstrua. E os filhos podem ser educados sob a autoridade de dois pais e duas mães, sob o mesmo teto que seus meios-irmãos, sem que sejam mal vistas, como antes eram apelidadas pejorativamente de bastardos, mas, sim, de forma natural, integrados à norma de uma nova ordem familiar recomposta.

Podemos perceber que a sociedade brasileira está passando por um processo de superação de valores que tradicionalmente orientavam o comportamento pessoal e social, e este influi principalmente na dinâmica familiar. Surgiram novas alternativas de conjugalidade e houve transformações nas identidades e culturas de gênero, tais como parcerias homo e heteroeróticas; pactos de abertura nos relacionamentos; casamentos não formais ou com ritual de passagem particular e idiossincrático, moradias separadas etc; modelos de famílias descasadas; na ausência da figura do pai provedor, a mulher é a cabeça da família ou o pai fica em casa cuidando dos filhos em tempo integral e a mãe é quem sustenta a casa. Cinco principais fatores macrossociais contribuíram para essa realidade: transformações no sistema capitalista que, através da expansão de mercado, procura incorporar a todos, inclusive as mulheres, à dinâmica do trabalho, colocando um fim à servidão feminina; a luta pelos direitos civis e pelas minorias (direitos à vida, igualdade, liberdade, propriedade, segurança etc., independentemente de cor, sexo, credo religioso etc.); movimento crescente e contínuo de individualização das mulheres (feminismo e grupos de conscientização de mulheres), concomitante com seu maior acesso ao mercado de trabalho e à escolarização; consequência dessa pressão do feminismo também do desenvolvimento científico – o controle tecnológico da concepção, que tornou possível desvincular a reprodução do exercício da sexualidade, inclusive o peso que ela significava para as mulheres; maior visibilização das alternativas identitárias de gêneros, especialmente homo, bi ou transexuais.

Alguns modelos familiares, então, demonstram fragmentação e multiplicação nas experiências de mundo e de vida privada, assim como demonstram a crescente individualização dos gêneros. Como consequência dessa individualização da modernidade, os relacionamentos sofrem

dificuldades na sustentação de projetos de vida em comum e no planejamento do futuro, mas também aponta a experiência de novas formas de sociabilidade e interação, baseadas em tolerância, sociabilidade e inclusão das diferenças. A partir disso, a escolha e o projeto de manutenção do vínculo amoroso estável demonstram variadas práticas sociais e culturais que dinamizam e pluralizam a experiência cultural e identificatória de gênero. As dificuldades tradicionais dos relacionamentos (problemas econômicos, falta de diálogo, problemas de convivência, rotina, falta de prazer sexual etc) se juntam com as novas dificuldades associadas a perda da estabilidade em uma relação, caminhando para o processo de reconstrução e busca para explorar alternativas para a experiência do outro através das reinvenções criativas do vínculo amoroso. Em tais reinvenções, não são apenas o exercício da intimidade e da privacidade dos parceiros que estão em jogo, mas também a permanência e a estabilidade do vínculo amoroso, pois através disso que se torna possível criar e manter sentimentos de pertencimento, alocação em redes sociais, especificamente as de gênero (Matos, 2000).

## 7.2 Prostitutas e Sua Família

*“Maria de Lourdes de Souza, 32 anos, grávida de oito meses, vende carícias numa calçada escura da capital do Brasil. Cobra R\$ 10, promete paciência e jura que a barriga não lhe atrapalha o ofício. Faz o serviço de olhos fechados, concentra o pensamento no rebento que carrega no ventre retalhado de estrias.”*

*Anônimo*

A imagem de Maria de Lourdes de prostituta e mãe - ao mesmo tempo - ainda é algo que traz certa perplexidade aos olhos da sociedade. Como pode uma garota de programa ser mãe de alguém? Qual vai ser o futuro dessa criança? Será filho de algum cliente ou de um cafetão? Essas são algumas perguntas que pairam na mente de uma sociedade repleta de preconceitos e estigmas sobre a imagem da meretriz.

Ao refletir sobre essas questões, pode-se lembrar Simone Beauvoir (2009), em seu livro *Segundo Sexo*, no qual compara a situação da prostituta em relação a mulher casada, alegando que, do ponto de vista econômico, as

duas têm o ato sexual como um serviço, sendo que a prostituta tem vários clientes e a mulher casada um só. A autora destaca que a grande diferença entre ambas é que a mulher legitimamente casada tem o respeito da sociedade, enquanto a prostituta não tem direito algum, nem como pessoa, tendo em sua imagem o resumo das figuras da escravidão feminina.

No Antigo Regime, durante o qual a Igreja constituiu a luxúria como um recurso perverso para a valorização da fecundidade legítima, criou-se uma diferenciação entre as mulheres de acordo com o seu estilo de vida. A mulher luxuriosa não se prestava a legítima maternidade, pois esta não era concebida dentro do sagrado matrimônio, sendo, portanto, o extremo oposto da santa-mãezinha, não lhe sendo atribuída nenhuma qualidade (Priore, 2009).

DaMatta (1997) expõe a existência de dois tipos de comportamento feminino: o da “virgem-mãe”, mulher capaz de ter sua sexualidade controlada pelo homem a serviço da sociedade, e o da puta, o seu extremo oposto. As duas mulheres são distinguidas pela maneira que usam a sexualidade (sob controle = santificada x autônoma = demoníaca), porém as características maternas estão presentes em ambas.

De acordo com Costa (2004), essa figura lasciva continua ao longo dos séculos. A prostituta do final do século XIX era uma forma “anti-higiênica” de mulher, pois mantinha relações sexuais por dinheiro, se entregava à masturbação, à sodomia e outras práticas pouco convencionais. Além disso, a prostituta era considerada irresponsável com a vida e criação de seus filhos, sendo vista como alguém que toma medidas desumanas com eles, tais como: abortos, abandoná-los nas Rodas, expô-los à imoralidade de suas vidas libertinas, não amamentá-los ou pior, amamentá-los e envenená-los com o leite repleto de doenças venéreas. Cabe lembrar que muitas mulheres de classes altas que tiveram relações sexuais antes do casamento ou, até mesmo, relações extra maritais também colocavam seus filhos nas rodas para manter sua honra social. Além disso, há de se pensar também que a maioria das prostitutas era pobre, tendo poucas condições para se sustentar, menos condições ainda de sustentar filhos. Porém, Beauvoir (2009) declara que:

**“Em 1857, Parent-Duchatelet verificara que, em 5000 prostitutas, 1441 tinham sido influenciadas pela pobreza, 1425 seduzidas e abandonadas, 1255 abandonadas e deixadas sem recursos pelos pais. A doença leva muitas vezes à prostituição a mulher incapacitada para um trabalho verdadeiro, ou que**

**perdeu seu lugar; ela destrói o equilíbrio precário do orçamento, obriga a mulher a inventar apressadamente novos recursos. De igual modo, o nascimento de um filho. Mais da metade das mulheres de Saint-Lazare tiveram um filho pelo menos. Poucas são as que abandonam o filho; e acontece de, para alimentá-lo, se fazerem prostitutas.” (p.738)**

Até hoje, as meretrizes ainda não são identificadas como um modelo nos papéis de mãe, esposa e avó, pois devido a sua profissão, as mulheres sofrem muitos preconceitos. Ainda há o pensamento social que a prostituta poderia ter encontrado outro trabalho “mais digno” e que se escolheu fazer da prostituição seu meio de ganhar a vida é considerada pervertida e por isso não é vista como mãe. Fonseca (1996) comenta que muitas mulheres tentam a vida trabalhando em outros empregos antes da prostituição, entrando na mesma devido aos baixos salários pagos. Muitas das garotas do baixo meretrício têm nível de escolaridade baixo e são de origem mais humilde, o que acarreta maior dificuldade de encontrar empregos que lhes possibilitem uma melhor qualidade de vida. A prostituição se torna mais atraente para a mulher jovem e bonita que se insere nesse tipo de necessidade.

Beauvoir (2009) questiona esta questão da seguinte forma:

**“Com efeito, em muitos casos, a prostituta teria podido ganhar a vida de outro modo: mas, se o que escolheu não lhe parece pior, não é prova de que tenha o vício no sangue; isso antes condena uma sociedade em que tal profissão é ainda uma das parecem menos rebarbativas a muitas mulheres. Cinquenta por cento mais ou menos das prostitutas foram primeiramente criadas. Exploradas, escravizada, tratada como objeto mais do que como pessoa, a arrumadeira, a criada de quarto, não espera nenhuma melhoria da sorte no futuro (p. 735).”**

As garotas de programa utilizam a renda proveniente de seus serviços sexuais no sustento da casa, da família, dos filhos e de suas despesas pessoais, ocorrendo, algumas vezes, a aceitação da família, devido esta ser a principal fonte de renda. As mulheres encontram na prostituição uma remuneração mais alta do que outros tipos de emprego, o que as ajuda a melhorar seu nível econômico, sua qualidade de vida e a vida de suas famílias (Pasini, 2002). O principal motivo pelo início na batalha é a criação dos filhos e o sustento da família, dificultada pela pouca remuneração em outros empregos, que gera uma grande necessidade econômica. Porém, geralmente, elas entram na profissão por opção própria, através de conhecidos e/ou amigas. Muitas vezes, há uma

grande mobilidade de lugar de trabalho, até mesmo de viagens a outros estados, pois nem sempre aquela zona está rendendo bons lucros. Isso se torna mais difícil para mulheres mais velhas e mais envolvidas nos seus papéis de mãe e esposa, que acabam desenvolvendo outras táticas para completar sua renda, tais como mudanças na mesma cidade ou arrumar empregos rápidos como faxinas (Fonseca, 1996).

Bacelar (1982) afirma que a maioria dos filhos das prostitutas é proveniente de relacionamentos amorosos duradouros, casamentos ou uniões estáveis. Quebra a ideia social de que filho de prostituta é fruto de uma aventura e que não sabe sua origem paterna.

Fonseca (1996) enfatiza que a sociedade não consegue enxergar as prostitutas como mulheres que tem vida além da prostituição, dando uma única característica a suas vidas: ritos e práticas envolvidas com relação profissional e sexual. Há uma imagem construída segundo a qual elas trabalham e moram no mesmo lugar e não tem uma vida dita “normal”, com vivências de festas, aniversários, namoros e filhos: a imagem da eterna prostituta. Geralmente, sua imagem, quando associada ao possível papel de mãe, remete a ideia daquela que não dá assistência e que abandona seu filho para outras pessoas criarem. Cabe lembrar que muitas dessas mulheres estão na profissão para conseguir sustento para seus filhos e família, precisando deixá-los com alguém para poderem trabalhar. Muitas mulheres utilizam da prostituição como complementação de sua renda, que nem sempre é satisfatória devido ao seu grau de instrução (Soares, 2010). Esse é o mesmo quadro descrito anteriormente sobre as mulheres que saem de casa para trabalhar nos ditos trabalhos “normais” e moralmente aceitos, e deixam seus filhos com parentes, creches, filhos mais velhos etc. Entretanto, Moraes (1995) enfatiza que além da preocupação com a subsistência, há também o cuidado com o futuro de seus filhos, evitando uma “má formação” devido à exposição excessiva à rua e sem atenção dos adultos. Gabriela Leite em sua entrevista ao programa Roda Viva em 2009 descreve o quanto sofreu ao abrir mão de suas filhas:

**“Gabriela Leite: Perdi. Porque quando você se assume, um monte de coisa pode acontecer. Você pode ter o apoio de muita gente como de fato eu tive na vida, muita gente sempre do lado e tal. E o desapoio, se é que existe essa palavra, o desapoio de um grande número de pessoas, inclusive da família muitas vezes. Então é assumir isso, e quando eu perdi**

**minha filha, uma das filhas eu perdi na Justiça, a outra ficou com a minha mãe. Eu sempre pensei o seguinte: sabe o que acontece? Um dia eu vou ver essas meninas de novo. E pronto. Um dia eu vi de novo, um dia eu convivi de novo, um dia nós voltamos a nos abraçar, a nos beijar, também a brigar, porque assim são as relações.”**

Moraes (1995) complementa que muitas prostitutas colocam seus filhos em creches, como instituições educadoras e preventivas aos maus-tratos ou possíveis comportamentos desviantes. Entretanto, devem manter a sua profissão omitida, pois, quando essas instituições descobrem a real profissão da mãe, muitas vezes, negam as matrículas de seus filhos, podendo ter tratamentos discriminatórios ou ainda fazer considerações acusatórias mais diretas à mãe ou à criança.

Em relação às crianças, filhas de prostitutas, a atividade ocupacional da mãe costuma ser algo que as inibe e as constrange, pois quando se conscientizam da mesma e do estigma que a envolve, elas se sentem retraídas de falar sobre esse assunto, tendo consciência virtual do que é ser oficialmente um “filho da puta”. Essa atitude de retraimento não é uma forma de rejeição da mãe e sim uma forma de defesa no relacionamento com a sociedade (Bacelar, 1982). Gabriela Leite prossegue descrevendo esse preconceito:

**“O preconceito é extensivo aos filhos. Eu faço muito questão do nome puta, é o que eu mais gosto, aliás, porque eu acho que a gente não pode esconder esse nome e colocá-lo de um modo que um dia fique bonito. Porque as pessoas não se tocam que os nossos filhos são o maior palavrão da sociedade brasileira, eles são literalmente filhos da puta. Então você imagine que para eles o preconceito também é muito grande. E, às vezes, quando eles têm revolta com a mãe, essa coisa toda, dá até para entender, é triste, mas dá para entender. Na escola eles vivem isso, na vida com os amigos, eles vivem isso. As pessoas comentam: “Nossa, sua mãe é puta, é prostituta”. É muito chato, né? Então eu acho que a luta maior é lutar contra esses estigmas todos, contra o nome, a favor dos nomes que a sociedade nos deu. E estar sempre discutindo com os filhos a respeito e nunca se esconder debaixo de uma segunda identidade, porque isso que eu acho pior.”**

Gabriela Leite afirma nessa mesma entrevista que as prostitutas geralmente têm famílias extensas e se tornam boas mães e extremamente conservadoras, com o desejo que suas filhas se casem virgens. Moraes (1995) diz que é bastante reduzido o número de prostitutas que não têm filhos e que filhos sempre é assunto das conversas das mulheres.

A profissão da mãe passa a ser um segredo entre a família, que, muitas vezes, não tem a confirmação por parte da mulher, mas desconfia de sua profissão sem confrontar diretamente esse assunto. Os segredos existem como uma forma de esconder uma atitude não aceita pela cultura familiar ou o da sociedade, o que acaba modificando a relação entre os membros do grupo e provocando um sentimento de culpa naquele que tem a posse do segredo (Imber-Black, 1994; Prado, 1996; Carpenter e Treacher, 1993; Falcke e Wagner, 2005). Cerveny (1994) aponta que segredos familiares se transformam em mitos, principalmente se esses segredos estão relacionados transgeracionalmente. Ferreira (1963) define os mitos como segredos familiares protegidos por seus membros, que podem ou não concordar com os mesmos, porém devem aceitá-los como um tabu e, assim, manter a identidade familiar. Bucher (1985) e Borzomenyi-Nagy & Spark (1973) complementam que o segredo tem a função de guardar as irrealidades do mito, com a finalidade de preservar os seus aspectos harmônicos, e, quando compartilhado por todos os membros, impedem a desestabilização familiar. Ou seja, o segredo familiar, nada mais é, que um mecanismo que mantém a identidade de crenças e valores de uma determinada família. No caso dos segredos familiares da prostituta, podemos categorizá-los de acordo com as ideias de Karpel (apud Carpenter e Treacher, 1993), em função dos limites que eles criam no sistema de relações familiares: os segredos podem ser individuais – segredos guardados por somente uma pessoa da família - no caso a prostituta esconde da família inteira sua profissão para se proteger de discriminações e retaliações familiares; segredos internos – guardado por pelo menos dois membros da família em relação a um terceiro – a prostituta divide com alguém seu segredo sobre sua profissão até como forma de se sentir mais protegida e menos culpada, mas continua escondendo de outras pessoas, principalmente dos filhos, como uma forma de protegê-los e preservar sua convivência; e segredos compartilhados – toda família sabe, mas não expõe o segredo a outras pessoas que não fazem parte da família – a família preserva o segredo da prostituição para que não haja problemas de preconceito, evitando da mulher ser mal falada pela vizinhança ou por amigo. Além disso, o segredo compartilhado geralmente não é motivo de discussão na família, sendo, muitas vezes, disfarçado dentro da mesma, como se ninguém o soubesse, não somente na frente dos outros, mas como também entre si. Uma forma de prevenir que tal segredo seja quebrado,

muitas vezes essas mulheres preferem alternar os lugares onde trabalham, a fim de evitar com isso o risco de encontrar parentes ou pessoas de seu meio social na zona de prostituição (Soares, 2010).

Como forma de estrutura de auxílio na criação das crianças enquanto trabalham, há a existência de criadeiras, mulheres que criam os filhos de outras mulheres. Geralmente as prostitutas não têm essa disponibilidade por diversos motivos: pobreza, pressão do sistema econômico, o estilo de vida da prostituição, as doenças, as prisões, a informação precária quanto aos métodos anticoncepcionais ou a impossibilidade de usá-los. Apesar de estar inserida no grupo doméstico da criadeira, a criança não perde contato com a sua família de origem. As mulheres que não tem a possibilidade de ter uma criadeira acabam deixando seus filhos aos cuidados de alguns parentes, geralmente com a própria mãe, enquanto vão trabalhar. (Bacelar, 1982).

O autor também destaca que, em alguns casos, a criança vai morar com o pai e a família paterna, o que acaba gerando um rompimento de laços da criança com a mãe e o grupo materno devido aos valores sociais e morais atribuídos a escolha profissional da mãe. Muitas mulheres aceitam esse rompimento por vergonha e medo da censura dos filhos.

Entretanto, a maioria das prostitutas se autointitula como “chefe de família”, pois mesmo tendo um parceiro, nunca estão totalmente liberadas de suas responsabilidades financeiras em relação ao grupo doméstico, que, muitas vezes, incluem parentes e agregados. Segundo Pasini (2000), as mulheres valorizam muito a casa onde moram, comentando orgulhosas sempre sobre as melhorias feitas na mesma, tais como a compra de um móvel novo, uma nova obra ou um novo aparelho de som. Leite (2009) afirma que toda prostituta, ao receber a sua remuneração pelo programa, já imagina quantos tijolos ela vai comprar para fazer ou melhorar a casa dela. Geralmente, as mulheres compram seus terrenos bem distantes da zona em que trabalham e utilizam o dinheiro para construir, culpando-se por qualquer outro gasto que tenham que desvie esse dinheiro. Muitas vezes, o orgulho de demonstrar que foram capazes de comprar uma casa ou fazer alguma melhoria na mesma é sinônimo de ser boa profissional e ter competência em ganhar dinheiro (Pasini, 2000).

Na maioria das vezes a família da prostituta é formada por ela e seus filhos, constituindo uma família elementar. Em alguns casos há formação de família ampliada, a qual é formada por famílias elementares e agregados que

moram na mesma residência (Moraes, 1995). Bacelar (1982) afirma que a família da prostituta apresenta dois tipos de desvios fundamentais da estrutura normativa: ser uma família chefiada por mulher em uma “sociedade de homens” e ser a ilegitimidade sexual dentro de uma sociedade de sexos legítimos. Na prostituição, o símbolo família poderá não existir de forma explícita, mas como sistema, a família encontra-se interiorizada.

Ao se referir sobre maridos, Fonseca (1996) diz que não há muita informação na literatura e geralmente eles são conhecidos como gigolôs. Entretanto, a autora diz que esse pensamento é questionável, pois, em suas observações, ela pode perceber que a vivência das prostitutas em sua casa é a mesma de qualquer mulher, sendo o assunto “prostituição” inadequado para ser debatido, principalmente quando alguém de fora da família estiver presente na situação. Geralmente o parceiro ajuda a cuidar do negócio da família (prostituição) e elas são bastante submissas a eles. Muitas mulheres constroem carreira na prostituição, podendo ter esta como via de ascensão econômica planejada a longo prazo. A maioria das mulheres tem parceiros fixos, morando com elas. É comum esses homens terem empregos irregulares, conseguindo alguns bicos durante um tempo e depois ficam de “folga”, sem ter o que fazer. Nem todos os maridos sabem da profissão de suas esposas, aqueles que sabem acabam a aceitando por ser a principal fonte de renda da casa. Normalmente as queixas dessas mulheres são similares as das de classe popular em geral, envolvendo bebida, violência doméstica, omissão de ajuda financeira em casa, alegando a permanência com os maridos devido aos filhos.

Esses mesmos maridos, porém, têm pontos positivos: são seus companheiros, com quem planejam seu futuro e criam seus filhos. Define-se marido não somente aquele homem com quem tem filhos em comum, mas também aquele com quem se tem uma relação de exclusividade afetiva sem qualquer tipo de remuneração. A traição dos mesmos não está envolvida com a prática da prostituição em si, mas sim com qualquer tipo de manifestação afetiva que apresentar por outro homem. Muitos maridos não aceitam o uso de preservativo, pois usam estes como meio de descobrir se há ou não alguma traição. Elas, na teoria, evitam ter qualquer tipo de assunto com os fregueses além do “contrato sexual do programa”, mas para preservar aquele cliente potencial, elas tentam estabelecer um laço de afetividade, deixando sempre subentendido que a relação só dura enquanto for paga. A autoridade no grupo

doméstico depende de vários fatores, sendo a paternidade legítima do parceiro o principal fator. Caso o cônjuge seja o pai das crianças, haverá uma maior autoridade dele, além de um maior envolvimento na resolução dos problemas da família, de cada indivíduo ou de grupos estranhos em relação à família (Bacelar,1982).

Gaspar (1985) acrescenta que algumas mulheres deixam a zona durante o período de ligações afetivas estáveis, quando o homem tem condições de sustentar o casal e pretende que ela largue a profissão. Soares (2010) complementa que na Vila Mimosa é comum uma mulher sumir por uns tempos da prostituição por ter se casado, o que caracteriza o casamento como uma “opção salvadora” de reintegração da mulher da “rua” à mulher do “lar”. Existem diferenças claras nos padrões de comportamento entre ter um relacionamento com uma mulher sem o exercício da prostituição e depois que ela assume este papel. Anteriormente à prostituição, a residência é comum a ambos e ser fiel significa não ter relações com outras pessoas. Durante a prostituição, os padrões morais que norteiam a união e a fidelidade são muito rígidos. Não se pode ter maiores amizades nem com homens nem com mulheres, não pode sair para beber e nem trair, regras que se desrespeitadas, constituem em motivo para separação, brigas ou até morte. Fonseca (1996) alega que o marido das prostitutas, muitas vezes, tenta manipular a convivência da mulher na prostituição, não somente com os clientes, mas também com suas colegas de trabalho, devido ao receio da mulher se tornar desrespeitosa e independente dele. Porém essas mulheres não são vistas, ainda hoje, como ideais para um relacionamento duradouro. Em uma pesquisa feita por Dalla (2001), as garotas disseram que a maioria dos relacionamentos que tiveram, foi rápida, sem hesitação nem planejamento futuro. Já com relação a namorar, as meninas tentam ter um cotidiano igual ao de qualquer outro casal, frequentando festas, cinemas, bares e boates, e separando as noites de “folga” das de trabalho. Porém, a profissão delas é um complicador para estabelecer relacionamentos amorosos, pois muitos homens não aceitam a profissão, principalmente por ciúmes pelo fato de estarem com outros homens. Muitas mulheres, de acordo com Moraes (1995), se declaram solteiras, separadas ou que tem preferência por viver sozinha, já que alguns arranjos familiares podem lhe custar bloqueios na sua autoridade de chefe de família ou de liberdade em suas atitudes diárias. Nesses casos, as garotas tentam demonstrar que as

relações com namorados e clientes é diferente, sobretudo nas relações sexuais e em alguns consentimentos em relação a carícia no corpo (Pasini, 2000). Leite (1992) descreve essa separação:

**“Prostituta é muito ciumenta. Amor é amor. Freguês é freguês. Não há mistura. Mesmo quando acontece o gozo, quando pinta um cara com as mesmas fantasias que você e isso acontece, é como um acidente de trabalho. Não tem essa de se envolver. Eu sou radical nessa de separar profissionalmente o que é freguês do que é o meu homem. Nunca dormi com freguês. Mesmo que pague pela noite toda, não durmo, não gosto. Beijo na boca também não, beijo na boca só com namorado. Na prostituição tem tabela para tudo, menos para beijo na boca, que não tem preço. E não é por preconceito, é por ética profissional. (p.14)”**

Pasini (2000) complementa que nos relacionamentos afetivos das prostitutas observadas por ela, a prática sexual não era peça fundamental na relação, muitas vezes as prostitutas ressaltam que o sexo deve ser deixado como a última das ações, e assim, evitando de serem usadas somente sexualmente por eles.

Entretanto, é importante destacar que há algumas prostitutas que são homossexuais ou bissexuais. Pasini (2000) questiona se este contato permanente com os homens e o tipo de relação que estabelecem com os mesmos pode ser um dos porquês de suas escolhas sexuais. Beauvoir descreve essa preferência (2009):

**“Vê-se que a amiguinha desempenha mais ou menos o mesmo papel que a amiga íntima para a mulher honesta confinada entre mulheres: é uma companheira de prazeres, é com ela que as relações são livres, gratuitas, e que, por conseguinte, podem ser desejadas; cansada dos homens, enojada deles ou desejando uma diversão, é nos braços de outra mulher que muitas vezes a prostituta procura relaxamento e prazer. A cumplicidade, que une imediatamente as mulheres, existe mais fortemente nesse caso do que em qualquer outro. Pelo fato de suas relações com metade da humanidade serem de natureza comercial, pelo fato de o conjunto da sociedade as tratar como párias, as prostitutas tem entre si uma solidariedade estreita.” (p. 743)**

Uma categoria de parceiro que deve ser abordada é a conhecida pelas mulheres como os “velhos”. A maioria das prostitutas tem como ideal arrumar um velho, um cliente que vira freguês, que lhes dão além do pagamento frequentes a presentes, tais como utensílios domésticos, joias, cestas básicas e

até uma casa. Não se deve confundir, porém, o velho com um marido, pois velho é um homem que sofre a ilusão de ter privilégios e ser único na vida daquela mulher, mas ela só está com ele devido à ajuda que ele lhe dá. O velho, portanto, é uma figura que deve ser enganado e explorado, porém é através dele e de seus presentes que as prostitutas podem construir um patrimônio. Embora possam existir laços afetivos e respeito mútuo, a atitude pública em relação ao velho é expressa pelo desprezo. A autora lembra que em pesquisas anteriores feitas com mulheres não-prostitutas de famílias de bairros populares, os “velhos” também são comuns: casam-se com eles para conseguirem uma melhoria na vida, o conhecido o golpe do baú (Fonseca, 1996).

Já em relação à família de origem, Freitas (1985) afirma que esta é identificada como moralidade, pois esta instituição passa a ser o único ambiente fora da prostituição em que a prostituta tem a possibilidade de negociar uma identidade ou um status que não incorpore a sua condição moralmente precária. DaMatta (1987) confirma que a família é mais do que uma instituição social capaz de ser individualizada, constituindo um valor. A sociedade, portanto, valoriza e institucionaliza a família, dando a ela a função de grupo social e também de rede de relações. De acordo com Cerveny e Berthoud (1994), os valores familiares são fatores da vida – tais como segredos, tabus, mitos, crenças, rituais, cerimônias - que correspondem à ideologia do sistema família. O conceito de valor se relaciona aos aspectos que a família ou grupo social se preocupam em transmitir aos seus descendentes. Os valores morais que norteiam a conduta dos componentes do grupo familiar implicam em atitude discriminatória em relação à prostituição. A maior ou menor ligação da família com as meretrizes tem por base os vínculos econômicos, as necessidades e as formas de auxílio (Freitas, 1985). DaMatta (1987) ressalta a importância de ter uma família:

**“Pertencer bem ou mal a uma “família” é mais significativo do que ter um elo com pessoas e instituições: de fato, esse pertencer é tão crítico que vale por uma classificação social. (...) Quem faz parte de uma família sem “eira nem beira” encontra dificuldades ao realizar certas coisas em determinados ambientes, no caso brasileiro. (...) Quem não tem família já desperta pena antes de começar o entredo dramático; e quem renega sua família tem, de saída, a nossa mais franca antipatia.” (p.125)**

Bacelar (1982) afirma que uma boa parte das mulheres prostitutas mantém contato frequente com sua família. Porém, para a maioria das mulheres, este contato pode não existir devido à vergonha da mulher por sua escolha profissional ou pelos motivos e formas desagradáveis que a fizeram sair de casa. Para as que mantêm contato, os parentes são o grupo que lhes possibilita a integração moral, além de ser uma possibilidade de manterem laços de convivência, solidariedade e cooperação, um sentimento de família que alivia o sentimento de mercadoria atribuído pela prostituição. Segundo Landim et al. (2004), famílias de baixa renda, nas quais há uma boa estruturação, há o reforço no sentimento de pertença, sobressaindo que o bom relacionamento com os pais e irmãos garante ao indivíduo um conjunto de referências positivas, que podem estimular a busca de soluções de problemas que vão surgindo nos diferentes ciclos da vida familiar.

Entretanto, um relacionamento turbulento com a família de origem é visto como uma das causas da prostituição. O ciclo vital, que representa o processo evolutivo pelo qual o indivíduo e sua família passam ao longo da vida, envolve etapas com problemas e tarefas específicas a serem cumpridas, que administrados adequadamente, promovem o bem estar e o crescimento. A partir do momento que essas tarefas não são realizadas, ou seja, que essa dinâmica familiar é interrompida pode desencadear problemas de ordem física ou psicológica. Os relacionamentos conflituosos, a violência no interior da família, a ausência do vínculo familiar, a desvalorização do vínculo afetivo, a corrupção, omissão ou falta de preparo e estrutura operacional por parte das autoridades, a precoce erotização de crianças favorecida pelos meios de comunicação de massa, ausência ou abandono dos pais, o autoritarismo, o uso de drogas, fatores culturais, entre tantos outros fatores, são considerados como o início para a busca pela prostituição (Soares, 1999; Vasconcelos, 1990). O uso de álcool e de drogas é um fator desagregador familiar, sendo mais comum entre os homens, e geralmente é o elemento estimulador para atos mais extremos, como a violência doméstica. Os vínculos ficam abalados, levando a uma ruptura na dinâmica familiar (Zuse, Rossato e Backes, 2002).

Conforme foi observado nesse capítulo, a família da prostituta não difere de uma família “convencional” em termos de estrutura e organização. A mulher mantém a casa com seu trabalho, tendo ou não ajuda de um marido, sustenta seus filhos e deseja o melhor para eles. A principal diferença está no

trabalho exercido por essa mulher, que não é considerado digno pela sociedade que a circunda. Portanto, deve-se ressaltar que a prostituição tem o status estigmatizado, é alvo de repressão policial e censura pelo senso comum, não sendo considerada como uma profissão “como outra qualquer”. A partir desse estigma, a prostituta ganha outro estereótipo: mãe irresponsável e pervertida, que passará más influências aos seus filhos ou que os abandonará com outras pessoas. Fonseca (1996) enfatiza que a maioria das mulheres que trabalham no baixo meretrício são mães, boa parte já é avó. Algumas deixam seus filhos com as avós para criá-los; a maioria está vivendo com parte ou com toda a sua prole e adotam filhos. Foi visto que deixar filhos com alguém ou alguma instituição é uma atitude da mulher contemporânea, pois ela precisa trabalhar para ter o seu sustento e o da família. É de surpreender que estas mulheres, ditas de má índole, adotem crianças, pois isso reflete o extremo oposto do preconceito estabelecido: além de não abandonarem seus filhos, ainda adotam outras crianças.

Outro estereótipo a ser desmistificado é o do marido ou companheiro da prostituta, que muitas vezes é visto como gigolô. Apesar de poder existir esse tipo que quer somente se aproveitar do dinheiro da mulher, existem maridos que somente aceitam essa posição devido à extrema necessidade financeira em que vivem e também aqueles que não sabem da profissão da esposa. Alguns querem que ela saia desta vida para algo mais “digno”; outros, ajudam a administrar o negócio.

Deve-se deixar claro que a mulher prostituída tem sua família em um lugar de destaque, do qual ela separa seu meio profissional e tenta estabelecer uma vida normal. A família tem um valor moral, na qual ela tenta estabelecer uma identidade real, diferente da prostituição, onde ela cria uma nova identidade para aquele meio, a fim de separar efetivamente sua vida pessoal daquela vida profissional.

Portanto, a vida familiar da prostituta é campo difícil de se penetrar devido a essa extrema proteção e separação imposta pela mulher, sendo um assunto bastante delicado de ser conversado. Além disso, é um aspecto de pouco interesse para pesquisadores, existindo pouquíssimas referências no assunto.

## 8- ESTUDO DE CAMPO

### 8.1- Pesquisa Qualitativa

Como forma de conhecer o fenômeno estudado, a partir dos objetivos norteadores desta investigação, optou-se pela utilização do método qualitativo de pesquisa.

O método qualitativo tem como base a profundidade do discurso, sendo possível a interação do pesquisador com o entrevistado, questionando-o como é vivenciar o fenômeno, como o pensa e como o sente, além de pedir maiores esclarecimentos sobre o mesmo (Cezar-Ferreira, 2004). Turato (2003) complementa que a metodologia qualitativa tem a preocupação de observar os significados que um indivíduo ou grupo oferecem a um fenômeno. Ou seja, a pesquisa qualitativa se preocupa com o nível de realidade que não pode ser quantificado, trabalhando com o universo dos significados, motivos, crenças, atitudes e valores do indivíduo.

Ao se estudar a família da mulher prostituída, mediante seu discurso sobre sua vida pessoal, buscam-se elementos do coletivo. Segundo Schraiber (1995), trata-se da re-produção da história do grupo em questão, fragmentada em experiências pessoalmente vividas e na reflexão que elas possuem dessas experiências e de si mesmas. E este processo de re-produção que valida o trabalho com situações singulares para se examinar acontecimentos coletivos e sociais.

### 8.2- Sujeitos

Nessa pesquisa foi possível conhecer alguns aspectos sobre a convivência de prostitutas com sua família de origem e formada, além de entender um pouco mais sobre a prostituição, a partir de entrevistas feitas com dez mulheres com filhos que exerciam atividade prostitucional na Vila Mimosa e que se consultavam no ambulatório médico, localizado em um trailer em uma das ruas da Vila Mimosa. Abordava-as para a entrevista, enquanto elas aguardavam ser atendidas pelo médico.

### 8.3- Instrumento

O instrumento escolhido para a compreensão da vivência das prostitutas com sua família e profissão foi a entrevista semi-estruturada.

A entrevista contou com um roteiro norteador composto por temas relacionados aos objetivos da pesquisa, que pudessem servir como guia, auxiliando na apreensão dos conteúdos narrados pelas participantes.

O roteiro não foi utilizado de forma rígida e, a partir dele e da maneira como cada entrevista transcorreu, novas perguntas espontâneas puderam surgir.

### 8.4- Procedimento

A prostituição é um meio muito difícil e, de certa forma, perigoso de se infiltrar, sendo necessário encontrar algum meio para auxiliar a entrada na zona. Primeiramente, portanto, foi estabelecido contato com o ambulatório local, no qual a recepção foi muito boa, esclarecendo todos os procedimentos que eram feitos com as prostitutas.

As visitas ao trailer do ambulatório localizado na Vila Mimosa eram feitas às terças feiras pela manhã, de 9 às 12 horas. Foram consultadas nesse horário dez mulheres, que faziam fila na porta, pois eram atendidas por ordem de chegada. Apesar das consultas terem a finalidade de atender as prostitutas, outras mulheres da região, não prostitutas, também vão lá se consultar por ser de graça. Por isso, ao iniciar uma entrevista, era sempre perguntado se a mulher trabalhava fazendo programas na Vila.

Caso a mulher não fizesse programa, era questionada sobre o funcionamento da Vila a fim de conhecer um pouco mais sobre o local.

Ao abordar as prostitutas que aguardavam atendimento, explicava que se tratava de uma pesquisa de mestrado, cujo interesse era saber um pouco das meninas que trabalhavam na Vila.

A proposta inicial era de que as entrevistas fossem gravadas, porém, não o foram por falta de autorização das pesquisadas. Nenhuma negou o consentimento de ceder uma entrevista, porém apresentaram receio quando questionei se poderia gravar a entrevista. Disseram que achavam estranho serem gravadas e preferiram fazer a entrevista sem o gravador, mas permitiram que eu anotasse enquanto falavam.

Tal comportamento pode ser atribuído ao medo que essas mulheres têm de serem reveladas, devido ao preconceito a que são cotidianamente expostas. Cabe lembrar que a prostituição é uma profissão marginalizada e as mulheres que a frequentam consideradas como desviantes, o que as leva a se defenderem ao máximo das ameaças externas, principalmente se o tema for “família”, que é extremamente íntimo para a maioria. Conforme visto por Freitas (1985) anteriormente, a prostituta separa dois mundos o de dentro da prostituição e o de fora, que envolve seus conhecidos e familiares.

Deixei claro de forma oral todos os esclarecimentos contidos no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, enfatizando que seria mantido o anonimato das informações dadas durante a entrevista e que elas poderiam se sentir a vontade de não responder qualquer questão bem como de desistir da entrevista a qualquer momento.

As entrevistas foram feitas dentro da sala do médico, enquanto este não chegava, ou do lado de fora do ambulatório, tentando manter a entrevistada em um ambiente que pudesse se sentir mais a vontade o possível, mantendo-a distante dos ouvidos das outras. Em alguns momentos, as entrevistas foram interrompidas, pois eram chamadas para serem atendidas pelo médico ou alguém passava, cumprimentava e falava alguma coisa. Apesar dessas interrupções, as entrevistas eram terminadas.

As entrevistas tiveram que ser relativamente curtas, de preferência ser somente o tempo de espera de atendimento, pois elas tinham que voltar ao trabalho, já que a zona funciona 24 horas.

## 8.5- Análise dos Resultados

A análise foi baseada no Método de Análise do Conteúdo, elaborado por Laurance Bardin em 1977. Trata-se de método qualitativo de análise, que se realiza em três momentos: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados - a inferência e a interpretação.

Os dados colhidos através das anotações foram objetos de análise individual e comparativa dos resultados, os quais foram agrupados em temas, levando-se em consideração pontos comuns e pontos diversos. Conforme o proposto por Souza (1994), identificaram-se temas que se repetiam nas diferentes entrevistas, como também se procurou verificar se era possível fazer

generalizações baseadas na experiência comum das participantes para o estabelecimento de categorias.

Na análise individual das entrevistas foi feita a fim de levantar temas que pudessem destacar o pensamento das participantes. E, a partir de várias leituras das entrevistas, viabilizou-se o encontro de pontos comuns e pontos divergentes expressos nos pensamentos.

A análise comparativa, tendo como base os temas identificados nas análises individuais, realizou-se uma reorganização das matérias, visando ao estabelecimento de relações entre elas. E como forma de facilitar o procedimento de análise e de interpretação de temas centrais, os dados foram extraídos e divididos em categorias e subcategorias.

O estabelecimento de categorias visou à melhor compreensão dos objetivos colocados pela pesquisa. Foram estabelecidas as seguintes categorias e subcategorias:

Categoria 1: Vida de prostituta

- 1.1- Forma de Inserção na Prostituição
- 1.2- Frequência na Prostituição
- 1.3- Clientes
- 1.4- Uso de Drogas
- 1.5- Uso de Preservativos
- 1.6- Saída da Prostituição

Categoria 2: Vida de Família

- 2.1- Namorados e Companheiros
- 2.2- Família de Origem
- 2.3- Filhos

## 8.6- Considerações Éticas

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Departamento de Psicologia da PUC-Rio. O sigilo e a privacidade das entrevistadas foram garantidos.

## 9- ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### 9.1- Observação local

Ao chegar pela primeira vez na Vila Mimosa, observei o ambiente e resolvi que o mais importante era entender aquele meio e as pessoas que nele vivem e trabalham, para depois elaborar as perguntas e entrevistá-las.

Fiquei instalada no ambulatório da Vila, localizado em um trailer na calçada da Rua Sotero dos Reis, juntamente com o ginecologista e a enfermeira. Soube que tal trailer era mantido pelas próprias prostitutas e pelas donas das casas, que deixavam tudo limpo, ar condicionado ligado e tudo muito conservado.

A fila para a consulta com o médico já se formava muito antes de chegarmos, já que só são atendidas por semana dez pacientes (os atendimentos no ambulatório são apenas às terças). Elas chegavam deixavam seu nome numa lista junto à enfermeira e aguardavam sua vez de serem atendidas. Enquanto aguardavam, ficavam sentadas nas poucas cadeiras da minúscula sala de espera do trailer ou na porta do ambulatório, sempre conversando entre si. Algumas me observavam com olhar de estranhamento, visto que eu nunca estive ali e até me perguntaram se eu era uma nova enfermeira ou uma estagiária, visto que estava sempre de jaleco. O uso do jaleco foi por solicitação da enfermagem, já que eu estaria dentro do ambulatório.

Observei que todas se conheciam e sabiam em que casa cada uma trabalhava. Elas se tratavam com certa intimidade e não se sentiram retraídas com a minha presença no local. Os assuntos eram diversos: saúde pública, preço de supermercado, algo que havia acontecido na vila etc. A falta de dinheiro era sempre algo de destaque, pois era visível a dificuldades que muitas tinham para pagar as contas, exames médicos, comprar coisas etc.

Durante as conversas na sala de espera, soube de diversos casos ligados às atividades delas, dentre eles: das mortes de mulheres cujos maridos descobrem sua profissão e terminam com a vida delas dentro dos quartos, da busca por programas para pagarem o excesso da conta do cartão de crédito, das brigas por clientes, prostitutas que o marido levava e trazia da zona ou aquelas que o marido nem imagina que trabalham ali, além de mulheres que estavam doentes ou viciadas etc.

As idades variavam muito e estilo de mulheres também. As roupas eram muito humildes e poucas: geralmente era um top e um short curto ou um vestido, sandálias rasteiras ou de salto alto (essas em número menor), com maquiagem simples. Cabe lembrar que estive na Vila Mimosa nas terças-feiras pela manhã, poucas mulheres fazem programas a essa hora e muitas estão ali para serem consultadas e depois ir embora, ou seja, não estão vestidas para a batalha.

Observei também que poucas têm cuidados aprimorados com o corpo, geralmente não são corpos definidos e bem torneados, os cabelos nem sempre estão “em dia”. Trata-se de uma zona de baixo meretrício, onde os programas são feitos como fonte de renda de subsistência e não sobra muito dinheiro para algumas vaidades. Somente uma das mulheres falou sobre a importância de cuidar do corpo e de fazer ginástica para manter o corpo em forma. Ela era uma prostituta de 46 anos e acreditava que deveria fazer academia inclusive para poder concorrer com as meninas mais jovens, que nem sempre tinham o mesmo cuidado.

## **9.2- As Entrevistas**

A média de idade entre as mulheres entrevistadas foi de 38 anos, porém deve se ressaltar que podiam ser vistas pela Vila mulheres de diversas faixas etárias nos bares da Vila, confirmando o que Pasini (2005) já havia encontrado. Entretanto, só entrevistei, conforme dito anteriormente, as que frequentaram o ambulatório médico, tendo como quesito obrigatório o fato de ter filhos.

Metade das entrevistadas tem segundo grau completo e a outra metade parou seus estudos durante o ensino fundamental. O que demonstra que não existe um perfil educacional elevado entre as mulheres que trabalham na Vila Mimosa, conforme visto por Moraes (1995).

Em relação ao estado civil das entrevistadas, oito mulheres disseram que são solteiras e duas responderam que são separadas, o que vai ao encontro dos dados encontrados por Moraes (1995), que justifica que as mulheres preferem ficar sozinhas devido aos bloqueios que alguns arranjos podem causar.

Dividirei a análise das entrevistas em duas categorias: vida na prostituição e vida com a família. A primeira está relacionada à profissão em si, sendo dividida em subcategorias referentes ao tema. Já na segunda, será

debatido a vida da entrevistada fora da prostituição e de como a profissão interfere em sua vida particular.

### **Categoria 1: Vida de prostituta**

#### **1.1- Forma de inserção na prostituição**

As mulheres comumente chegaram a Vila Mimosa por intermédio de alguém que já trabalhava previamente no local, devido às dificuldades econômicas e ao desemprego. De acordo com Bacelar, a zona de baixo meretrício é uma prostituição da pobreza, uma última alternativa da mulher ganhar a vida. Prostitutas têm conhecimento das dificuldades financeiras na vida das amigas ou parentes, conforme visto em Simões (2010), e apresentam a proposta de trabalho na prostituição, que tem como principal ponto a sua independência financeira que outros trabalhos dificilmente possibilitariam.

De acordo com as entrevistadas, o motivo principal que as levou a prostituição foi a falta de oportunidade no mercado de trabalho ocasionada pelo nível baixo de instrução, já que a maioria realizou somente o ensino fundamental e muitas entrevistadas nem o completaram. Geralmente, a prostituta atribui aos problemas sociais – desemprego, drogas, imigração- um meio de justificar sua inserção no meio prostitucional, aliviando, assim, as pressões sociais ocorridas pela escolha feita. Ao se inserir, a mulher se encontra em posição de vulnerabilidade, com necessidade de estabelecer uma nova estrutura de sua vida, tendo os problemas pessoais subordinados às justificativas sociais determinantes para a escolha pela prostituição, confirme o que foi visto por Simões (2010).

A permanência na prostituição se dá pela remuneração considerada rápida, o que, nas palavras das entrevistadas, as acomoda e adia a saída da profissão. Elas dizem que gostariam de sair, mas preferem juntar um “pé de meia” antes para poderem montar um negócio próprio posteriormente. Muitas conseguiram com o dinheiro da prostituição dar auxílio e certo conforto a família, tanto de origem, quanto a formada, o que, não conseguiriam em um emprego “comum”. Uma das mulheres, por exemplo, pagou a faculdade de dois irmãos, sustenta um filho e ainda ajuda a mãe a pagar as contas. O que elas alegam é que dificilmente iriam conseguir a mesma remuneração se

trabalhassem de carteira assinada, pois, quando a situação financeira aperta, elas podem aumentar o número de clientes e arrecadarem mais dinheiro de uma forma mais rápida. Metade das mulheres trabalha em outro emprego além da prostituição como faxina, tomando conta de alguma loja ou, até mesmo, como gerente de uma das casas de prostituição. Duas outras fazem ponto em outros lugares, dizendo que há outras zonas que dão um lucro maior que a Vila Mimosa, já que ela está em seu período de decadência.

### **1.2- Frequência na prostituição**

A maioria das entrevistadas trabalha nos fins de semana, pois alegam que é durante esse período que conseguem mais clientes, fazendo em média cinco clientes por dia. Cabe lembrar que cada programa na Vila Mimosa vale no mínimo 25 reais, sendo 5 reais para o aluguel do quarto e 20 reais para a garota. Algumas mulheres me relataram que muitas mulheres – elas não se referem a elas próprias - acabam fazendo o programa por menos para não perder o cliente e outras porque são usuárias de drogas e fazem qualquer preço para poderem comprá-las.

Uma entrevistada relatou que existem clientes que vão à Vila para pechinchar o preço dos programas e, muitas vezes, a mulher ainda não ganhou nada naquele dia nem pra comer nem para pagar o ônibus de volta para casa e acaba aceitando a proposta e fazendo mais barato. Isso acarreta uma acomodação desses homens que acabam contando para outros que vão atrás das mesmas regalias. De acordo com Moraes (1995), a falta de dinheiro acaba fazendo que as mulheres do baixo meretrício sejam mais flexíveis com as normas e permitam tal “desconto” no preço do programa, a fim de conseguirem ganhar algum ao menos para voltar para casa ou comer.

As mulheres entrevistadas já se encontram em média há 7,7 anos na prostituição, tendo metade delas começado na própria Vila Mimosa e a outra metade em outras zonas do Rio de Janeiro, vindo parar na Vila por intermédio de outras prostitutas amigas ou porque ouviram falar bem do local e resolveram experimentar.

### 1.3- Cientes

Em relação aos homens que frequentam a zona, as mulheres alegam que eles vêm em busca de relações sexuais com posições diferentes e com desabafos sobre sua família e seu trabalho.

Para as entrevistadas, as esposas ou namoradas não são tão “liberadas” conforme pensa o senso comum, não realizando certas posições e certas práticas (como sexo oral ou anal) devido aos pudores envolvidos. Além disso, elas acreditam que muitos homens ainda têm a fantasias envolvendo prostitutas, pagando-as para fazer o que eles querem, o que não vão conseguir fazer com outras mulheres. Moraes (1995) define que as prostitutas se tornam “especialistas” em práticas sexuais diferentes, tais como sexo anal e sexo oral, pois são a melhor forma de obter maiores ganhos, já que muitos homens vêm buscar com a prostituta o que não conseguem com outras mulheres.

Os homens se queixam para as entrevistadas que as suas esposas ou namoradas não lhes dão assistência, e que elas, as prostitutas, são pessoas muito atenciosas e prestativas. Alguns homens, então, pagam um programa para poderem conversar e desabafar com alguém, sem realizar a parte sexual. As entrevistadas dizem que eles são muito carentes de atenção e carinho.

Algumas das entrevistadas falaram que os homens procuram seus serviços porque homem é pervertido, fica querendo “sacanagem”, “transar com todas”, conforme foi visto por McKeganey e Barnard (1996).

Quando perguntei qual era o público masculino que frequentava a Vila, as entrevistadas foram unânimes: todos os tipos de homem – casado, solteiro, pobre, rico, feio, bonito -, porém com predominância dos casados. Uma das entrevistadas até me explicou que os solteiros vêm mais para “zoar”, tomar umas cervejas e olhar as mulheres, enquanto os casados vêm atrás só dos programas. Tal dado confirma a “normalidade” dos clientes vista por Leonine (2004) em seus estudos, onde a autora observa que essa normalidade nos demonstra a necessidade de procurar mais de uma causa ou motivação para a busca dos homens pela prostituição. E Sousa (2000) complementa que o cliente real, muitas vezes, nada tem a ver com o cliente do imaginário social, que é um indivíduo sem cultura, sem instrução, sem moral, pertencente a um nível social carente em todos os sentidos ou, então, trata-se de um turista que quer

companhia durante sua estada ou, ainda, indivíduos que têm alguma espécie de problema sexual.

#### ***1.4- Uso de drogas***

Em relação a drogas, apenas uma entrevistada assumiu utilizar drogas ilícitas atualmente e duas disseram que já usaram e que pararam devido ao prejuízo financeiro causado e também pelos apelos das famílias. Uma delas disse que um dia observou o filho brincando no frio sem ter um casaco para usar e se deu conta que todo dinheiro que ela ganhava na prostituição estava indo para as drogas, não tendo condições de comprar um agasalho para o filho. Esse dado questiona um pouco os encontrados na bibliografia que afirmam que a maioria das mulheres utiliza drogas até como um meio de aliviar o estresse e camuflar a repugnância que muitas sentem em realizar programas. Utilização de drogas não é um assunto que é tratado com conforto e não foi diferente com as entrevistadas, que se mostraram um pouco envergonhadas ao assumirem seu uso. O receio do olhar crítico, do preconceito ou até de um discurso recriminador por minha parte pode ter gerado um certo desconforto ao fazer tal revelação.

Entretanto, o álcool e o cigarro são comuns entre as entrevistadas que alegam que o ambiente propicia seu uso e que assim se sentem mais relaxadas para fazerem os programas. A Vila Mimosa é composta por diversos bares e muitos clientes iniciam a noite tomando cerveja, batendo papo e observando as mulheres que se sentam junto e acabam bebendo. Em muitos casos, as mulheres são estimuladas pelos donos das casas a incentivar o uso de bebidas pelos clientes para que eles façam uma despesa maior no estabelecimento.

#### ***1.5- Uso de preservativos***

Questionei as entrevistadas sobre o uso do preservativo com os clientes e todas tiveram um discurso bastante determinado sobre a importância de usar e que não aceitavam de jeito nenhum o não uso durante as relações profissionais. A maioria falou que muitos clientes oferecem mais dinheiro e insistem para que a camisinha não seja usada, mas elas negam, pois sabem do risco que esse

tipo de atitude pode lhes acarretar. Entretanto, alegam também que outras mulheres acabam aceitando esse tipo de proposta devido à necessidade financeira que passam no momento ou então, para comprar drogas, como Moraes (1995) havia descrito.

Essa resposta pode ser um pouco questionável, visto que a Vila Mimosa é frequentada por mulheres de baixa condição financeira e a própria zona, nas palavras das entrevistadas, enfrenta atualmente uma crise, com uma redução de clientes. Tratando-se de prostituição, usar preservativo, principalmente em uma zona regida por uma Associação e uma ONG com diversos programas de conscientização, passa a ser uma resposta socialmente aceita. Entretanto, como a média de idade entre as mulheres é elevada (38 anos) e a maioria já está na prostituição há muitos anos, o nível de conscientização dos riscos e “maturidade” profissional poderá ser maior, pois já não encaram a profissão como uma aventura e sim como um meio para sustentar sua família. Porém, o aspecto da idade elevada passa a ser também um problema para essas mulheres, pois existem concorrentes bem mais novas que acabam conquistando mais clientes, tornando a competição um pouco desleal e diminuindo ainda mais o número de programas das entrevistadas. Portanto, fica difícil de afirmar o quanto elas podem estar sendo verdadeiras em suas respostas e se em um momento de crise financeira essas propostas realmente não são aceitas.

### ***1.6- Saída da prostituição***

Todas as mulheres entrevistadas desejam sair da prostituição e construir vida profissional em outra área, montando um negócio próprio ou trabalhando de carteira assinada em emprego dito “digno”. Entretanto, antes da sua saída, pretendem fazer um “pé de meia” para não precisarem retornar à prostituição e para conseguirem dar entrada nos investimentos que almejam.

Uma das entrevistadas disse que utiliza seu dinheiro, além do sustento seu e de sua família, para construir uma barraca de vendas. Ela afirmou que quando essa barraca estivesse pronta, ela largaria a prostituição. Mas antes precisaria continuar a trabalhar para pagar a construção e garantir um “pé de meia” para o início do investimento.

Outra entrevistada disse que está querendo sair da prostituição, mas tem dificuldade em encontrar emprego. Ela já colocou seu currículo em diversas

empresas e não foi chamada para nenhuma. Eu perguntei a ela se ela sairia mesmo se fosse para trabalhar ganhando apenas um salário mínimo e ela me respondeu que sim, que quer largar de qualquer forma.

Entretanto, foi visto também que a saída da prostituição pode estar ligada ao casamento, conforme foi observado por Soares (2010) em sua pesquisa na Vila Mimosa, muitas mulheres largam a prostituição porque se casam.

Duas entrevistadas disseram pretender largar a prostituição em breve porque estão namorando e querem se casar com seus respectivos companheiros. Porém, primeiro, elas pretendem juntar dinheiro e vivenciar um pouco mais o relacionamento para poderem sair com mais segurança da prostituição.

Outra entrevistada mencionou que já está saindo da prostituição porque se casou com um “velho” e está morando em uma casa que ele lhe deu para morar com seu filho. Essa declaração vai ao encontro do que Fonseca (1996) descreveu como o desejo de qualquer prostituta de encontrar alguém - os chamados “velhos”- que a sustente, sem precisar morar com esse homem como marido.

Além da questão financeira e de casamento, um terceiro motivo surgiu entre as entrevistadas: o corpo. A prostituição deve ser largada porque é uma profissão muito cansativa para o corpo, fazendo envelhecer rápido. Algumas entrevistadas ainda acrescentaram que, conforme envelhecem, mais difícil fica de arrumar clientes potenciais, pois a concorrência com as prostitutas mais novas é injusta.

Uma das causas que estimularia a saída de uma das entrevistadas é o fato de sua filha estar virando “mocinha” e precisa de mais atenção e cuidados nesse momento. Este fator se relaciona com o discurso de Gabriela Leite (2009) quando se refere ao conservadorismo que as prostitutas têm em relação aos seus filhos, principalmente as suas filhas, que muitas vezes, gostaria que se casassem virgens.

## *Categoria 2- Vida de Família*

### *2.1- Namorados e companheiros*

Sete entrevistadas são solteiras e as outras três são divorciadas, mas só vieram trabalhar na prostituição depois que o casamento terminou. A metade tem um relacionamento atualmente, sendo que uma mulher tem relação com o que é chamado de “velho” e outra tem um relacionamento homossexual com uma mulher que é gerente de uma das casas.

O “velho” da entrevistada deu a ela uma casa para morar junto com o filho e a sustenta, reduzindo a necessidade de fazer programas e conseguindo assim uma melhoria de vida, privilégio de poucas conforme Fonseca (1996).

Já a entrevistada que vive uma relação homossexual apresentou um relacionamento mais cúmplice e de maior companheirismo, que segundo Pasini (2000) e Beauvoir (2009) é o tipo de relacionamento em que muitas mulheres encontram relaxamento e prazer. As duas convivem bem na Vila e não têm ciúmes dos clientes, mas a parceira está sempre presente durante o trabalho, impondo respeito aos clientes.

Essas mulheres conheceram seus parceiros (e parceira) dentro da prostituição, quatro foram clientes, o que questiona a ideia de que a prostituta não se envolve emocionalmente em seu trabalho (Leite, 1992; Pasini, 2000). Segundo as entrevistadas, elas querem que elas saiam da prostituição, porém há o receio por parte das mulheres do relacionamento não seguir em frente e elas não terem com quem dividir as despesas, tendo, assim, que voltar a se prostituir por falta de dinheiro. Preferem continuar um tempo na batalha, juntando dinheiro, até conseguirem ter uma boa poupança ou arrumarem um emprego fora da zona. Este quadro muda um pouco o visto por Gaspar (1985), em que as mulheres largavam a prostituição logo que arrumavam alguém para casar e que as sustentassem. Nos dias de hoje, as prostitutas não largam da profissão logo que arrumam alguém, elas preferem observar como o relacionamento vai caminhar e poder garantir um sustento, se houver uma separação.

Elas ressaltaram que seus parceiros têm ciúmes de sua profissão, apesar de as terem conhecido nesse meio, inclusive um deles não sabe que sua namorada continua frequentando a Vila Mimosa, conforme Fonseca (1996) já apontara.

Entretanto, há uma separação bem nítida entre parceiro e cliente no critério do uso de preservativo: quatro das cinco entrevistadas que tem namorado disseram não usar preservativo com eles, dado visto anteriormente por Bacelar (1982). Mckeganey e Barnard (1996) levantaram a questão da manipulação do uso do mesmo corpo em relações sexuais com finalidades diferentes: separando as relações sexuais com clientes que lhe geram recursos financeiros das relações sexuais inseridas em um relacionamento amoroso, recorrendo a estratégias, tais como nome de guerra e uso de rituais. Além das segregações feitas por elas, há a imposição feita por seus parceiros: uma delas admite que seu companheiro não aceita o uso de preservativos, o que Bacelar (1982) alega ser uma forma de demonstração de fidelidade e de controle sobre a mulher. Tal medida acaba pondo em risco a saúde das mulheres, pois não estão protegidas contra uma Doença Sexualmente Transmissível (DST), apesar de terem noção dos riscos. A entrevistada que diz que usa camisinha, inclusive com namorado, se considera neurótica com nesse assunto, pois possui instabilidade em seu ciclo menstrual e o uso do preservativo lhe dá a segurança de não estar grávida, tranquilizando-a. Ou seja, sua principal preocupação é o risco de uma gravidez surpresa, não sendo citado o receio de uma DST.

As demais entrevistadas que não têm namorados afirmam ter dificuldades para arrumar um e, principalmente, para mantê-lo, julgando que essa questão dá muita “dor de cabeça” devido aos problemas que estão associados a ela. Elas alegaram sofrer muitos preconceitos e que os homens assumiam uma posição mais controladora, criticando a maneira de se vestir e de se portar, o que Dallas (2001) e Pasini (2000) já haviam descrito em suas pesquisas. Elas dizem que preferem ficar sem ter namorado e assim evitar maiores transtornos para as suas vidas.

Uma entrevistada frisou que é muito difícil arrumar namorado. O último, por exemplo, que ela teve, criticava suas roupas, dizendo que tinha que usar blusas sem decotes e bermudas compridas. Era tanta exigência que ela o deixou para lá, pois ficou imaginando como seria se ele soubesse que ela trabalhava ali. Então, quando ela arruma namorado, tem que esconder sua condição, dizendo que trabalha em casa de família e que vai dormir lá algumas noites. Ela diz que tem essa atitude porque existe muito preconceito e, geralmente, os namorados que ela arrumava eram muito rigorosos. Já em relação a arrumar namorado na Vila, ela disse que também não dá certo, pois geralmente eles

querem explorá-la, ganhando dinheiro através delas. Como sua conclusão, ela acha melhor nem ter namorado.

## **2.2- Família de origem**

A relação com a família de origem nos dias de hoje é vista pela maioria como boa, ocorrendo contatos frequentes. Entretanto, de acordo com a narrativa das entrevistadas, somente quatro tiveram uma infância considerada boa, mas dentre essas quatro, apenas duas não colocaram um “porém” em suas falas. Percebi que se trata de um tema difícil de ser falado e que elas poderiam ter dado a resposta inicial como “boa” por ser a mais aceita socialmente e quando eu as indagava como havia sido sua infância, alguns detalhes iam surgindo.

Os problemas da infância da maioria das entrevistadas estiveram relacionados à figura paterna. Alguns desses pais eram alcoólatras, o que os transformava em pessoas violentas e agressoras, o que fez algumas entrevistadas vivenciarem momentos de violência doméstica. Muitas dessas agressões eram feitas às mães das entrevistadas, o que levou a uma entrevistada a ameaçar seu pai com uma faca na mão. A entrevistada em questão demonstrou muita raiva ao descrever a cena, mas depois tentou dar uma amenizada no relato me falando que seu pai é o seu melhor amigo hoje em dia, pois largou a bebida. Segundo Soares (1999) e Vasconcelos (1990), diversos fatores relacionados ao contexto inter-relacional, entendido pelas relações ocorridas no interior da estrutura familiar que são de origem desorganizadora, tanto social como psicologicamente, podem estar envolvidos nas causas pela busca da prostituição das entrevistadas.

Duas das entrevistadas alegaram que o pai era machista e repressor, que tinha o controle da casa e não permitia que fizessem nada. Uma delas diz ter sido expulsa de casa por ter perdido a virgindade antes do casamento aos 16 anos. E segundo essa mesma mulher, caso seu pai soubesse que ela trabalha na prostituição, ele nunca iria deixá-la por os pés em sua casa.

Duas outras entrevistadas disseram que seu pai abandonou sua família e foi viver com outras mulheres e nunca mais deu notícia. Alegaram, inclusive, que se cruzarem com os mesmos na rua nem serão capazes de reconhecê-los.

Duas entrevistadas disseram que trabalhavam durante a infância e não tiveram como aproveitá-la, chegando a dizer que não tiveram nem infância nem adolescência. Uma delas começou a trabalhar aos 9 anos em casa de família e disse que ela virou “filha dos patrões”, pois, além de morar na casa da família onde trabalhava, eles que decidiam aspectos particulares da vida dela, como em que escolas ela iria estudar.

Uma entrevistada disse que seus pais foram um obstáculo na vida dela e que merecia ter tido pais melhores. Ela criticou muito a visão que seus pais tinham em relação ao mundo, o pouco valor dado aos estudos e a maneira deles de criar os filhos. Os pais somente a colocaram na escola por ser uma obrigação e não incentivavam o seu desenvolvimento, ela justifica essa atitude por terem sido analfabetos e nunca souberam da importância de uma boa educação. Além disso, criticou também o fato de seus pais deixarem seus irmãos mais velhos tomando conta dela, afinal também eram crianças e utilizavam do medo para controlá-la, o que ela diz tê-la prejudicado em sua vida adulta. A partir de sua vivência, a entrevistada disse que nem todo mundo deveria ter filhos, somente aqueles que têm vocação para criá-los e respeitá-los, o que, segundo ela, são poucos.

Em relação às mães, as entrevistadas retrataram uma imagem mais calma, um pouco submissa e trabalhadora. Algumas mães, conforme vimos, sustentaram as entrevistadas sozinhas e as protegeram da violência de seus pais. Mais da metade das mães ficam com os filhos das entrevistadas para elas irem para a zona e quatro delas sabem que as filhas trabalham como prostitutas.

Como muitas mulheres não têm condições de colocar seus filhos em creches integrais ou de pagarem uma pessoa para tomar conta deles, as mulheres deixam seus filhos com a mãe ou com alguns parentes, conforme descrito por Bacelar (1982). Entretanto, algumas mulheres dão uma remuneração a seus parentes por cuidarem dos filhos, alegando ser uma ajuda de custo, para pagar as contas. Uma das entrevistadas diz que deixa seu filho aos cuidados de uma tia e que usa parte do dinheiro que recebe da prostituição para pagar a essa tia. A partir disso, essa tia assume o papel de criadeira descrito por Bacelar (1982).

O fato de saberem da real profissão da filha faz essas mães compartilharem de um segredo familiar que muitas vezes fica entre as duas. A maioria das entrevistadas disse que a mãe não comentou absolutamente nada

quando soube da prostituição das filhas, o que, de acordo com Ferreira (1963), seria um mito familiar, segredos familiares protegidos por seus membros, que podem ou não concordar com os mesmos, porém devem aceitá-los como um tabu e, assim, manter a identidade familiar. Esse segredo não é necessariamente aceito, mas a família pode se conformar com ele por ser um jeito de resolver um problema da filha, que tem a promessa de logo sair da prostituição.

Uma das entrevistadas disse que sua mãe não falou nada quando lhe contou que estava se prostituindo, porém ela acredita que sua mãe entenda o período que está passando financeiramente e que sabe que ela sairá da prostituição assim que resolvê-lo. Enquanto isso, ela toma conta do filho da entrevistada sem contar a ninguém sobre a profissão da filha.

Outras mães se posicionaram contra a escolha e, mesmo não contando nada, as entrevistadas percebem esse movimento de contrariedade. Entretanto, é um tanto contraditório, pois essas mães aceitam de suas filhas prostitutas auxílios para pagarem suas contas.

Uma entrevistada disse que acredita que sua mãe não concorda com sua escolha profissional, porque nenhuma mãe gostaria de ver sua filha inserida no meio prostitucional, já que, segundo a entrevistada, existe um preconceito muito forte.

Além dos preconceitos pessoais e sociais em relação à prostituição, existe o posicionamento de algumas instituições religiosas. Uma das entrevistadas disse que não conta nada para sua família porque eles são evangélicos, frequentadores da Igreja Universal do Reino de Deus, e não iriam aceitar sua escolha.

Uma participante disse não ter contato para seus pais e filhos sobre sua profissão, mas resolveu contar a seu primo como precaução em caso de que algo lhe acontecesse enquanto estivesse na zona. Ela disse que se ela precisasse de ajuda, alguém tinha que saber seu paradeiro para socorrê-la.

Muitas mulheres preferem não contar a ninguém de sua família sobre sua escolha profissional com medo de uma possível rejeição devido às razões morais envolvidas. De acordo com Freitas (1985) a família é o meio em que as prostitutas conseguem se afirmar como pessoa com o ritmo de vida visto socialmente como “normal”, o que pode ocorrer na medida em que a prostituição dá acesso a padrões de consumo socialmente valorizados.

### 2.3- Filhos

A média de filhos entre as entrevistadas é de 1,5, o que vai de encontro ao discurso de Gabriela Leite (2009), que afirma que as prostitutas normalmente têm famílias numerosas.

As mulheres separam-se em duas personalidades, aquela inserida num contexto familiar – a mãe, e aquela inserida num contexto dito da rua – a prostituta. A definição de cada espaço é bem marcada, não envolvendo seus filhos em seu ambiente de trabalho. De acordo com Castro (1993), há um antagonismo entre os dois mundos, o de “fora” e o de “dentro” da prostituição, no qual o primeiro é representado por valores morais e o segundo, tem valores e expressões completamente diferentes, seguem a regra da zona. Goffman (2008) complementa que essa divisão do mundo do indivíduo em lugares públicos e lugares retirados estabelece o preço que se paga pela revelação ou pelo ocultamento e o significado que tem o fato de o estigma ser conhecido ou não.

Em seus discursos, as entrevistadas citam bastante os filhos, demonstrando preocupação com seu bem estar e estudos. As mulheres têm o sonho de que seus filhos tenham uma formação escolar, pois entendem a importância que os estudos terão em suas vidas, principalmente para arrumar empregos com melhores remunerações. Alegam que boa parte do dinheiro que ganham na prostituição é revertida para pagar o sustento e a educação dos filhos, confirmando o que Moraes (1995) havia dito anteriormente sobre a preocupação dessas mães prostitutas em relação ao futuro de seus filhos, evitando uma “má formação”.

Uma das entrevistadas citou que está muito preocupada com seu filho, que está tendo envolvimento com drogas (maconha) e que ela está procurando um tratamento para evitar que o vício tome maiores proporções. Ela teve envolvimento com drogas anteriormente também, mas deixou de usa-las quando se deu conta que deixava de dar dinheiro aos filhos para se drogar. Ela narrou que um dia estava chegando em casa e viu seu filho, este que hoje usa maconha, brincando na chuva sem ter um casaco para vestir. Neste momento,

ela percebeu que a droga estava prejudicando não só a sua vida como a de seus filhos, deixando de usá-la naquele momento.

Todos os filhos das entrevistadas estudam, com exceção de um que já é maior de idade e completou seus estudos no ensino médio, e desse que está se envolvendo com drogas. Elas dizem acompanhar os estudos de perto, entrando em contato frequentemente com a escola para saber o desenvolvimento e o progresso dos filhos.

Somente duas entrevistadas contaram a seus filhos qual é sua real profissão. Uma delas disse que o filho reagiu de forma boa, dizendo para ela que não via problema nenhum, pois ela é a sua mãe e que ele a ama de qualquer jeito. Ao falar isso, a entrevistada demonstrou muito orgulho de sua relação com seu filho, ressaltando também o quanto gosta dele.

As outras entrevistadas alegam que seus filhos são muito pequenos e que não tem cabimento contar sobre sua profissão. Muitas vezes, sua maior preocupação está em preservar sua imagem com o seu filho, evitando a vergonha e o preconceito.

A maioria das entrevistadas mora junto ou próximo aos seus filhos, mantendo uma convivência constante ou, até mesmo, diária. Somente duas entrevistadas moram distantes de seus filhos, sendo que o filho de uma mora com a mãe em um bairro distante e o da outra mora com o pai em Minas Gerais. A que tem o filho morando com a mãe diz manter o contato todos os dias, ligando sempre para saber como está. Já a que tem o filho morando com o pai não tem tanto contato, fala às vezes por telefone e acaba vendo filho poucas vezes, apenas quando arruma dinheiro para ir encontrá-lo. Nesse caso, o filho é sustentado pelo pai e ela só contribui com presentes. Pode-se observar aí uma distância entre mãe e filho que pode estar vinculada ao que Bacelar (1982) havia mencionado sobre alguns casos que a criança vai morar com o pai e com a família paterna, devido aos valores sociais e morais atribuídos à escolha profissional da mãe.

Os demais pais dos filhos das prostitutas foram pouco citados, já que não moram junto com elas. As poucas mulheres que falaram neles disseram que não ajudam muito, algumas os colocaram na justiça para ganhar pensão, ficando os filhos sobre sua própria responsabilidade ou de sua família, repetindo de certa maneira a história das próprias entrevistadas que tiveram pouco contato com seus pais, que abandonaram a família para viver com outra

mulher. Na maioria das vezes a família da prostituta é formada por ela e seus filhos, constituindo uma família monoparental. Em alguns casos há formação de família ampliada, a qual é formada por famílias elementares e agregados que moram na mesma residência (Moraes, 1995).

Uma das entrevistadas fala que tem dificuldade com os pais de suas filhas (cada uma é filha de um pai) na questão de pagamento de pensão. O pai da mais velha está na justiça porque parou de pagar pensão há quatro anos e o pai da menor não tem pago porque estava desempregado. Segundo a entrevistada, quando ele está trabalhando costuma a pagar a pensão. Percebi pelo tom de sua fala que a entrevistada não se dá bem com o pai da filha mais velha, mas isso já não acontece com o pai da mais nova, sendo até mais benevolente com o mesmo.

Como nota de curiosidade, além das entrevistas com as dez mulheres trabalhadoras da Vila Mimosa, foram feitas outras duas entrevistas com mães de prostitutas que estavam também no ambulatório para serem atendidas. Elas me falaram que souberam da profissão de suas filhas através de terceiros, uma soube por seu filho (irmão da prostituta) e a outra através de um amigo. As duas declararam que ficaram “sem chão” quando descobriram e que, de início, a convivência ficou difícil. Com o passar do tempo, aceitaram um pouco melhor, mas sempre incentivando a saída delas da prostituição.

Uma das entrevistadas disse que a sua mais velha fazia programas na Vila Mimosa e ela passou a trabalhar em uma barraquinha na zona para poder ficar próxima dessa filha. Porém, a entrevistada ficou doente durante um tempo, o que a deixou acamada e impossibilitada de trabalhar. Nessa época, sua filha mais nova passou a trabalhar também no meretrício para ajudar nas despesas da casa. Hoje em dia, nenhuma das duas trabalha na prostituição, mas a mãe continua na barraquinha.

Essa entrevista foi um pouco contraditória no meu ponto de vista, pois, ao mesmo tempo em que ela condena a entrada de uma das filhas na prostituição, ela admite a inserção da outra para ajudar nas despesas. Da mesma forma que ela diz que o desejo era vê-las fora daquele meio, ela, própria mãe, passa fazer parte do mesmo meio com sua barraquinha.

A filha da outra entrevistada continua na ativa e estava, inclusive, realizando programa enquanto eu entrevistava a mãe. A mãe disse que sofre muito com essa escolha da filha e reza para que ela largue essa vida. A

entrevistada comentou que está arrumando meios para a filha sair ano que vem (2011) e que não precise voltar a ser “mercadoria”.

Conforme visto nas análises dos resultados, as mulheres possuem vida dupla, tendo uma identidade enquanto trabalham como prostitutas e outra quando retornam às suas casas. Muitos dos dados encontrados nas entrevistas confirmaram o que foi dito na literatura consultada, revelando um conjunto de características próprias de um grupo. Porém, um dos dados que mais chamou a atenção foi a repetição do padrão de comportamento que essas mulheres têm em relação à escolha do parceiro amoroso. Assim como suas mães, as entrevistadas não mantiveram envolvimento amorosos duradouros com os pais de seus filhos, nem mesmo mantêm um relacionamento amistoso com os mesmos depois de separadas. Tal fato merece uma atenção maior em outros estudos, levando em consideração as possíveis transmissões intergeracionais ocorridas nas famílias das prostitutas.

## 10- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prostituição é um meio muito fechado aos olhos de um visitante, que consegue apreender poucas informações somente em uma visita. As mulheres que compõem o *staff* de cada casa de prostituição na Vila Mimosa têm a sua história, seu modo de enxergar seu trabalho e o mundo que lhes cerca. Em busca de conhecer um pouco mais desse mundo e, mais especificamente, o meio familiar dessas mulheres, foi feita essa pesquisa de campo, com um grupo composto por dez prostitutas. Apesar de cada uma ter em sua história de vida seus momentos peculiares, ao reunir as entrevistas, tais momentos puderam fornecer uma imagem mais coletiva, como que compondo um grupo.

A Vila Mimosa é uma zona de prostituição bastante conhecida na zona norte do Rio de Janeiro. Passou por diversos movimentos de luta e resistência e, hoje, possui uma associação e ONGs que fazem projetos em prol das mulheres que ali trabalham. Entretanto, um visitante ao chegar à Vila Mimosa se depara com um lugar repleto de transeuntes, caminhões de bebida, barraquinhas que vendem de tudo, táxis e, logicamente de mulheres. Não se trata de uma zona de luxo, sendo as mulheres que trabalham ali mais humildes, trajando roupas simples e pedindo um preço baixo por cada programa. As entrevistadas disseram que vieram parar ali trazidas por uma amiga devido a sua necessidade financeira, pois já estavam desempregadas há um tempo e não conseguiam vislumbrar outras oportunidades. Muitas delas justificaram essa dificuldade em arrumar emprego à sua baixa formação, pois metade das entrevistadas cursou até o ensino fundamental<sup>4</sup>. A prostituição acaba sendo a solução mais rápida para os problemas financeiros dessas mulheres, pois, conforme as próprias disseram, trata-se de um dinheiro mais rápido de se conseguir e uma remuneração bem maior do que se estivessem fazendo uma faxina.

Como em qualquer emprego que presta serviço ao público, as prostitutas encontram problemas com seus clientes. Elas relataram que existem muitos clientes que vão à zona em busca de um desconto no programa, o que acaba atraindo para a Vila poucos clientes potenciais, ou seja, que paguem o preço do programa (25 reais, 5 para casa e 20 para a menina) ou mais. Os

---

<sup>4</sup> O Ensino Fundamental, hoje em dia, corresponde da 1ª a 9ª série, transformando a antiga Classe de Alfabetização (C.A.) em primeira série.

frequentadores da Vila não são somente homens de baixo poder aquisitivo, segundo as entrevistadas, trata-se de homens de todos os tipos de classe social, de diferentes faixas etárias e do mais variado perfil físico. Muitos deles vão atrás de uma companhia, alguém que escute suas histórias e os aconselhe em seus problemas, transformando o programa em “sessões de terapia”. Já outros homens as procuram por quererem posições sexuais diferentes, o que coloca em questão a dita “liberdade sexual” que as mulheres dizem vivenciar. Muitas mulheres ainda vivem certos tabus sexuais, não se permitindo a realização de algumas práticas, o que, segundo as entrevistadas, faz esses homens procurá-las “fora de casa”, como, por exemplo, o sexo anal e o sexo oral.

Uma prática preocupante é o não uso de preservativo com os clientes. Muitos frequentadores da Vila chegam a oferecer mais dinheiro para as mulheres para que tenham suas relações sexuais sem usar a camisinha. As entrevistadas disseram que não adotam esse tipo de postura porque têm noção dos riscos que correm, mas chegaram a relatar que outras mulheres o faziam, principalmente quando estavam mais necessitadas de dinheiro.

Conforme dito, a Vila Mimosa conta com uma Associação e ONGs que fazem um trabalho de conscientização. As mulheres recebem explicações sobre as Doenças Sexualmente Transmissíveis e ganham pacotes de preservativo. Entretanto, nos últimos anos houve uma queda da procura pela Vila Mimosa, o que gera menos renda para as prostitutas e estas, muitas vezes, aceitam algumas propostas inferiores para não ficarem sem ganhar dinheiro ou aceitar uma remuneração mais alta na condição de não usarem o preservativo. Essa queda foi citada por todas, dizendo que cada dia que passa menos homens frequentam a zona. A explicação dada por uma delas foi bem clara, apesar de ter sido dita aos sussurros para mim: a violência com que os seguranças tratam os clientes e os pequenos furtos que ocorrem nas noites da zona, afastam cada vez mais os frequentadores.

Essa queda tem estimulado ainda mais as mulheres a saírem da prostituição ou a procurarem outros locais para se prostituírem. Todas disseram que pretendem sair, mas era necessário juntar dinheiro antes, pois assim investiriam sua poupança em algo (geralmente, lojinhas) com que pudessem trabalhar e gerar uma remuneração, sem precisar voltar à prostituição.

O convívio entre as mulheres parece ser bem amistoso. Todas se cumprimentam e conversam, o que aparenta é que se conhecem há um bom

tempo. A média de tempo que as mulheres entrevistadas se encontram na prostituição é de 7,7 anos e muitas delas começaram já na Vila Mimosa. Porém, apesar dessa convivência, o assunto na sala de espera do ambulatório nada tinha a ver com suas intimidades, mas sim com algo da própria zona ou sobre o sistema de saúde. A sua vida privada não era motivo de conversa, sendo no máximo citada como um exemplo em um assunto mais amplo, como falar que pagou x reais para realizar o exame de um filho ou da mãe. E sempre que algum assunto mais íntimo ensaiava em se formar, logo era cortado. Como exemplo, uma mulher trabalhadora da Vila Mimosa, que não foi entrevistada por mim, entrou grávida no ambulatório e foi recebida com várias perguntas acerca de sua gravidez. Ela fez cara de pouca paciência enquanto recebia as perguntas, dando-lhes respostas curtas e sem muitos detalhes. Neste momento, ficou claro que ela estava se sentindo invadida e não gostaria de contar sobre sua vida particular a ninguém ali.

O meio familiar é sem dúvida um assunto muito delicado tratado na prostituição. As mulheres alegam que estão lá para poderem dar melhores condições aos seus filhos e sua família. Elas fazem questão de vê-los estudando e terem uma vida melhor do que elas tiveram. As entrevistadas assumem o papel de chefe de família, sendo a prostituição a principal fonte de renda das mesmas. Os pais dos filhos dessas mulheres já não vivem com elas e, muitas vezes, não pagam a pensão, levando-as a recorrer a justiça para ganhar esse benefício.

Os filhos geralmente não sabem da profissão da mãe, somente dois, que já são maiores de idade, sabem. Essa atitude demonstra um pouco do medo da rejeição dessas mulheres pelos seus filhos caso saibam da real profissão que exercem. Outro motivo é a distância entre os dois mundos, casa e trabalho, que elas estabelecem. As prostitutas têm receio de que uma possível aproximação entre esses mundos possa influenciar mal seus filhos e elas serem as “culpadas” por um desvio.

Em relação aos seus relacionamentos amorosos, chamou atenção a posição assumida por essas mulheres. Geralmente, elas se submetem a algumas exigências de seus parceiros, tais como não usar preservativos ou mudar seu estilo de ser e se vestir por desejo deles.

O não uso da camisinha é um fator determinante para que alguns homens sintam-se seguros da fidelidade de suas companheiras. Porém, o risco

de saúde gerado por essa medida é enorme, tanto para um quanto para outro. Da mesma forma que a mulher pode ter uma relação sexual com um cliente portador de alguma DST sem usar preservativos, por motivos anteriormente citados, e transmitir a doença, o seu namorado/ companheiro também pode cometer alguma infidelidade desprotegido e também acabar transmitindo a ela. Todo ensinamento sobre os riscos de DST e os meios de proteção que elas dizem ter com seus clientes, elas não realizam com seus parceiros. Isso também se deve a cisão imposta por elas mesmas entre o mundo prostitucional e o mundo familiar e de relacionamentos mais íntimos. É uma forma de separar os modos de tratamento sexual entre um cliente, que é visto como algo profissional, e um namorado, que é visto como algo pessoal.

Já em relação aos outros tipos de exigências, muitas entrevistadas dizem que não têm paciência e preferem ficar sozinhas a ter que aturar homem controlador. Elas dizem que namorado dá muito problema, pois, muitas vezes, elas têm que esconder o que fazem para continuar a trabalhar, mentindo dizendo que trabalham em casa de família e dormem no emprego. Os namorados que sabem ou que conheceram na prostituição também são problemáticos, segundo as entrevistadas sem namorado, pois eles ficam querendo explorar ou controlar extremamente sua profissão. As mulheres reclamam que há muito preconceito com a profissão e muitos homens não querem se envolver com elas. Isso se deve pelos estigmas em que a profissão está envolvida, principalmente em relação à posição desviante que a mulher assume por ter comportamentos sexuais fora do padrão esboçado pela sociedade.

Um aspecto que chamou muita atenção na análise das entrevistas foi o mau relacionamento das entrevistadas com a figura paterna durante a infância. Muitos pais tiveram comportamentos que geraram traumas, tais como: abandono, alcoolismo, maus tratos, violência doméstica. As entrevistadas consideram essa fase da vida como um período ruim, algumas sentindo raiva de tudo que passaram. Dois dos pais sumiram e não deram mais nenhuma satisfação e, segundo as entrevistadas, não seriam capazes nem de reconhecê-los hoje em dia. É importante deixar claro que esse não é um fator decisivo para a busca, já que nem todas as mulheres que tiveram problemas na infância com a figura paterna trabalham como prostituta. As entrevistadas apresentaram comportamentos similares aos de suas mães na escolha de seus parceiros, já

que, a maioria não convive mais com os pais de seus filhos e os cria sozinha. Fica clara a transmissão intergeracional que ocorre com essas mulheres, pois estão repetindo o mesmo padrão de comportamento de suas mães. A transmissão intergeracional permite continuar a identidade de uma família através de um legado estruturante de rituais e mitos. Ressalto, portanto, a importância de um estudo mais aprofundado nesta questão, pois apesar de ser um grupo pequeno, a maioria das entrevistadas apresentou tal problema.

A prostituição é um tema que recebe a atenção de diversos pesquisadores, porém, ao realizar esta pesquisa, tive dificuldade em encontrar um material, tanto na literatura nacional quanto internacional, a respeito do convívio e da relação dessas mulheres com sua família. Vejo que, apesar das tentativas de quebra de estereótipo propostas pelos estudos feitos, muitos deles não se preocuparam em enxergar a prostituta como alguém que também vive fora de seu ambiente de trabalho. Assim como a médica, a psicóloga, a engenheira, a advogada etc., têm seu momento de saírem de seus consultórios ou escritórios, deixando pra trás sua profissão e se transformando em esposas, mães, filhas, avós, a prostituta também vive esse momento assim que sai da zona em direção à sua casa. Talvez a prostituta consiga fazer essa cisão, trabalho x família, melhor do que as outras profissionais, pois muitas mulheres, mesmo estando em casa, não conseguem se desligar do trabalho, levando coisas para fazer em casa. Quando recomendo maiores estudos nessa área, o faço para que os estudiosos consigam olhar a mulher prostituída além da profissão, tirando-as um pouco da posição de vítima da situação, de seres abusados, para agentes, que estão ali por conta própria em busca de um sustento para sua família.

Em relação à parte teórica deste trabalho, tive como objetivo estudar a prostituição como um todo, para depois observar as suas partes. A prostituição é um meio marginalizado e o pouco que se ouve falar é o que a mídia e seus meios de comunicação de massa transmitem, ora positiva ora negativamente.

A opção de observá-la através da história pode me mostrar as diferentes posições sociais que a mesma profissão teve. Ao mesmo tempo em que era considerada um mal, ela era necessária, seja para satisfazer os “exacerbados” desejos masculinos, seja para proteger a donzela virgem da voracidade dos homens que necessitam de sexo. Apesar de serem consideradas impuras, imorais e de serem um péssimo exemplo para a sociedade, em algumas épocas

tiveram maiores privilégios que algumas mulheres de família. Enquanto as esposas ficavam presas sobre o controle de um homem que nem sempre as amava, as prostitutas tinham maior liberdade de passeio, ganhavam desses maridos joias e riquezas e participaram de diversas discussões políticas. Simone de Beauvoir (2009) comparou uma mulher de casa com a mulher de rua, alegando que a primeira se “vende” sexualmente para um homem e a prostituta para mais de um. Isso não quer dizer que a vida das prostitutas tenha sido melhor do que as das esposas, pois sempre houve a discriminação, a marginalização e os maus tratos sociais.

A história da prostituição, conforme visto, apresentou diversos “avanços” até hoje, como sua legalização com carteira assinada que virou projeto de lei a ser votado no congresso. A profissão já entrou na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) do Ministério do Trabalho denominando suas frequentadoras como profissionais do sexo.

As práticas do meretrício são aspectos importantes para entender o ramo da prostituição que se está estudando. Existem diferentes locais para o exercício da profissão e, em cada um desses lugares, estilos de profissionais são exigidos. Por exemplo, as mulheres que compõem uma zona de baixo meretrício dificilmente terão o mesmo perfil das mulheres que trabalham em uma zona de alto meretrício. Os preços, vestimentas, grau de instrução, perfil físico, motivos de inserção na profissão etc. modificam totalmente de um tipo de meretrício para o outro, tratando-se de um conjunto de tendências, gostos, modos de comportamento característicos de um grupo completamente oposto ao do outro grupo.

Entender sobre a vivência em uma zona de baixo meretrício facilitou o conhecimento sobre a Vila Mimosa. Ao visitar pessoalmente as ruas que compõem a zona, pude conferir tudo o que já havia lido anteriormente na literatura. Entretanto, a Vila Mimosa não é uma simples zona, é um ambiente que representa a luta pela classe das prostitutas e a resistência da profissão. Foi desalojada e realojada algumas vezes, quase terminou em vários momentos, mas a partir de sua luta foram realizados os encontros das prostitutas, movimento que serviu para unir as profissionais do sexo do país. A partir da leitura de sua história e de seu cotidiano, ficou mais fácil de compreender o contexto em que as entrevistadas viviam e tentar elaborar a melhor forma de abordá-las e entrevistá-las.

Ter estudado e discutido sobre prostituição sem tentar entender o homem que a frequenta, parece-me um estudo incompleto. Afinal, só existe prostituta porque tem quem compre seus serviços. Despertou meu interesse saber quais são os tipos de homens que procuram a prostituição e o que eles buscam. Surpreendi-me quando vi na literatura que qualquer tipo de homem procura qualquer tipo de zona de meretrício, dependendo de quanto ele pode ou está propenso a gastar. Os homens continuam a procurar a prostituição mesmo vivendo em um mundo, no qual é dito que a sociedade está mais sexualmente liberada e que os tabus têm sido rompidos. Ao fazer a pesquisa, tanto na teoria quanto no estudo de campo, percebi que, ao contrário do que é dito (e mostrado, principalmente pela mídia), ainda se tem muito tabu sexual e nem todas as práticas sexuais são aceitas entre os casais. Muitas mulheres consideram algumas práticas impróprias para realizarem e muitos homens têm vergonha ou não se sentem muito à vontade de pedirem certas práticas sexuais com receio da reação de suas parceiras. Além disso, notei também a falta de diálogo que algumas famílias têm, já que muitos homens procuram as prostitutas simplesmente para conversar sobre suas vidas, se mostrando solitários e carentes. Há também outros motivos pela busca de prostitutas: ter variedades de mulher, que para muitos não conta como traição; a troca de dinheiro por sexo, que lhes gera uma sensação de poder; fantasias sexuais etc.

A partir do estudo do contexto em que essas mulheres trabalham, direcionei-me ao meu tema da família da prostituta. Porém, achei importante entender um pouco a respeito de seu papel social, implicando nas identidades criadas e nos preconceitos sofridos. Através desse capítulo, pude perceber como a mulher que se prostitui é vista pela sociedade e como ela faz para superar os possíveis estereótipos que sofre. A mulher acaba criando uma divisão identitária: sendo a prostituta enquanto está na zona, criando nomes de “guerra” para a sua personagem naquele lugar; e a dona de casa, enquanto está com os filhos e a família, com as responsabilidades que qualquer outra chefe de família teria.

Por fim, procurar entender à fundo o que é essa convivência dessa mulher em seu verdadeiro meio, sua casa. Talvez esse tenha sido o capítulo mais difícil de escrever por haver poucas informações na literatura disponível. Nos capítulos anteriores, analisei como vive a personagem, que atende por um nome fictício na zona da Vila Mimosa. Neste capítulo, procurei entrar em sua

vida pessoal, observando sua convivência com seu parceiro, sua família de origem e seus filhos. É notória a importância dada a esse núcleo e a necessidade de separá-lo por completo de seu meio profissional. Por sofrerem preconceito, as mulheres resolvem nem contar aos seus parentes sobre a prostituição com medo de uma possível rejeição e, ao mesmo tempo, de protegê-los do estereótipo vivido por elas, mas que pode se estender a eles.

Ao finalizar este estudo, consigo vislumbrar como é difícil a vida chamada de fácil das prostitutas. As mulheres escolheram a prostituição como meio de trabalho por não encontrarem outros meios de conseguirem uma remuneração para pagarem suas contas e sustentarem suas famílias. Ao entrevistá-las, percebi a importância que a sua família, principalmente seus filhos, tem e o quanto elas gostariam de investir em um futuro melhor para todos. Acredito que a Psicologia teria muito a contribuir com seus estudos, principalmente na área de Psicologia Social e de Família, para compreender melhor o funcionamento deste sistema.

## 11- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, L.; PAIVA, A. **Gênero e Trabalho na Sociologia Latino-Americana**. São Paulo: ALAST, 1998.

ABRAMO, L.; PAIVA, A. A. **Gênero e trabalho na Sociologia latino-americana**. São Paulo: ALAST, 1998.

ABREU, W. **O Submundo da Prostituição, Vadiagem e Jogo do Bicho**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1984.

ALMEIDA, A. M. Notas Sobre a Família no Brasil. In: ALMEIDA, A. M.; CARNEIRO, M. J.; PAULA, S. G. (.). **Pensando a Família no Brasil: da Colônia à Modernidade**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo: UFRRJ, 1987.

AMOCAVIM. AMOCAVIM. Disponível em: <[www.vilamimosa.com.br](http://www.vilamimosa.com.br)>. Acesso em: abril 2010.

ARAÚJO, E. A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia. In: PRIORE, M. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

AZEREDO, S. Prostitutas e mulheres honestas: identidade e alteridade na 'zona' de Belo Horizonte. **Dois Pontos - teoria e prática em educação. Belo Horizonte, V. 4, no 34.**, p. 67-9, set-out/1997.

BACELAR, J. A. **A Família da Prostituta**. São Paulo: Ática, 1982.

BADINTER, E. **XY: sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BARROSO, C. **Sozinhas ou mal acompanhadas - a situação das mulheres chefes de família**. Anais do Primeiro Encontro Nacional de Estudos Populacionais (ABEP). [S.l.]: [s.n.]. 1978.

BAUMAN, Z. **Thinking Sociological**. Oxford: Basil Blackwell, 1990.

BAUMAN, Z. **Amor Líquido: sobre fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BEAUVOIR, S. **Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BERQUÓ, E. A família no século XXI: um enfoque demográfico. **RBEP**, p. V.6, n.2, p. 10-5, 1989.

BLANCHETTE, T.; SILVA, A. "Nossa Senhora da Help": sexo, turismo e deslocamento transnacional em Copacabana. **Cadernos Pagu**, p. n.25, pp. 249-280, 2005.

BLUMBERG, R.; GARCIA, M. The political economy of the Mother-Child Family a cross societal view. In: LENERO-OTERO, L. **Beyond the nuclear family model**. [S.l.]: Sage Publications, 1977.

BOSZORMENY-NAGY, I.; SPARK, G. M. **Lealtades invisibles**. Buenos Aires: Amorroutu Editores, 1983.

BRISTOW, E. **Prostitution and prejudice**: The Jewish fight against white slavery, 1870-1939. Oxford and New York: Clarendon Press, 1982.

BRUSCHINI, C. O trabalho da mulher brasileira nas décadas recentes. **Estudos Feministas, n.e.**, p. 179-99, 1994.

BUCHER, J. Mitos, Segredos e Ritos na Família. **Psicologia, Teoria e Pesquisa**, Vol.1, n.2 maio/agosto 1985.

CARNEIRO, N. G. O. A família. **Psicologia Argumento**, 14, 1994. 11-26.

CARPERTER, J.; TREACHER, A. **Problemas y soluciones em Terapia Familiar y de Parejas**. Barcelona: Paidós, 1993.

CASTRO, R. Representações Sociais da Prostituição na Cidade do Rio de Janeiro. In: SPINK, M. J. **O conhecimento do Cotidiano – As representações Sociais na Perspectiva da psicologia Social**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

CAULFIELD, S. O Nascimento do Manguê: raça, nação e controle da Prostituição no Rio de Janeiro, 1850-1942. **Tempo, Rio de Janeiro**, p. n.9, p.43-63, 2000.

CERVENY, C. **A família como modelo**: descobrindo a patologia. Campinas, São Paulo: Editorial Psy II, 1994.

CERVENY, C. M. O. & B. C. M. E. **Família e ciclo vital**: nossa realidade em pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

CEZAR-FERREIRA, V. A. M. A pesquisa qualitativa como meio de produção de conhecimento em psicologia clínica, quanto a problemas que atingem a família. **Psicologia: Teoria e Prática**, p. 6 (1): 81-95, 2004.

COSTA, J. F. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

DALLA, R. L. Et Tú Brutè? A Qualitative Analysis of Streetwalking Prostitutes' Interpersonal Support Networks. **Journal of Family Issues**, 2001. Vol. 22, N.8, 1066-85.

DAMASCENO, E. Camara dos Deputados, 2003. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/sileg/MostrarIntegra.asp?CodTeor=253652>>.

Acesso em: Julho 2009.

DAMATTA, R. **A Casa & a Rua - Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMATTA, R. **Carnavais, Malandros e Heróis: a para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DANTAS, P. Sexo sem beijo: alguns aspectos sobre a baixa. **Jornal Astro-Síntese**. Disponível em:

<<http://www.aldeiaplanetaria.com.br/astrosintese/antropo1.htm>>. Acesso em: agosto 2009.

DAVIDA. ONG DaVida. Disponível em: <<http://www.davida.org.br/>>. Acesso em: outubro 2009.

D'INCAO, M. A. Mulher e Família Burguesa. In: PRIORE, M. **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 223-40.

DORIGATTI, B. “Ó, meu deus, uma prostituta que fala!”, 2009. Disponível em: <<http://www.saraivaconteudo.com.br/artigo.aspx?id=22>>. Acesso em: maio 2010.

ENGEL, M. **Meretrizes e doutores - Saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

EPSTEIN, A. L. **Ethos and Identity**. London: Tavistock, 1978.

ER., T. **Tratado de metodologia da pesquisa clínico qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas**. Petrópolis: Vozes, 2003.

FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento Contemporâneo: O difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicologia: Reflexão & Crítica**, 11, 1998. 379-394.

FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: construção da identidade conjugal. In: FÉRES-CARNEIRO, T. **Casal e família: entre a tradição e a transformação**. Rio de Janeiro: NAU, 2001. p. 67-80.

FÉRES-CARNEIRO, T. Construção e dissolução do laço conjugal. In: FÉRES-CARNEIRO, T. **Família e Casal: arranjos e demandas contemporâneas**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2003. p. 201-214.

FERRAND, M. A questão dos direitos reprodutivos na França. **Estudos Feministas**, p. 79-85, 1994.

FERREIRA DA ROSA. **O lupanar**: estudo sobre o caftismo e a prostituicao no Rio de Janeiro : primeira parte da serie de artigos publicados n'O Paiz sob a epigraphe a Podridao do vicio. Rio de Janeiro: [s.n.], 1896.

FERREIRA, A. J. Family myth and homeostasis. **Archives of General Psychiatry**,9, p. 457-463, 1963.

FIGUEREDO, M. Le rôle soci-économique des femmes chefs de familles. **Tiers monde XXI**, p. (84), 871-91, 1980.

FONSECA, C. A dupla carreira da mulher prostituta. **Estudos Feministas**, 1996.

FONSECA, G. **História da Prostituição em São Paulo**. São Paulo: Editora Resenha Universitária, 1982.

FREITAS, R. S. **Bordel, Bordéis**: Negociando Identidades. Petrópolis: Vozes, 1985.

FREIXA, M. La familia. In: REDON, J. M. **La bolsa de los valores. Materiales para una ética ciudadana**. Barcelona: Ariel, 1998. p. 143-156.

GABEIRA, F. Gabeira, 2003. Disponível em: <[www.gabeira43.com.br](http://www.gabeira43.com.br)>.

GASPAR, M. **Garotas de Programa - Prostituição em Copacabana e Identidade Social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNESP, 1993.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1975.

GOFFMAN, E. **Estigma - Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOLDWASSER, M. Cria fama e deita-te na cama: um estudo de estigmatização numa instituição total. In: VELHO, G. **Desvio e Divergência**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p. 29-51.

GUIMARÃES, K.; MÉRCHAN-HAMMAN, E. Comercializando Fantasias: A representação social da prostituição, dilemas da profissão e a construção de cidadania. **Estudos Feministas, Florianópolis**, p. 525-44, 2005.

HAHNER, J. E. **Emancipating the female sex**: The struggle for women's rights in Brazil 1850-1940. Durham: Duke University Press, 1990.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HOUAISS. **Houaiss Eletrônico 3.0**. [S.l.]: Editora Objetiva, 2009.

HUNT, M. M. **História Natural do Amor**. São Paulo: Ibrasa, 1963.

IBGE. **Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD)**. [S.l.]. 2007.

IMBER-BLACK, E. Os segredos na família e na terapia familiar: uma visão geral. In: IMBER-BLACK, E. **Os segredos na família e na terapia familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. p. 15-39.

ISTOÉ, R. PNAD 2009. **REVISTA ISTOÉ**, 08 set. 2010. Disponível em:

<[http://www.istoe.com.br/reportagens/100069\\_NUMERO+DE+FILHOS+POR+FAMILIA+VOLTA+A+AUMENTAR](http://www.istoe.com.br/reportagens/100069_NUMERO+DE+FILHOS+POR+FAMILIA+VOLTA+A+AUMENTAR)>. Acesso em: outubro 2010.

JULIANO, D. El peso de la discriminación debates teóricos y fundamentaciones. In: OSBORNE, R. **Trabajadoras Del sexo: derechos, migraciones y tráfico en el**. Barcelona : Edicions Bellaterra, 2004. p. Cap. 1, p. 43-55.

JULIANO, D. El trabajo sexual em La mira. Polêmicas y estereótipos. **Cadernos Pagu (25), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp**, p. 80-8, jul./dez. 2005.

KEHL, M., 2003. Disponível em: <[www.mariaritakehl.psc.br/PDF/emdefesadafamiliatentacular.pdf](http://www.mariaritakehl.psc.br/PDF/emdefesadafamiliatentacular.pdf)>. Acesso em: 2010 outubro.

KEMPADOO, K. Introduction. In: KEMPADOO, K.; DOEZEMA, J. **Global sex workers, Rights, Resistance, and Redefinition**. London: Routledge, 1998.

KNIBIELHER, Y.; FOUQUET, C. **Histoire des Mères**. Paris: Montalba, 1977.

KUNSTADTER, P. A survery of the consanguine or matrifocal family. **American Anthropologist**, p. (65) 56-66, 1963.

KUSHNIR, B. **Baile de Máscaras - Mulheres judias e prostituição**. São Paulo: Imago, 1996.

L., B. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

LAGENEST, H. D. B. **Lenocínio e Prostituição no Brasil**. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

LAGENEST, H. D. B. **Mulheres em Leilão**. Petrópolis: Vozes, 1975.

LANDIM, F.; AL., E. Comunidade mutirante: características familiares e suas redes de suporte social. **RBPS**, p. 17 (4): 177-86, 2004.

LANGEVIN, A. Régulation Sociale du Temps Fertile des Femmes. In: LANGEVIN, A. **Le sexe du Travail**. Grenoble: PUG, 1984. p. 31-41.

LAURENTIS, T. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, B. H. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LE RIDER, J. **A modernidade vienense e as crises de identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

LEITE, G. **Eu, mulher da vida**. São Paulo: Editora Rosa dos Tempos, 1992.

LEITE, G., 2009. Disponível em: <[http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/723/entrevistados/gabriela\\_leite\\_2009.htm](http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/723/entrevistados/gabriela_leite_2009.htm)>. Acesso em: outubro 2010.

LEITE, G. **Filha, mãe, avó e puta**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LEITE, J. L. **A República do Mangue: controle policial e prostituição no Rio de Janeiro (1954-1974)**. [S.l.]: Yendis, 2005.

LEONINE, L. Os Clientes das Prostitutas: Algumas Reflexões a Respeito de uma Pesquisa sobre a Prostituição em Milão. In: SCHPUN, M. **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo editorial, 2004. p. 79-106.

LÉVIS-STRAUSS, C. A Família. In: SHAPIRO, H. L. **Homem, cultura e sociedade**. Brasil / Portugal: Fundo de Cultura, 1972.

LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma Perspectiva Pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MAGALHÃES, A. S.; FÉRES-CARNEIRO, T. Transmissão psíquica geracional na contemporaneidade. **Psicologia em Revista**, p. 10 (16): 243-255, 2004.

MALAREK, V. **The Johns: Sex for Sale and the Men Who Buy It**. New York: Arcade Publishing, 2009.

MATOS, M. Introdução: reinventando os vínculos amorosos. In: MATOS, M. **Reinvenções do Vínculo Amoroso: cultura e identidade de gênero na modernidade tardia**. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2000. p. 17-29.

MATOS, M.; JABLONSKI, B.; FÉRES-CARNEIRO, T. Adolescência e relações amorosas: um estudo sobre jovens das camadas populares cariocas. **Revista Interação em Psicologia**, V.9, n.1, 2005. 21-33.

MAYORGA, C.; PRADO, M. A. M. **Psicologia Social: Articulando Saberes e Fazeres**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MCKEGANEY, N.; BARNARD, M. **Sex Work on the Streets: Prostitutes and Their Clients**. Buckingham: Open University Press, 1996.

MORAES, A. **Mulheres da Vila**. Petrópolis: Vozes, 1995.

MOTOMURA, M. Como era o sexo na antiguidade? **Mundo Estranho**. Disponível em: <<http://mundoestranho.abril.com.br/historia/como-era-sexo-antiguidade-431995.shtml>>. Acesso em: 29 agosto 2009.

NEDER, G. Ajustando o foco das lentes: um novo olhar sobre a organização das famílias no Brasil. In: KALOUSTIAN, S. M. **Família Brasileira - a base de tudo**. Brasília: Cortez Editora, 2008.

NOBRE, C. Vila Mimosa ganha posto médico. **Beijo da Rua**, 2002. Disponível em: <<http://www.beijodarua.com.br/materia.asp?coluna=6&edicao=1&num=1&reportagem=92>>. Acesso em: Abril 2010.

PARK, R. A Cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano. In: VELHO, G. **Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

PARKER, R. G. **Corpos, Prazeres e Paixões. A cultura sexual no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Best Seller, 1991.

PASINI, E. "**Corpos em Evidência**", pontos em ruas, mundos em pontos: a prostituição na região da Rua Augusta em São Paulo. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. São Paulo: [s.n.]. 2000.

PASINI, E. Sexo para quase todos: a prostituição feminina na Vila Mimosa. **Caderno PAGU**, p. no.25 Campinas July/Dec. 2005, 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332005000200008&script=sci\\_arttext&tlng=ES](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332005000200008&script=sci_arttext&tlng=ES)>. Acesso em: 17 Maio 2010.

PEREIRA, A. **Sexo e Prostituição**. Rio de Janeiro: Pallas, 1968.

PEREIRA, A. **Prostituição: uma visão global**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Pallas, 1976.

PIRES DE ALMEIDA, J. **Higiene moral**. Rio de Janeiro: Laemmert, 1906.

PITTMAN, F. **Momentos decisivos: Tratamiento de familias en situaciones de crisis**. Buenos Aires: Paidós, 1990.

PRIORE, M. **História do Amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.

PRIORE, M. **Ao Sul do Corpo - Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia**. São Paulo: UNESP, 2009.

PROSTITUTA, R. B. D. Disponível em: <[www.redeprostitutas.org.br](http://www.redeprostitutas.org.br)>. Acesso em: abril 2009.

QUALLS-COBERT, N. **A prostituta sagrada - A face eterna do feminino**. São Paulo: Editora Paulus, 2005.

RAGO, M. **Do cabaré ao Lar - A utopia da cidade disciplinar (1890-1930)**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

RAGO, M. **Os prazeres da noite - Prostituição e Códigos da Sexualidade Feminina em São Paulo (1890-1930)**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

RIBEIRO, A. Mulheres educadas na colônia. In: LOPES, E. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 79.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RICHARDS, J. **Sexo, desvio e danação - as minorias na Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1993.

ROBERTS, N. **As Prostitutas na História**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1998.

ROCHA-COUTINHO, M. Variações sobre um antigo tema: a maternidade para mulheres com uma carreira profissional bem-sucedida. In: FÉRES-CARNEIRO, T. **Família e Casal - efeitos da contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2005. p. 122-37.

RODRIGUES, A.; ASSMAR, E. M. L.; BERNARDO, J. **Psicologia Social, 27a. edição**. Petrópolis: Vozes, 2009.

ROSSI, C. Os novos vínculos conjugais: vicissitudes e contradições. In: GOMES, P. B. **Vínculos amorosos contemporâneos: psicodinâmica das novas estruturas familiares**. São Paulo: Callis, 2003. p. 77-108.

ROSSIAUD, J. **A Prostituição na Idade Média**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2003.

RUIZ CORREA, O. B. **O Legado Familiar: a tecelagem grupal da transmissão psíquica**. Rio de Janeiro: Editora Contra Capa, 2000.

RUSSO, G. **Rodando a bolsinha: dinheiro e relações de prostituição**. Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Natal: [s.n.]. 2006.

SAMARA, E. **As Mulheres, o Poder e a Família: São Paulo, século XIX**. São Paulo: Editora Marco Zero & Secretaria do Estado da Cultura de São Paulo, 1989.

SAMARA, E. **A Família Brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SARBIN, T. R. . & A. V. L. Increasing participation in a natural group setting: A preliminary report.. **Psychological Record**, p. 18, 1-7., 1968.

SCAVONI, L. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. **Interface \_ Comunic, Saúde, Educ,v.5, n.8**, p. 47-60, 2001.

SCOTT, J. Gênero, uma categoria útil de análise histórica, jul-dez V.20, n.2, 1995.

SECRETARIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL, C. E. T. G. D. E. D. M. G. D. S. **Rompendo o círculo da violência: como combater a violência, o abuso e a exploração infanto-juvenil**. Campo Grande. 2001.

SHORTER, E. **Le corps des femmes**. Paris: Seuil, 1992.

SIMMEL, G. **La metropolis e La vita dello Spirito**. Roma: Armando, 1995.

SIMÕES, S. S. **Vila Mimosa: Etnografia da Cidade Cenográfica da Prostituição Carioca**. Rio de Janeiro: EDUFF, 2010.

SOARES, S. A. Exploração sexual comercial de crianças e adolescentes: em que medida o foco é a criança. **Texto & Contexto Enfermagem, Florianópolis**, maio/ agosto 1999. 8 (2): 510-3.

SOUZA, A. **Entre a reclusão e o enfrentamento: a realidade da condição feminina no Espírito Santo a partir dos autos criminais (1845-1870)**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais. Vitória: [s.n.]. 2007.

SOUZA, E.; BALDWIN, J. A construção social dos papéis sexuais femininos. **Psicologia, Reflexão e Crítica**, v.13, n.03, p.03, 2000. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/psicologia/revista>>. Acesso em: 2010.

SOUZA, F. I. **O Cliente- o outro lado da prostituição**. São Paulo: Annablume, 2000.

SWAIN, T. Feminismo e representações sociais: a invenção das mulheres nas revistas "femininas". **História: Questões & Debates. Curitiba:UFPR**, p. n.34, p.16, 2001.

TANNAHILL, R. **O Sexo na História**. Rio de Janeiro: Francisco Alvez, 1980.

THORTON, A.; YOUNG-DERMARCO, L. For decades of trends toward family issues in the United States: the 1960s through the 1990s.. **Journal of Marriage and the Family V.63, n.4**, 2001. 1009-1037.

VAITSMAN, J. **Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VANOYEKE, V. **La prostitution en Grèce et à Rome**. Paris: Les Belles Lettres, 1990.

VASCONCELOS, A. A prostituição de meninas e adolescentes no Recife. **Tempo de Presença, Recife**, p. 258:22-3, 1990.

VASCONCELOS, T. A perspectiva de gênero redimensionando a disciplina histórica. **Revista Ártemis**, p. n. 03 p. 02, 2005.

VELHO, G. **Projeto e Metamorfose**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

WAGNER, A.; COLS. **Como se perpetua a família: A transmissão dos Modelos Familiares**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

WAGNER, A.; FALCKE, D.; MEZA, E. Crenças e valores dos adolescentes acerca da família, separação e projetos de vida. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 10, 1997. 155-167.

WEEKS, J. **Sexuality and its Discontents: Meanings, Myths & Modern Sexualities**. London: Routledge, 1985.

WHITEHEAD, T. L. Residence, Kinship and Mating as survival strategies: a West Indian Example. **Journal of Marriage and the Family**, 1978. 40 (4), 817-28.

WIKIPEDIA. Disponível em:  
<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Prostitui%C3%A7%C3%A3o\\_na\\_Gr%C3%A9cia\\_Antiga](http://pt.wikipedia.org/wiki/Prostitui%C3%A7%C3%A3o_na_Gr%C3%A9cia_Antiga)>. Acesso em: 29 Agosto 2009.

ZAVALLONI, M.; LOUIS-GUÉRIN, C. **Identité sociale et conscience –Introduction à l'égo-écologie**. Montréal: Les Presses de l'Université de Montréal., 1984.

ZORDAN, E. P. O casamento na contemporaneidade: motivos, expectativas, atitudes e mitos. **Dissertação de Mestrado da Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**, 2002.

ZUSE, A.; ROSSATO, V.; BACKES, V. Genetograma: um instrumento de trabalho na compreensão sistêmica de vida. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, p. 10 (3): 308-20, 2002.

## 12- ANEXOS

Roteiro de Entrevista

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Estado civil:

Há quanto tempo você está na prostituição?

Como começou na profissão?

O que lhe fez procurar a prostituição?

Como foi parar na Vila Mimosa?

Você trabalha na Vila Mimosa em que horários? E em que dias?

Qual é a sua renda mensal?

O que você faz com o dinheiro que você ganha na prostituição?

Quem são os clientes que frequentam?

O que os clientes buscam?

Usa preservativos com clientes?

Usa drogas?

Já foi presa?

Com relação a sua vida pessoal, como foi a sua infância e adolescência?

Como era sua relação com seus pais?

E como se dá essa relação nos dias de hoje?

Eles sabem da sua profissão?

Você tem filhos? Quantos? Que idade?

Eles sabem do seu trabalho?

Com quem eles ficam enquanto você trabalha?

Você já fez algum aborto? Foi depois do ingresso na prostituição?

E em relação a parte amorosa? Como é a relação com namorados?

Usa preservativos com namorados?

Você pretende sair da prostituição?